

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Camila Nogueira de Sá Boaventura

THE WALKING DEAD:
**Estudo sobre o significado da série de TV e sua
relação com a sociedade ocidental contemporânea**

Taubaté – SP
2016

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Camila Nogueira de Sá Boaventura

THE WALKING DEAD:
**Estudo sobre o significado da série de TV e sua
relação com a sociedade ocidental contemporânea**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Humano.
Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.
Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva.

Taubaté – SP

CAMILA NOGUEIRA DE SÁ BOAVENTURA

THE WALKING DEAD:

Estudo sobre o significado da série de TV e sua relação com a sociedade ocidental contemporânea

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Humano.
Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.
Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva.

Data: 24/06/2016

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) André Luiz da Silva Universidade de Taubaté
Assinatura [assinatura]

Prof. (a) Dr. (a) José Fernando Rocha Universidade UNIGRANRIO
Assinatura [assinatura]

Prof. (a) Dr. (a) Elisa Maria Machado Boida Universidade UNITAU
Assinatura [assinatura]

Prof. (a) Dr. (a) _____ Universidade _____
Assinatura _____

MENSAGEM

Nota preliminar

Benedictus Dominus Deus noster qui dedit nobis signum.

“O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele, mortos, e ele um morto para eles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada- todas elas privam o intérprete da primeira condição para interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, ordena, reconstrói noutro nível o simbólico; tem, porém, que fazê-lo depois que se usou da simpatia e da intuição. Um dos fins da inteligência, no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não a tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é menos definível. Direi talvez, falando a uns que é a graça, falando a outros que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo”.

Fernando Pessoa

Dedico

Aos meus pais Silvino e Nilda e filhos, Pedro, Davi e Henrique minha origem e
continuidade...

Ao meu companheiro de toda vida, Giulliano.

A Deus por amorosamente permitir que assim tenha sido!

AGRADECIMENTOS

Ao meu irmão Adriano, parceiro de infância, traquinagens e alegrias, parte da minha história, inclusive da concretização desta pesquisa.

À minha irmã Silvia, amiga fiel, cuja escuta atenta e diálogos críticos constantes muito me enriquecem e sem a qual não seria como sou.

Queridas sobrinhas Anita, Manuela e Lis, flores delicadas do meu jardim.

Ao professor Doutor André Luiz da Silva por acreditar na possibilidade da realização deste trabalho e pela condução em sua elaboração.

Ao professor Doutor Geraldo Rocha, por aceitar generosamente compartilhar seu conhecimento na realização deste estudo.

À professora Doutora Rachel Duarte Abdala, por também aquiescer em contribuir com este trabalho.

À professora especialmente querida Doutora Elisa Maria de Andrade Brisola, por suas constantes contribuições, do início ao fim deste estudo.

Aos professores que ampliaram minha forma de entender as relações humanas, muita gratidão.

Aos colegas de mestrado que tanto compartilharam ansiedades e angústias.

Ana Carlota, anjinho enviado por Deus em minha vida para que eu aprendesse a confiar em mim.

Gratidão aos participantes, sem os quais a efetivação do estudo seria impossível.

Enfim, aos que direta ou indiretamente contribuem para meu movimento interno de ser uma pessoa melhor.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar inter-relações que se estabelecem entre os símbolos presentes no seriado *The Walking Dead* e a sociedade ocidental contemporânea através da fala de alguns de seus telespectadores. A grande repercussão desta temática nas variadas formas midiáticas é expressão da cultura de massa, própria da sociedade globalizada. Porém, tomando-se por norte as características da contemporaneidade torna-se possível pensar haver um significado presente em tal tema, visto que a arte pode ser entendida como uma forma de mediar expressões do sujeito e sua relação com a sociedade. Por outro lado, a cultura influencia diretamente na formação e constituição do indivíduo, reforçando a importância de se estudar expressões de tal natureza. O estudo se realizou por meio de pesquisa básica, qualitativa e exploratória quanto à abordagem do problema e objetivos. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados fontes bibliográficas e entrevistas semiestruturadas. Os resultados das análises sugerem uma correlação estreita entre o sentido simbólico apresentado no seriado e a vida contemporânea. Aspectos como imprevisibilidade e caos, subjacentes à vida de grandes centros urbanos, bem como individualismo, dificuldades em se encarar a finitude, massificação, consumismo, como padrões subjetivos do homem contemporâneo, foram alguns dos itens ressaltados como operadores simbólicos no seriado e na sociedade ocidental contemporânea. O conteúdo aterrorizante atribuído à figura zumbi quando expresso em filmes e no seriado estudado pode ser entendido como forma de expressão contundente de aspectos socioculturais como a sujeição ao consumo excessivo e pouco racional que testemunhamos cotidianamente.

PALAVRAS-CHAVE: Zumbi, Simbologia, Desenvolvimento Humano, Contemporaneidade.

ABSTRACT

This study aimed to investigate interrelations established between the symbols present in The Walking Dead series and the contemporary western society through speech of some of its viewers. The major impact of this issue in various media forms are expressions of mass culture, typical of the globalized society. However, taking the north by contemporary characteristics becomes possible to think there is a meaning present in this theme, since art can be understood as a way of mediating expression of the subject and its relationship with society. On the other hand, culture directly influences the formation and constitution of the individual, reinforcing the importance of studying expressions of such a nature. The study was conducted through basic research, qualitative and exploratory as to the problem and objective approach. It was used as a collection tool data bibliographic sources found and semi-structured interviews. The test results suggest a close correlation between the symbolic meaning presented in the show and in contemporary life. Aspects such as unpredictability and chaos underlying the life of large urban centers, as well as individualism, difficulties in face finitude, massification, consumerism, and subjective standards of contemporary man, were some of the highlighted items as symbolic operators in the show and in Western society contemporary. The terrifying content assigned to the figure when expressed in zombie films and studied series can be understood as a form of forceful expression of socio-cultural aspects such as being subject to excessive consumption and irrational we witness daily.

KEYWORDS: Zombie, Symbolology, Human Development, Contemporaneity.

FIGURAS

Figura 1- Cena do filme: “Noite dos Mortos Vivos”	101
Figura 2-Produções de filmes sobre zumbis e momentos históricos nos E.U.A.	103
Figura 3- Imagem de participante de <i>Zombie Walk</i>	107
Figura 4- Imagem de participantes de <i>Zombie Walks</i>	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Problema	15
Objetivos	16
Objetivo Geral	16
Objetivos Específicos	16
Relevância do Estudo/ Justificativa	16
Organização do Trabalho	18
1 MÉTODO	21
1.1 Delimitação do estudo	22
1.2 Tipo de pesquisa	24
1.3 Participantes	24
1.4 Instrumentos	28
1.5 Procedimentos para Coleta de Dados	28
1.6 Procedimentos para Análises de Dados	29
2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CARACTERÍSTICAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS	31
2.1 Enfoques teóricos sobre o contexto atual	34
2.2 Mídia e consumo na contemporaneidade	42
2.3 Mídia, consumo e subjetividade	47
3 TEORIA CULTURAL E PSICANÁLISE: INTERFACE ENTRE SABERES	67
3.1 Teoria cultural	67
3.2 A psicanálise e sua contribuição teórica	74
3.3 O estudo dos mitos como elo entre a teoria cultural e psicanálise	83
4 DESENVOLVIMENTO HUMANO E ASPECTOS SIMBÓLICOS DO ZUMBI NA MÍDIA GLOBALIZADA	91
4.1 Manifestações simbólicas em contextos sociais e possíveis interpretações	92
4.2 <i>The Walking Dead</i> e a figura do Zumbi na cultura ocidental contemporânea	95
4.2.1 <i>As Zombie Walks</i>	106
4.3 A dimensão simbólica do Zumbi: possibilidades de interpretações	110
4.3.1 O simbolismo da morte e do envelhecimento	111
4.3.2 O simbolismo do corpo	113
4.3.3 O simbolismo da massificação e do consumo	118

4.3.4 O simbolismo da toxicomania e outros vícios	123
4.3.5 O simbolismo do isolamento	129
4.3.6 Deparando-se com a realidade: a grande ilusão	129
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICES	145
ANEXOS	146

INTRODUÇÃO

Este estudo foi cogitado a partir da fala de um garoto de 11 anos que, certo dia, ao ler seu livro sobre a saga *The Walking Dead*, disse: “Mãe, acho que isso tem alguma coisa a ver com seu trabalho!” Ele se referia ao fato da mãe ser psicóloga e, em seu entendimento, possivelmente se interessar por homens que morriam e voltavam à vida na forma zumbi, sem sua capacidade de pensar. Seguindo a intuição do garoto - e contando com o apoio de orientação e literatura - o projeto foi ganhando vida.

Desta feita, ainda em fase inicial deste constructo, a atração pelo tema foi se fortalecendo ao passo que era observada a repetição crescente da figura do zumbi em produtos diversos, sejam eles filmes, games, seriados, desenhos animados ou em estampas de objetos como calçados e afins. A hipótese de que esta repercussão comportaria algo de simbólico que envolvesse ligações com a sociedade atual foi, então, tomada como possibilidade. Porém, o leque de estudos na área, bem como a amplitude e as raízes a que tal trabalho remeteu, foi alvo de agradáveis surpresas, cujos pontos principais serão retomados a seguir.

Definido o primeiro norte, buscou-se, a partir de então, direcionar o “recém-nascido” trabalho em uma olhar interdisciplinar, proposta teórica do programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano: formação, políticas e práticas sociais. Sabe-se que interdisciplinaridade é uma palavra que nos dias atuais tornou-se corrente ouvir. Equipes de educação, saúde, organizações, dentre outras, debatem sobre este termo tentando aproximar suas práticas do que venha significar o mesmo. Conforme define o dicionário Aurélio (2011), interdisciplinaridade diz respeito ao que é comum a dois ou mais campos disciplinares inter-relacionados, sendo que refletir sobre tal afirmativa suscita entender uma forma de fazer integralizado, uma forma de observar fenômenos de maneira global. Na antiguidade grega, embora o ensino fosse dividido metodologicamente entre artes matemáticas e artes da linguagem, em sua prática este processo atendia o ideal da universalidade, pois a formação do cidadão grego abarcava o domínio de todas as artes (AIUB, 2006). Segundo Aiub (2006), este domínio conduzia ao conhecimento da natureza, sociedade e de si, o que permitia um caminho rumo ao equilíbrio e à saúde. Esta forma de entendimento do universo veio a ser enfraquecida na modernidade, herdeira do discurso cartesiano que propunha a divisão das disciplinas em partes, a fim de facilitar a obtenção do conhecimento. Tal pressuposto, em sua forma

extremada, gerou multiplicidades de especializações técnicas, cujos benefícios não são negados, porém também conduziu à fragmentação na forma de entender o humano. Desta feita, ainda segundo Aiub (2006), na segunda metade do século XX, a interdisciplinaridade se apresenta como alternativa ante tal fragmentação do saber.

No seio deste movimento contemporâneo que busca ações interdisciplinares surge a proposta do presente estudo. Este compreendeu uma pesquisa de mestrado sob o viés interdisciplinar, cuja construção se apresentou como um grande desafio. Desafio no cruzamento entre o saber da psicanálise e da teoria cultural. Desafio quanto à escolha do objeto de estudo, o seriado norte-americano denominado *The Walking Dead*, para descobrir a atribuição simbólica que este poderia comportar e sua relação com o contexto social atual. Por último, mais um atributo do desafio foi o caminho escolhido para ascender a tal correlação que englobou ouvir telespectadores do seriado em questão, dando voz ao sujeito imerso no contemporâneo e alçando ouvir tal voz com a amplitude interdisciplinar.

O programa televisivo selecionado para o trabalho trata, como mencionado, da série *The Walking Dead*¹, cujo lançamento na televisão foi precedido por seu surgimento em histórias em quadrinhos no ano de 2003. De forma *mui* sucinta pode-se considerar que esta versava sobre o “dia Z”, ou seja, o dia em que os mortos são chamados à vida novamente e saem em busca de carne humana para saciarem sua fome (DANA, 2014). A trama circula em torno da história de vida de sobreviventes/heróis que tentam se safar dos zumbis que se proliferam. Um dos ápices principais da história se refere ao fato de que a transformação se dá devido à infecção de todos os seres humanos por um vírus ainda não identificado que faz com que, após o óbito, o sistema nervoso central do cadáver seja alterado, fazendo-o se mover em busca de carne humana, porém já sem as mesmas características que possuía enquanto ser vivente. O início da primeira temporada narra o momento em que um policial chamado Rick é atingido em uma diligência e fica em coma no hospital. Ao recobrar a consciência o “dia Z” já se deu, sendo que Rick se depara com o caos ao seu redor, destruição, morte e zumbis por todos os lados. A partir de então, a ênfase se dá na busca deste personagem principal por sua esposa e filho. Em capítulos futuros eles se reencontram e o policial descobre que a esposa o trai com seu melhor amigo. Na sequência ela engravida, dá à

¹ Daqui por diante, o nome do seriado será indicado pela sigla T.W.D.

luz e morre na terceira temporada. A grande luta do herói é salvar seus filhos e para tal se une a um grupo de aliados que, por vezes, deixam a trama ao falecerem. Em 2010 as histórias se transformaram em séries televisivas, atingindo audiências extremas tanto nos E.U.A. quanto no Brasil. Hoje, após a sexta temporada na televisão americana, os fãs de T.W.D. possuem grupos e comunidades na internet, twitter, facebook². Em 2012, conforme descreve o site *The Walking Dead Brasil*, foi lançado no país o primeiro volume do livro derivado da série, denominado *The Walking Dead: a ascensão do governador*, pela editora Galera Record. Em 2013 houve o lançamento do segundo volume, *The Walking Dead: o caminho para Woodbury*. Em Janeiro de 2014 foi lançado o terceiro deles, *The Walking Dead: a queda do governador parte 1* e em Março *The Walking Dead: a queda do governador- parte 2*. Nobre e Inocência (2012) atentam para o fato de que em 2011, T.W.D. já era uma série de sucesso consolidada, adquirindo o respeito entre os críticos (o seriado foi aclamado por sua dramaticidade, direção de fotografia e produção de figurino e maquiagem, além das atuações do elenco). Somado a este dado informaram que a primeira temporada foi assistida por mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo, transmitida em 122 países e 35 idiomas. No mês de março de 2016 a *Universal Studios*, parque de Orlando nos Estados Unidos, divulgou uma atração fixa baseada no seriado, cujo propósito é fazer com que o participante se sinta partilhando da sensação de como seria estar no final do mundo (ESTRELANDO, 2016).

Concomitante a estes acontecimentos, a televisão foi invadida por séries e filmes com temática semelhante, sendo talvez apropriada a consideração de que os mortos-vivos estariam “na moda”. Séries como “*In the flesh*”, “*Les revenants*”, “*Bite me*” e “*Nerd of the dead*” são nomes outros que exploram a temática de formas alternativas. A última das citadas foi produzida no Brasil, uma web-série brasileira feita de maneira independente, conforme consta no site Geek Café, em página escrita por Lima (2014). No cenário literário “*Northern Lights*”, “*Morra por mim*”, “*Walkers: a serious parody of The Walking Dead Series*”, “*Apocalipse Zumbi 2: inferno na terra*”, “*O vale dos mortos*”, “*Biohazard 6: story guide*” englobam os lançados apenas no ano de 2013 nos E.U. A. e Brasil, fora os anteriormente mencionados (UNIVERSO ZUMBI, 2014).

² Exemplos de tais comunidades são os sites:

The WalkingDeadBrasil, disponível em: < <http://www.thewalkingdead.com.br/>>;

WALKINGDEADB.COM, disponível em: <http://walkingdeadbr.com/the-walking-dead-alexandria/>>;

The WalkingDead: os mortos vivem, os vivos morrem!, disponível em:

<<https://plus.google.com/communities/111964695161585347773?hl=pt-BR&partnerid=gplp0>>

Este estudo se baseou em uma investigação sobre a possível correlação entre o significado simbólico atribuído ao seriado T.W.D. e a condição da sociedade contemporânea. A fim de atingir tal proposta, a figura proeminente do zumbi foi investigada em seus amplos significados, desde o conhecimento de seu surgimento à sua utilização como representação simbólica de questões sociais importantes como envelhecimento, relações com o corpo, massificação e consumo, toxicomania, isolamento e preconceito racial, todas presentes na sociedade contemporânea. Essa sociedade tem apresentado, de forma acelerada, significativas transformações, podendo, à guisa de exemplificação, ser citada a característica apontada por Giddens (1997), qual seja, sua pós-tradicionalidade. Muitos rituais mantidos durante gerações, que foram base da relação espaço-tempo, bem como suporte para formação de identidades, foram abrindo espaço à globalização. Esta tem redimensionado a relação com o espaço por ser uma “ação a distância” e a sociedade moderna pós-tradicional ser a primeira sociedade global, o que traz consequências em diferentes esferas. Somadas às características do atual tempo-espaço globalizado, observa-se grande desenvolvimento tecnológico, refletido em diversas áreas. Comunicação, mídia e entretenimento são exemplos deste processo que exerce influência na formação do ser. Por isso, se tornou pertinente refletir sobre questões referentes ao processo de formação humana no âmbito da comunicação das massas. No tocante à imagem da figura zumbi, personagens apresentados como assustadores e cuja representação, à primeira vista, suscita aspectos negativos, provocaram a necessidade de aprofundar conhecimento sobre sua origem e significação simbólica para além da proposição negativa apresentada, extrapolando os limites de tal figura através da investigação de sua origem, bem como da mescla de significados que contém por se tratar de um símbolo.

A saga da série, envolvendo a vida após a infecção viral que transforma os indivíduos vivos em zumbis, conduziu ao conhecimento desta figura (zumbi) no quarto capítulo. O zumbi obtém suas raízes em uma lenda da religião Vodou, de origem haitiana. Os africanos escravizados praticavam tal religião quando trazidos para América espanhola - na região haitiana - e o movimento religioso foi uma forma de resistência contra a dominação, o que culminou com o Haiti sendo o primeiro país da América a se libertar da escravização europeia. Verificaram-se indícios de que a deturpação disseminada, via senso comum, de tal religião não permite contemplar seu caráter genuíno de valores espirituais legítimos e seu papel social, cuja participação

como forma de resistência e articulação política se concretizou no Haiti, conforme os autores consultados puderam ressaltar (SÁ, 2014; PROSPERI e GENTINI, 2013; FONSECA, 2011). Fora este alicerce do mito, a figura zumbi sofreu transformações após estar em evidência nos cinemas. Há uma correlação entre o aumento do uso de tal tema em filmes e momentos de crises nos E.U.A. O hibridismo da figura comporta significados múltiplos como o consumismo, a degradação das sociedades e do homem, a negação da morte, toxicomania, envelhecimento, dentre outras associações simbólicas condensadas no mito zumbi.

Problema

Informações acima descritas sobre a audiência do seriado possibilitaram supor que há uma recente e enorme repercussão da obra *The Walking Dead* e de produtos de conteúdo semelhante ao desta série nos meios de comunicação. As considerações de que produtos culturais e artísticos podem ser mediações de expressão da correlação entre sujeito e sociedade, conforme descritas por Willians (1979), permitem questionar porque tal temática encontra tanta aceitação do público neste momento da história do Ocidente. Para investigar tal correlação buscou-se ouvir e analisar a fala de pessoas telespectadoras e interessadas no produto cultural mencionado, discutindo os significados que elas atribuem a tal produto da indústria cultural. Trata-se de uma abordagem que privilegia, assim, o entendimento da questão com base nos termos declarados pelos informantes no momento da realização das entrevistas. Considerando estas premissas, questionou-se sobre quais características da sociedade ocidental contemporânea são expressas por meio do conteúdo simbólico da série *The Walking Dead* (T.W.D.), segundo a apropriação de alguns de seus telespectadores?

Objetivos

Objetivo Geral

- Investigar quais inter-relações se estabelecem entre os símbolos presentes no seriado *The Walking Dead* e a sociedade ocidental contemporânea através da fala de seus telespectadores.

Objetivos Específicos

- Investigar características gerais da organização da sociedade ocidental contemporânea, a participação das mídias na formação das subjetividades na atualidade;

- Interpretar e discutir a significação simbólica do T.W.D. na percepção de alguns de seus telespectadores;

- Conhecer a relação que esses apreciadores selecionados estabelecem entre características da sociedade contemporânea e os símbolos da condição humana presentes na série.

Relevância do Estudo / Justificativa

Sabe-se que a sociedade contemporânea apresenta características próprias a seu contexto. O capitalismo, a cultura de massas, internet e as redes sociais se interligam na vida globalizada. Estes fatores, portanto, influenciam na formação de valores, estilos de vida e do homem em si.

O avassalador desenvolvimento tecnológico e a urbanização auxiliaram a construção de uma nova subjetividade, sedimentando a sociedade de consumo. As formas de lazer e entretenimento começaram a se direcionar para atividades efêmeras, com o intuito de satisfazerem essa nova subjetividade (MOUTINHO, s/d). Neste viés foi possível apostar na leitura enriquecedora de tais fenômenos através da Teoria Cultural e da Psicanálise. Esse apoio teórico permite a discussão de produtos culturais da sociedade atual, considerando-se que fenômenos massivos possam comportar

sentidos que digam algo a respeito de seus “consumidores” e da sociedade em que se encontram.

No presente estudo, dirigiu-se a atenção à série *The Walking Dead* que, por sua vez, baseia-se na História em Quadrinhos de mesmo nome. A temática destes contempla o apocalipse zumbi (dia Z), ou seja, o dia em que mortos voltam à vida para se alimentarem de carne humana.

A repercussão fora do país de origem (EUA), embora se considere esse exportador de cultura de massas, intriga pelo próprio conteúdo mórbido e angustiante oferecido num momento em que presumidamente as pessoas prezam pelo hedonismo, o prazer a todo custo. Tal qual é implícito na sociedade do “hiperconsumo” (LIPOVETSKI, 2004). Certamente buscar, através de um olhar científico, os sentidos desse movimento possibilitou entendê-lo, tomando-o assim como produto que permite pensar um fazer social.

A partir da questão levantada, da possibilidade de entender quais características da sociedade ocidental contemporânea estariam sendo expressas pelo conteúdo simbólico da série T.W.D., permeiam-se possibilidades de entendimento da forma como o indivíduo tem construído suas vivências, alegrias e pesares cotidianos. O estudo de produtos culturais contribui para a prática dos profissionais que direta ou indiretamente trabalham com o desenvolvimento humano em seus diferentes aspectos, permitindo repensar formas de conexão do simbólico com o social, ou seja, pensando em formas de reflexões que fortaleçam a compreensão do homem e mulher contemporâneos na condução de suas existências.

Longe da pretensão de esgotamento de questões tão amplas, o presente estudo pretendeu conhecer atores sociais declaradamente aficionados pelo cenário pós-apocalíptico apresentado em T.W.D, representantes de si próprios e de seus saberes e, ao mesmo tempo, do homem do cenário contemporâneo. Por fim, buscou-se fundamentalmente escutar e discutir o sentido, presumidamente compartilhado, que atribuem ao seriado em questão.

Organização do trabalho

No primeiro capítulo apresentou-se a proposta da pesquisa, cujo problema central se ateve em responder quais características da sociedade ocidental contemporânea são expressas por meio do conteúdo simbólico da série *The Walking Dead* (T.W.D.) para seus telespectadores. A coleta de dados se ancorou em bibliografias dispostas em livros, artigos expostos em bancos de dados ou periódicos eletrônicos ou demais fontes que contivessem material relativo ao tema. Na parte correspondente à pesquisa de campo, o instrumento de coleta foram entrevistas semiestruturadas realizadas com telespectadores do seriado T.W.D. que residissem em municípios selecionados previamente. Tais municípios, a saber, São Paulo e São José dos Campos – SP, foram selecionados por se enquadrarem como contextos que comportam características de grandes centros urbanos, locais em que se expressam nitidamente características do ocidente contemporâneo devido à urbanização e industrialização.

A metodologia adotada foi a da pesquisa de procedimento básico, com objetivos exploratórios e qualitativa quanto à forma de abordagem do problema. A coleta de dados foi feita através de pesquisa bibliográfica realizada em obras literárias sobre os assuntos abordados, banco de dados das Plataformas Scielo, Capes e Google acadêmico, bem como em outras fontes virtuais que comportassem informações sobre os descritores. Também foi utilizada a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas em participantes que assistem às séries, material base para as discussões e conclusões posteriores. Esta última se ancorou em um roteiro com eixos norteadores dos assuntos a serem abordados. Concomitante à apresentação teórica foram sendo realizadas as análises das falas dos participantes, como proposta da via metodológica qualitativa que, segundo Demo (2013, p.146), “não se comporta como acúmulo quantitativo justaposto e linear” das manifestações humanas. Ainda sobre as abordagens qualitativas e sobre o material coletado em entrevista gravada, este autor diz que é necessário categorizar o material de forma mais dinâmica e subjetiva, com maior flexibilidade, a fim de perceber a trama não linear do fenômeno (DEMO, 2013, p. 153).

O amparo teórico da teoria cultural e da psicanálise enlaçou a proposta interdisciplinar e o norte a ser seguido buscou como considera Fazenda (2012) a superação da dicotomia ciência/existência na pesquisa, traçando linhas entrecruzadas

entre objetividade e subjetividade. Em outro de seus trabalhos, Fazenda (2008) menciona que o conceito de interdisciplinaridade possibilita um novo olhar sobre as ciências fazendo com que o conhecimento científico seja ampliado, enriquecendo-se a prática por meio do entendimento da articulação das disciplinas para uma finalidade compartilhada, sendo, por fim, este o anseio que o presente estudo procurou seguir.

No capítulo dois da revisão literária buscou-se conhecer características da sociedade contemporânea ocidental e, desta forma, tornou-se evidente seu caráter globalizado, cujas inter-relações econômicas estão indiretamente conectadas ao perfil da subjetividade do homem atual, imerso neste contexto social.

Em primeira instância a reflexão foi introduzida pelo conteúdo do texto “O mal estar na civilização” de Freud (1996a) e estudos de antropólogos que assim como o primeiro autor consideram o sujeito social e psíquico como indissociáveis. Observou-se multiplicidade terminológica sobre o momento atual entre os autores. Giddens (1997) denomina o momento como sociedade pós-tradicional ou modernidade tardia, Harvey (2004) adere ao termo pós-modernidade e Lypovetsky (2004) define o presente momento como “hipermodernidade”. Apesar desta variedade, todos concordam com mudanças no contexto social e acentuação destas mudanças nas últimas décadas. O sistema capitalista, cuja lógica se pauta no consumo, prevalece como proposta econômica e para que o mesmo permaneça devem-se manter as relações econômicas entre países e o padrão de consumo dos mesmos, o que obviamente reafirma a inter-relação das escolhas individuais e hábitos de vida ao contexto social e vice-versa, tornando-os altamente reflexivos, conforme Giddens (1997). Para atingir tal finalidade de aumento do consumo, a tecnologia a serviço da mídia, da publicidade, do marketing, etc. ocupam papel fundamental. Surgem os elementos convergentes, ou seja, diferentes formas tecnológicas permitem acesso a conteúdos antes veiculados apenas via TV ou rádio, como ocorre com as séries e com o T.W.D. A oferta de produtos variados em amplos aspectos promete o acesso a um prazer absoluto, cada vez mais valorizado na cultura hedonista apregoada (FORTES, 2009; QUINET, 2009; KHEL, 2004). Para concluir o capítulo pesquisou-se sobre o papel da mídia, do consumo e a subjetividade do homem ocidental contemporâneo sendo impactada por tais processos. Surge um sujeito altamente hedonista, individualista e narcísico (SAROLDI, 2014; CANIATO e RODRIGUES, 2013; VIANA, 2012; FORTES, 2009; BAUMAN, 1998).

No terceiro capítulo objetivou-se conhecer a proposta dos estudos culturais enquanto forma ampla e diversificada teoricamente para entendimento dos produtos culturais. Tal estudo se mostrou como forma válida e coerente de entendimento das manifestações humanas, culturais em sua natureza. A quebra com a visão de que há produtos genuinamente “culturais” que visam elevação espiritual, considerando todas as manifestações humanas como práticas de cultura e, portanto, de relações que podem ser entendidas em uma leitura crítica, conforme aponta Willians (1979), trouxe muita contribuição ao modo de entender os produtos culturais diversos. Desse modo, compreender os mesmos como “mediações” da relação do homem com a sociedade apresentou-se como olhar pertinente ao entendimento do objeto desta pesquisa, o seriado *The Walking Dead*. Também foi necessário definir o campo de saber psicanalítico a fim de fazer menção a sua proposta de contribuição para produtos culturais. Intercruzando as disciplinas, a leitura dos mitos se evidenciou como atributo universal da linguagem humana, passível de interpretação e entendimento e presente em produtos da mídia voltada para o grande público.

No quarto capítulo enfim buscou-se o entendimento pormenorizado da origem da figura zumbi, sua relação com a religiosidade da população haitiana e sua utilização em filmes. Observou-se uma tendência a maior utilização deste tema em momentos históricos cruciais nos E.U. A. o que conduz à confirmação da multiplicidade simbólica contida nesta figura. Finalizando o capítulo tais possibilidades simbólicas foram abarcadas. Por último a conclusão do trabalho foi então apresentada.

1 MÉTODO

Diante do considerado até o momento, pode-se antever que toda base teórica apresentada, desde a elaboração do problema, apresenta um interesse pela simbologia como forma de expressão da sociedade humana. Dentro deste espectro maior, a teoria cultural, a psicanálise e suas interfaces, bem como autores das ciências sociais foram buscados como fontes explicativas dos fenômenos citados.

A fim de responder aos objetivos propostos, cabe ressaltar a concepção denominada de sociologia compreensiva que, conforme pontua Goldenberg (2004), se opõe à visão positivista de objetividade e separação radical entre sujeito e objeto da pesquisa. Esta, portanto, permite que seja natural cientistas sociais pesquisarem o que valorizam, almejando compreender valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão esta que só ocorre ao serem considerados, sobretudo os significados das mesmas. A autora destaca como maior representante da chamada sociologia compreensiva Max Weber (1864-1920); afinal, para ele, o principal interesse da ciência social seria o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, aquele a que os indivíduos agregam significado considerando o comportamento de seus pares. Finaliza entrementes seu raciocínio ressaltando que tais premissas diferenciam “[...] as ciências sociais das demais ciências, contextualização surgimento e o desenvolvimento das técnicas e métodos qualitativos de pesquisa social” (GOLDENBERG, 2004, p. 19). Adiante acrescenta como método desenvolvido a partir de ramificações desta perspectiva o que hoje se conhece por interacionismo simbólico. O conjunto de obras reunidas sob essa rubrica representam formas de pesquisa que priorizam os pontos de vista dos indivíduos, sendo o propósito destes a compreensão das significações que eles próprios põem em prática na construção de seu mundo social. Diante do fato da realidade social aparecer perante a maneira como os indivíduos veem o mundo, o meio mais adequado para captá-la é o que propicia ao pesquisador ver o mundo através "dos olhos dos pesquisados" (GOLDENBERG, 2004, p. 27).

No presente estudo pensou-se a metodologia por esses princípios, tornando-o uma pesquisa de abordagem qualitativa. Para Minayo (2009) tal perspectiva permite trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores atitudes,

convergingo para uma compreensão mais aprofundada das relações dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a variáveis quantitativas.

1.1 Delimitação do Estudo

A pesquisa teve como objeto as “leituras” do seriado *The Walking Dead* (T.W.D.) realizadas por uma seleção de seus telespectadores. Buscou-se a compreensão do possível sentido expresso por esta série correlativo ao cenário contemporâneo. Visou-se investigar o que este homem contemporâneo (aqui representado pelos telespectadores selecionados) pode indicar sobre a sociedade em que vive através da simbologia apresentada na série.

A série T.W.D. estreou em 31 de Outubro de 2010 na televisão americana e no Brasil em 02 de Novembro de 2010 e a partir de então a temática vem se fortalecendo nos meios midiáticos. Dentre as práticas relacionadas ao tema, ressaltam-se as caminhadas zumbis, ou *Zombie Walks* que ocorrem em diversas cidades do mundo desde 2001. No Brasil elas se iniciaram em 2006 na cidade de São Paulo, sempre no dia 2 de Novembro, data em que se comemora o Feriado de Finados, sendo a partir de então realizada concomitantemente em outras cidades e capitais de estados do país.

São Paulo e São José dos Campos são palcos de tal evento anualmente, fato indicador do público existente que adere à temática e que, ao mesmo tempo, reside em locais considerados como “modernizados” e “industrializados”.

Os critérios estabelecidos para participação no estudo foram: ser telespectador do seriado, de ambos os sexos, maior de 18 anos e residente em São Paulo ou São José dos Campos- SP, cenários seculares em que temas da morte e pós-morte reaparecem não apenas pelo viés do discurso religioso, mas também em temas de filmes, seriados ou práticas sociais como nas *Zombie Walks*.

A escolha do local de residência dos participantes ressalta o fato de que o questionamento que rege os objetivos deste projeto visa interligar fatores da sociedade ocidental contemporânea e a simbologia expressa na série, sendo que as cidades de São Paulo e São José dos Campos - SP são municípios que se enquadram como locais que

acentuadamente vivem os reflexos da contemporaneidade, dentre eles a industrialização, globalização, desemprego e insegurança.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2014), a chamada grande São Paulo apresentava para 2013 a estimativa de quase 12 milhões de habitantes, possuindo uma área territorial de 1,521 Km² e densidade demográfica de 7.398 26 habitantes por Km².

São José dos Campos localiza-se no Estado de São Paulo na região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte (RMVP-LN); possui dois distritos: Eugênio de Melo e São Francisco Xavier, segundo dados do site da prefeitura municipal. Conforme aponta o IBGE (2014) apresenta população estimada para 2014 de 680 mil habitantes e área territorial de 1099.409 Km². No Cadastro Central de Empresas de 2012 há o registro de 22.523 empresas atuantes no município com 23.440 unidades locais, o que caracteriza tal cidade como um polo industrial no Estado de São Paulo. O processo de industrialização tomou força a partir de 1950 com a instalação do então Centro Técnico Aeroespacial (CTA) hoje Departamento de Ciências e Tecnologia Aeroespacial (DCTA) e a inauguração da Via Dutra em 1951. Nas décadas seguintes o crescimento demográfico, industrial e urbano foi expressivo. Hoje a cidade constitui também um centro de compras e serviços na regional atendendo aproximadamente 2 milhões de pessoas do Vale do Paraíba e Sul de Minas Gerais (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, 2014).

* * *

As bases teóricas que sustentaram tal trabalho foram a teoria cultural e a psicanálise. A primeira em sua leitura sobre fenômenos culturais comporta demais disciplinas e suas interfaces, envolvendo características interdisciplinares. Conforme destacam Sedgwick e Edgar (2003), a mesma toma como seu domínio de pesquisa todos os aspectos da cultura, sendo tal imanente ao humano. Caracteriza-se como algo plural, negando a crença em uma única perspectiva teórica que possa ser associada à cultura, refletindo assim através da diversidade teórica que abarca os múltiplos significados que podem se associar ao termo; portanto, sua ligação se faz de forma ampla. No presente trabalho destacam-se como vertentes inter cruzadas, principalmente, a Sociologia, Antropologia e Psicanálise, por serem ciências que, além de estudarem fenômenos humanos, se questionam sobre as manifestações simbólicas dos mesmos. Esta última foi

tomada como eixo teórico adicional na medida em que oferece elementos para o entendimento do humano em sua constituição e dimensão profunda.

Cabe ressaltar que tal indagação é pertinente à linha de pesquisa “Desenvolvimento Humano: Identidade e Formação”, do programa de Pós- Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano, da Universidade de Taubaté, pois engloba os processos de formação no contexto permeado pela mídia e sua relação individual, social e psicológica.

1.2 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa, quanto aos objetivos, se caracterizou como exploratória, com abordagem qualitativa do problema. Quanto à sua natureza, ela se classifica como uma pesquisa básica.

A pesquisa exploratória, segundo Gil (1999, p.43), tem como principal finalidade desenvolvimento, esclarecimento e modificação de conceitos e ideias, sendo comum que envolva levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. O referencial teórico metodológico adotado no estudo foi o proposto pela teoria cultural e psicanálise.

1.3 Participantes

O perfil dos participantes desta pesquisa foram telespectadores que acompanham o seriado T.W.D., brasileiros, de ambos os sexos, maiores de 18 anos e residentes nas cidades de São Paulo ou São José dos Campos.

Com apoio na concepção de Goldenberg (2004), de que em pesquisas sociais busca-se metodologicamente alcançar a subjetividade e singularidade de fenômenos sociais, a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa nestas áreas está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e não à sua expressividade numérica. Desta feita, a quantidade:

[...] é substituída pela intensidade, imersão profunda—através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas — que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa (GOLDENBERG, 2004, p.50).

Portanto, o número de pessoas é menos importante do que refletir e esmiuçar o material coletado, a fim de enxergar a questão através de perspectivas múltiplas. Saroldi (2014, p. 07), ao mencionar a responsabilidade de não tecer generalizações, acrescenta, todavia, que as obras de Freud e Lacan são testemunhos muito contundentes de que é no entrelaçamento da escuta clínica do “um a um”, com as contribuições de outras disciplinas, que se pode lançar alguma luz sobre o que se chama de “sintomas sociais”.

Considerando o citado, optou-se pela composição de seis participantes, considerando-se um número que forneceria base suficiente para discussão do material e ampliação da discussão em tempo hábil, dada a natureza exploratória da pesquisa.

Visto que os objetivos desta se cunharam em dados qualitativos de investigação e conhecimento sobre o sentido atribuído à série por alguns dos que por ela se atraem, tal delimitação se tornou válida.

Os participantes foram localizados via participação em redes sociais (*Facebook*) ou via indicação de indivíduos próximos, à medida que preencheram o perfil delimitado e aceitaram contribuir com a proposta. O “*WhatsApp*” e a internet foram utilizados para agendamento do local e horário das entrevistas. Os seis primeiros participantes cujo perfil atendia ao proposto pelo estudo e que aceitaram a proposta foram selecionados.

No início da elaboração do projeto deste estudo, a proposta inicial de pesquisa foi definir como perfil para inclusão do participante que este fosse maior de idade, do sexo feminino ou masculino, praticante ou que já houvesse praticado caminhadas zumbis (*Zombie Walks*), telespectador da série T.W.D. e participante de site sobre a mesma. Porém, na busca destes verificou-se dificuldade em encontrar aqueles dispostos a colaborar que preenchessem todos os critérios de inclusão, sendo que ao serem encontrados colaboradores os mesmos não se encaixavam exatamente no perfil esperado. Dessa forma, levando-se em conta o foco central que visava encontrar os

significados do seriado para seus telespectadores, optou-se por abortar os dois outros requisitos (participantes de caminhadas e assinantes de sites) como obrigatórios à participação, embora não excludentes desta.

Foram entrevistadas seis pessoas, quatro residentes em São Paulo, sendo que dentre estas, duas residem no local por motivo de trabalho e retornam aos finais de semana para municípios vizinhos a este, nos quais possuem familiares. Outros dois são residentes em São José dos Campos-SP. Quatro participantes do sexo feminino e dois do sexo masculino. As faixas etárias variaram entre 23 a 36 anos. Três participantes eram casados e três solteiros.

As profissões dos mesmos variaram entre auxiliar administrativo, auxiliar de recursos humanos, secretária, funcionário público, publicitário e empresário. Os participantes foram identificados através das siglas P1, P2, P3, P4, P5 e P6, a fim de resguardar o sigilo de suas identidades.

P1 foi uma participante do sexo feminino, com idade de 29 anos, que trabalha de assistente administrativa na cidade de São José dos Campos- SP, local em que reside. Quando convidada a falar sobre si e sua rotina, de forma livre, assim a definiu:

Bom, eu trabalho e nas horas vagas fico em casa. E nesse tempo a gente assiste muitas séries, mas só isso, passeio só aos finais de semana. E... a gente vai muito só em shopping, e... esse é o nosso passeio de finais de semana. Dias de semana, a semana toda a gente assiste bastante série. É só isso (P1).

O participante P2, sexo masculino, 36 anos, funcionário público do Estado de São Paulo também trabalha e reside em São José dos Campos. Em resposta à primeira questão, assim define seu dia- a- dia:

Bom, eu sou uma pessoa tranquila, eu gosto ((ruídos)) (inint) eh... divertindo com a família, gosto muito de esporte, praticar, de assistir. Gosto de séries, várias. O 'hobby' nosso assim, quando a gente está meio à toa, eu a minha esposa, é assistir muitas séries. E gosto de estudar bastante, tenho facilidade, gosto de ler bastante e viajar também, de vez em quando é bom para espairecer um pouco. Dentro do normal, nada... (P2).

O participante P3, sexo feminino, 23 anos, publicitária e trabalha na área de marketing em uma empresa de *mobile games*, sendo tanto o local de trabalho quanto o de moradia o município de São Paulo durante a semana, aos finais de semana a mesma retorna à casa da família próxima a este município, em Itapeacerica da Serra- SP. Assim definiu sua rotina:

Tá. Bom, o meu nome é M. Eu trabalho numa empresa de games – de 'mobile games' –, então eu faço toda a parte de marketing para esses jogos, como é que eu vou divulgar o lançamento dos jogos e tal. Eu moro com a minha mãe aqui, em São Paulo, e com a minha cachorrinha. Namoro, meu namorado chama V., ele... trabalha no ramo de energia eólica. E de fim de semana a gente costuma – sei lá – ir no parque e ir no clube, piscina, ver série, que mais? Que mais...? Hum... eu faço terapia uma vez por semana...Eu faço esportes, pelo menos duas ou três vezes por semana, terminei o meu MBA em marketing digital o ano passado, hum... que mais que eu gosto? Gosto muito de filme, e gosto muito de ler, eu acho que eu gosto mais de ler mais do que de filme. Eu acho que é isso. (P. 3)

O participante P4, sexo feminino, 31 anos, reside e trabalha em São Paulo como secretária. Menciona sobre sua vida e hábitos costumeiros:

Bem, eu sou casada, eu não tenho filhos, eu e meu marido A., a gente costuma andar de bicicleta fim de semana para passear ou fazer caminhada com os nossos cachorros, [...] e a minha rotina é de segunda a sexta somente vir trabalhar. [...] e no fim de semana eu cuido da casa e a gente só faz esses passeios meio que de atividade física, porque é o que a gente não tem (P.4).

O participante P5 é do sexo feminino, 27 anos, reside e trabalha em São Paulo como auxiliar de departamento pessoal.

Tá, bom... eu trabalho na... no dia de semana eu só vou para o trabalho e depois à noite vou para academia, chego em casa dificilmente eu mexo no computador, porque já mexo o dia inteiro no computador, então. Eu mexo... eu fico... a gente fica no celular porque o celular é mais prático, né, então o dia de semana basicamente é isso [...] (P 5).

Por último, o participante P6 é do sexo masculino, tem 26 anos de idade, reside e trabalha em São Paulo como empresário, porém aos finais de semana também retorna à casa de familiares em um município próximo a São Paulo, denominado Bragança Paulista.

[...] Me divido entre leitura, entre o excesso de trabalho[...] Vou trabalhar, eh... coordeno coisas de comunicação digital, o que é que deve sair e o que não deve sair. Vejo meus interesses pessoais, particulares, tento conciliá-los nesse, principalmente no período da manhã. E me dedico ao serviço até por volta às 19:30, 20:00.[...] (P. 6).

Retomando o indicado acima, neste momento havia sido solicitado aos participantes que livremente falassem de si, mencionando seu cotidiano, o que faziam rotineiramente e como se divertem, incluindo suas formas de entretenimento preferidas. As respostas foram citadas a fim de familiarizar o leitor com os participantes do estudo.

1.4 Instrumentos

O instrumento para coleta de dados foi a pesquisa bibliográfica e a entrevista semiestruturada que, conforme Manzini (2001), se caracteriza por apresentar questionamentos básicos, apoiados em teorias relativas ao tema da pesquisa e tendo o foco principal vindo através do investigador-entrevistador.

Portanto, para desenvolver a etapa última, foi utilizado como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada contendo 7 (sete) eixos abordados pela pesquisadora (conforme Apêndice I).

1.5 Procedimentos para Coleta de Dados

Por utilizar seres humanos para a coleta de dados, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), que tem a finalidade maior de defender os interesses dos participantes do estudo em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos, sendo aprovado pelo parecer de número 947.376. Primeiramente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conforme Anexo A) aos indivíduos que aceitaram participar do estudo, sendo-lhes garantido o sigilo de sua identidade, bem como foi assegurada sua saída do presente estudo, se assim desejarem, a qualquer tempo.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, com roteiro prévio de perguntas (conforme Apêndice I), composto de eixos norteadores, nos quais se buscou conhecer a simbologia que o mesmo atribui ao seriado e se a seu ver há relação entre este e a sociedade contemporânea. As entrevistas foram gravadas em mídia digital e transcritas posteriormente, para serem analisadas por meio da técnica da Triangulação. As informações armazenadas no formato digital serão mantidas sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, quando então serão inutilizadas. As transcrições foram feitas de forma literal, havendo indicação de supressões através do uso de três pontos entre colchetes “[...]”, “...” à micro pausa ou interrupção ou alongamento vocálico, (inint) à palavra ou trecho que não pode ser compreendido, (palavra 1 / palavra 2) à incerteza da palavra, ou seja, apresentou-se a hipótese alternativa, ((palavra)) à comentários da transcrição, como por exemplo “((risos))”.

1.6 Procedimentos para Análise de Dados

Os dados obtidos por meio das entrevistas foram analisados pela Técnica da Triangulação. Lakatos e Marconi (2010) definem tal técnica como uma combinatória de metodologias diferentes no estudo de um fenômeno. Dessa forma, o objetivo seria abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do fato estudado. No presente estudo buscou-se focar o objeto por meio das fontes das entrevistas, do referencial teórico adotado (teoria cultural, cujas interfaces são múltiplas e psicanálise) e o contexto social em que tais elementos estão se apresentando.

Dessa forma, em um primeiro momento foram definidos os eixos norteadores da entrevista. Neles buscou-se conhecer um pouco sobre os participantes e sua rotina, suas formas de diversão e entretenimento. Em seguida, buscou-se saber desde quando assiste ao seriado objeto do estudo, sua motivação inicial e posterior. O significado do mesmo para o telespectador, bem como seu sentido simbólico foram outras questões, seguidas da opinião sobre o cenário social que observam. Por último, se questionou, diante do referido pelos participantes, se seria possível estabelecer uma relação entre a sociedade contemporânea e a simbologia do seriado. Esta sequência foi delineada a fim de atingir os objetivos propostos pelo estudo.

Depois de realizadas as entrevistas as mesmas foram transcritas e, então, se seguiu uma leitura sistemática do material, selecionando as falas que representassem a opinião expressa pelos participantes. A análise se deu através das inter-relações entre as observações das falas, o pesquisado em revisão literária e aspectos do contexto social.

2 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: CARACTERÍSTICAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS

“Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.”

Clifford Geertz (1989)

No final do ano de 1929, embora datado de 1930³, Freud, o fundador da psicanálise, publica um texto acerca da relação do homem com a civilização. Nele considera que aos humanos há ameaças de sofrimento vindas de três fontes: da decrepitude do corpo, das forças impiedosas da natureza e das relações entre os homens. Na civilização ocidental, estas ameaças têm seu ajuste garantido via família, Estado e sociedade. Se tal regulação não fosse feita, os relacionamentos ficariam sujeitos “à vontade arbitrária do indivíduo” (FREUD, 1996a, p. 101). Ou seja, as civilizações e sociedades são compostas por instituições que cumprem o papel de direcionarem atos de seus membros, a fim de garantir o convívio entre estes, na medida em que os impedem de agirem conforme seus impulsos ordenam.

A fim de tecer uma aproximação entre a concepção psicanalítica citada e visões antropológicas, convém evidenciar que a tentativa de tal relação não compreende algo novo. Werneck (2012); Froes e Viana (2013); Pontes (2004), por exemplo, discutem em seus trabalhos pontos em comuns e díspares entre as obras freudianas e de Lévi-Strauss. Para Froes e Viana (2013), poucos teóricos das ciências sociais mantiveram diálogo tão profundo e constante com a psicanálise como Lévi-Strauss. Conforme Werneck (2012), o ponto comum aos pensadores é a noção de que sonhos e mitos nascem de uma atividade mental inconsciente, à qual só se tem acesso por meio de um método específico de análise, seja o método psicanalítico de interpretação dos sonhos, seja a

³ Informação extraída da nota do editor inglês no texto “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1996a).

análise estrutural dos mitos⁴. Pontes (2004), por sua vez, refere que há outros aspetos concorrentes entre as obras, como a consideração de que o universal no homem corresponde à ordem de natureza, característico da espontaneidade, enquanto que, o que está sujeito a uma norma é pertencente à cultura e apresenta os atributos de relatividade e particularidade. Neste âmbito são recebidas as interferências das diferenças conjunturais, étnicas, simbólicas, de cada povo, contexto social e de outros fatores, como o econômico, o político e o ideológico. Sobre a particularidade cultural, o antropólogo Laplantine (1998, p. 23) considera que o que caracteriza uma sociedade é uma “configuração cultural” singular, uma lógica comungada e observada em suas instituições e nos comportamentos de seus membros.

Toda cultura⁵ busca realizar um objetivo, ignorando os indivíduos. Cada um de nós possui em si todas as tendências, mas a cultura à qual pertencemos procede de uma seleção. As instituições (e em particular as instituições educativas- família, escola, ritos de iniciação) visam, inconscientemente, a que os indivíduos fiquem em conformidade com os valores de cada cultura. (LAPLANTINE, 1998, p. 23)

A partir destes pressupostos, retoma-se Freud (1996a) e suas considerações de que os que estão inseridos na civilização acabam sacrificando em partes suas pulsões agressivas e sexuais. Tal ato não se torna ileso, na medida em que seria responsável por parte dos sofrimentos humanos, pois para domar pulsões agressivas haverá de se valer da ação do superego⁶ e do consequente sentimento de ansiedade e culpa causado por esta instância psíquica ao indivíduo. Em relação ao surgimento do último sentimento citado, o autor diz:

[...] todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é expressão tanto do conflito devido à ambivalência⁷, quanto da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viverem juntos. Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no

⁴ Este tema será novamente retomado em item subsequente.

⁵ O conceito de cultura será definido no capítulo 3 do presente trabalho.

⁶ Instância psíquica originada da internalização de autoridades proibitivas, especialmente oriunda do terceiro elemento entre a relação mãe e filho que proíbe o incesto. Depois de internalizada, tal instância julga comportamentos “certos” ou “errados”, conforme as leis vigentes na cultura. Informações descritas no texto O ego e o Id, de Freud (1996c).

⁷ Aqui está se referindo ao amor e ódio a figuras parentais (descrito no decorrer do texto citado).

complexo edipiano⁸, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. Quando se faz uma tentativa para ampliar a comunidade, o mesmo conflito continua sob formas que dependem do passado; é fortalecido e resulta numa intensificação adicional do sentimento de culpa. Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa (FREUD, 1996a, p.135).

Finalizando suas considerações, o autor menciona que tal sentimento pode assumir uma manifestação inconsciente, até mesmo ser considerado como uma variação da ansiedade, oriunda de um medo do superego. Estes apareceriam sob a forma de mal-estar, insatisfações para as quais se atribuem outras causas, sendo o convívio com tal sentimento o “preço a ser pago” para que a civilização ocorra e haja união dos indivíduos que dela fazem parte. Ainda nesta obra, Freud considera que a comunidade desenvolve um superego que influencia a evolução cultural. Os fatores pelos quais os indivíduos se atormentam ou julgam erradas suas atitudes coincidem com preceitos culturais predominantes. Dessa forma, a afirmação do autor é de que os processos do desenvolvimento cultural do grupo e do desenvolvimento cultural dos indivíduos se acham, por assim dizer, interligados. “Daí algumas das manifestações e propriedades do superego poderem ser mais facilmente detectadas em seu comportamento na comunidade cultural do que no indivíduo isolado” (FREUD, 1996a, p. 144).

Considerando a constituição do humano como individual e ao mesmo tempo social, se torna pertinente refletir sobre o momento presente e os componentes sociais deste cenário. Ora, transpassados aproximadamente oitenta e cinco anos e com as mudanças no contexto social desde então, seria possível entender tais elementos pelo mesmo viés freudiano? Para Viana (2012), o texto freudiano permite pensar além da época em que foi escrito, auxiliando inclusive no entendimento do mal-estar do homem contemporâneo, visto que em dados momentos certos valores são estimulados em detrimento de outros que não mais se enquadram aos significados partilhados e ideais vigentes.

⁸ Processo vivido pelo infante e através do qual este estruturará sua personalidade.

2.1 Enfoques teóricos sobre o contexto atual

Em meio aos estudiosos das áreas de ciências humanas, é corrente o fato de não haver adoção comum entre autores sobre a terminologia que melhor definiria o momento atual. Pós-modernidade é um termo defendido por Harvey (2004) cuja tônica se dá em verificar o efêmero, fragmentário e descontínuo outrora presentes também na modernidade, porém agora encarados de formas diferentes. Para Harvey (2004), enquanto na modernidade a busca do homem seria por elementos eternos e imutáveis mediante as mudanças, na pós-modernidade aspectos fragmentários e caóticos são aceitos e encarados de outra forma.

Giddens (1991, p. 8), por sua vez, comenta que “modernidade” implica no estilo e costume de vida que emergiram na Europa a partir do século XVII, se tornando posteriormente influência mundial. Dessa forma, segundo o autor,

[...] muita gente argumenta que estamos no limiar de uma nova era, a qual as ciências sociais devem responder e que está nos levando para além da própria modernidade. Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para esta transição, alguns dos quais se referem positivamente à emergência de um novo tipo de sistema social (tal como a “sociedade da informação” ou a “sociedade de consumo”), mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, está chegando a um encerramento (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-moderna”, e assim por diante) (GIDDENS, 1991, p. 8).

A validade da alteração terminológica, segundo o autor, sustenta-se pela sensação compartilhada de que a organização social não mais permite um conhecimento sistemático e definido sobre si, sendo presente a invasão assoladora causada por eventos não compreendidos e fora de controle. Porém, no entendimento de Giddens (1991), não seria o caso de se aderir a novas terminologias e, sim, de considerar a natureza da própria modernidade, que a seu ver, vem se tornando mais radicalizadas e universalizadas que outrora, corroborando o fato de que esta não se acabou, mas foi fortalecida. As dimensões que envolvem a modernidade se pautam na industrialização, que requer o uso da força material e maquinário nos processos de produção, no capitalismo, que envolve a produção mercantil, a competitividade e mercantilização da força de trabalho e nos sistemas de vigilância responsáveis pelo controle e supervisão de

populações. Surgem formas sociais de organização distintas, sendo que dentre elas a mais importante é o Estado-nação (GIDDENS, 2002, p. 21). É evidente para o sociólogo inglês, que o período atual é de transição, não apenas no Ocidente, mas em todo mundo (GIDDENS, 1997, p.73). Fazendo emergir assim uma sociedade que ele denominou de “pós-tradicional”. Até certo momento da modernidade, mesmo sendo apregoada a oposição à tradição pelos ideais iluministas, essa era reconstruída e recriada, legitimada pela manutenção do poder estatal. Recriada e, ao mesmo tempo, mantenedora de aspectos como família e identidade social (GIDDENS, 1997, p. 74).

Porém, para o autor, observam-se duas esferas de transformações interligadas, oriundas do início da modernidade e particularmente intensas atualmente: a difusão extensiva das instituições modernas, universalizadas por meio da globalização e as mudanças intencionais conectadas com a radicalização da modernidade, estas por sua vez, interligadas à descontinuidade das tradições. Giddens (1997) articula seus argumentos considerando que, após a Segunda Guerra, o padrão do capitalismo começou a se alterar, tornando-se mais descentralizado e abrangente, a interdependência aumenta a produção, suas flutuações e notadamente o comércio internacional.

Nesta perspectiva se acentua, segundo Giddens (1991), o processo denominado de “reflexividade”, ou seja, na dinâmica de mútua implicação das dimensões da vida. Para o autor, reflexividade é uma característica da ação humana ligada ao aspecto de se manter contatado às bases do que se faz como parte do próprio fazer. Diante da modernidade, a reflexividade assumiria um aspecto diferente, sendo as práticas sociais constantemente influenciadas pela informação renovada delas mesmas o que as faz ter seu caráter alterado constantemente. As atividades locais são altamente influenciadas por acontecimentos ou organismos distanciados. O reverso também ocorre na medida em que ações cotidianas individuais podem produzir consequências globais, concretizadas, por exemplo, através de opções de compras que repercutem na empregabilidade de alguém distante ou no equilíbrio ambiental. Desta feita, a relação entre decisões cotidianas e resultados globais, e também seu contrário, a influência das ordens globais sobre a vida individual, compõem aspectos que além de estarem interligados se fazem presentes e interferem na realidade contemporânea (GIDDENS, 1997, p.75). Estas relações são permeadas de riscos imprevisíveis; no entanto, não são medidos esforços para que os mesmos sejam mensurados estatisticamente. Porém, pelo enfraquecimento das tradições, novas situações incalculáveis emergem como é, por

exemplo, o caso do aquecimento global. Há hipóteses de que o mesmo esteja ocorrendo e diante disso se abrem outras possíveis consequências ao planeta e vida humana. Porém há quem estude o clima e afirme o contrário, o que indica que não há certeza absoluta alguma (GIDDENS, 1997).

Giddens (1991) menciona que há um perfil de risco na modernidade delineado em amplos aspectos, desde o risco intenso e globalizado do perigo de guerras nucleares, aos eventos interligados do trabalho e possíveis crises que afetam grande parte das pessoas. Riscos ambientais naturais, riscos de instituições que ao serem afetadas afetam indivíduos, a consciência dos riscos também se torna um risco, visto que não mais são obtidas certezas absolutas via discursos religiosos ou mágicos neste cenário. Por fim, há os riscos advindos do próprio conhecimento da população da existência destes e de que nenhum sistema perito pode resguardar a todos de suas consequências.

O que chamei de intensidade de risco é certamente o elemento básico no “aspecto ameaçador” das circunstâncias em que vivemos hoje. A possibilidade de guerra nuclear, calamidade ecológica, explosão populacional incontrolável, colapso do câmbio econômico global, e outras catástrofes globais potenciais, fornecem um horizonte inquietante de perigo para todos (GIDDENS, 1991, p. 112).

Fica evidente a condição do ser humano de tal sociedade de convivência com tais riscos, situações ameaçadoras de variadas espécies, suscitando semelhança com a possibilidade de situações caóticas como as que compõem o cenário do seriado objeto do presente estudo. Tal analogia pode ser verificada nas falas abaixo:

Lá⁹ é uma questão de sobrevivência e a questão de não confiar em ninguém que você encontra perambulando pela rua, com medo de que essa pessoa possa ser um assassino. Eu acho que a sociedade nossa tem um pouquinho desse lado, porque no trânsito você fechou alguém, é capaz de alguém sair do carro e te matar. Então, a gente vive num clima de, como é que se diz, é tolerância zero. Aconteceu alguma coisa que saiu do normal ali, já tem um estresse. Então, ali, acho que existe muito assim, um estresse. Que qualquer um pode ser seu inimigo, qualquer um pode te dar uma facada pelas costas. (P 2)

Ah, a gente fica tentando sobreviver também, né, as coisas do dia a dia, a falta de recursos, saúde, transporte, a gente não tem os zumbis, mas a gente meio que se torna um, porque você fica o tempo todo

⁹ No seriado *The Walking Dead*.

tentando sobreviver, não é nem viver, é sobreviver. Todo dia tem um problema, ou é na condução, ou é no trabalho, ou é em casa. (P 4)

[...] No fundo é a busca da salvação. Então, eu acho que o seriado que ele me completa é isso. [...] Ele é o caos, dentro do caos que não existe nada além para poder você se pegar, não ser uma esperança vaga na busca de você conseguir sobreviver. [...] E... uma busca muito solitária. Isso faz um pouco a ver talvez até com o nosso dia a dia, você tem um... o seu universo, você enfrenta os seus zumbis, talvez não tão claros como no filme, eles talvez eles não venham com um tiro na cabeça que você tenha que dar... [...] porque você tenha que tolerá-los. (P 6)

Voltando a Giddens (1997), o autor afirma outro aspecto importante ao dizer que a tecnologia aboliu os processos que envolviam rituais e tradições, sendo o papel destas últimas deveras significativo como meio moralizador, comportando um aspecto afetivo na união de seus participantes. A tradição envolve memória e tempo, repetição do ritual (de fabricação de algum produto, plantação, dentre outros), relaciona-se à organização do tempo e espaço, assim como na globalização, porém em sentido oposto.

Enquanto a tradição controla o espaço mediante seu controle de tempo, com a globalização o que acontece é outra coisa. A globalização é, essencialmente, a “ação à distância”; a ausência predomina sobre a presença, não na sedimentação do tempo, mas graças à reestruturação do espaço (GIDDENS, 1997, p.119).

De acordo com esta acepção, Giddens (1997) define o atual momento como um período pós-tradicional, considerado de “alta modernidade” pelo fato de que o cenário, a seus olhos, sejam os frutos e acirramento da modernidade.

Porém, há autores que preferem optar pela alteração da denominação deste período. Lipovetsky (2004), por exemplo, considera que o termo “pós-moderno” teria seu mérito, cujo sentido seria:

[...] salientar uma mudança de direção, uma reorganização em profundidade do modo de funcionamento social e cultural das sociedades democráticas avançadas. Rápida expansão do consumo e da comunicação de massa; enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares; surto de individualização; consagração do hedonismo e do psicologismo; perda da fé no futuro revolucionário, descontentamento com as paixões políticas e as militâncias- era mesmo preciso dar um nome à enorme transformação que se

desenrolava no palco das sociedades abastadas, livres do peso das grandes utopias futuristas da primeira modernidade. (LIPOVETSKY, 2004, p. 52).

No entanto, mesmo Lipovetsky (2004) caracteriza tal termo como vago, pois indicava uma modernidade de novo gênero, hoje, segundo o mesmo, já desatualizado e não mais sugestivo do novo. O que se observa, segundo ele, é a época do “hiper” “Hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto - o que mais não é hiper?” (LIPOVESTSKY, 2004, p. 53). Dessa forma, a sociedade atual, para ele, é aquela em que as forças de oposição à modernidade democrática, liberal e individualista não são mais estruturantes, época em que surgiram os grandes objetivos alternativos. Hoje não há mais resistências contra a modernidade. Apesar de nem todos os elementos pré-modernos se volatizarem, mesmo eles funcionam segundo uma lógica moderna, desinstitucionalizada, sem regulação.

Até as classes e as culturas de classes se toldam em benefício do princípio da individualidade autônoma. O Estado recua, a religião e a família se privatizam, a sociedade de mercado se impõe: para disputa, resta apenas o culto à concorrência econômica e democrática, a ambição técnica, os direitos do indivíduo. Eleva-se uma segunda modernidade, desregulamentadora e globalizada, sem contrários, absolutamente moderna, alicerçando-se essencialmente em três axiomas constitutivos da própria modernidade anterior: o mercado, a eficiência técnica, o indivíduo. Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada. (LIPOVETSKY, 2004, p. 54).

Segundo Charles (2004, p.26), tomando por base os conceitos de Lipovetsky (2004), o momento pode ser nomeado como “Hipermodernidade”, ou seja, uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, fluidez e flexibilidade. Para Charles (2004) há a vigência de paradoxos no contexto social, pois, por exemplo, os indivíduos hipermodernos ao mesmo tempo em que são mais informados são mais desestruturados, mais adultos, porém instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos. (CHARLES, 2004, p. 26-27).

Na esteira de tais argumentos, Magalhães, Henriques e Feres-Carneiro (2006) enfatizam que o início do terceiro milênio indica a vigência de fatores que, embora não

sejam criações recentes, como instabilidade, incerteza e insegurança, vêm se potencializando de forma acelerada. Tais fatores são constitutivos do indivíduo contemporâneo e permeiam, inclusive, as relações familiares, trazendo mudanças às formas de relação estabelecidas neste âmbito.

[...] eles são efeitos de algumas perdas de referências fundamentais instituídas pelas condições de vida nos grandes centros urbanos, pela globalização, avanço da tecnologia, desemprego e novas relações de trabalho, pelo ideal do individualismo, dentre outros fatores que compõem o painel da contemporaneidade ou do mundo da pós-modernidade (MAGALHÃES; HENRIQUES; FÉRES-CARNEIRO, 2006, p. 328).

Desta forma, as mudanças iniciadas em larga escala, iniciadas com o surgimento da modernidade e fortalecidas desde então, como a globalização, o desenvolvimento tecnológico, a cultura de massas, entre outras, trouxeram alterações à forma de relacionamento do homem consigo e com os demais. Assim como Giddens (1997), Lima (2000) acrescenta que, diante de tais alterações, surge como resultado a perda de referências em instituições organizativas da sociedade, como as de família, escola, nação e Estado.

Magalhães, Henriques e Féres-Carneiro (2006) destacam que o fenômeno da globalização abole fronteiras e interligam experiências que certamente causam impacto nas subjetividades, o que corrobora a afirmação de Laplantine (1998, p. 14) de que absolutamente todas as sociedades no presente se defrontam com mutações velozes, sem precedente histórico, devido ao avanço tecnológico, evolução das relações sociais, migrações internas e externas e processos acelerados de urbanização. Para ele tal movimento reconduz a reacomodações por vezes “brutais” da organização da personalidade.

Para a psicanalista Marli Ciriaco Vianna (2012), as lutas por ideais coletivos e as ideologias que marcaram o século XX se findaram. Este processo retirou do homem a matéria-prima com que fabricava sonhos e mantinha esperança de poder transformar o mundo com suas ações. Perde-se a crença em ideais coletivos, despontando um sujeito centrado no próprio eu e primando pela valorização do aqui e agora.

Para Birman (1997), já no final do século XX, o ideário iluminista se encontrava em crise nos seus fundamentos. Apesar da racionalidade científica perpassar a realidade atual, os valores fundantes desta se encontrariam em crise desde os anos 1970. Giddens (1997, p. 109) corrobora tal afirmação ao mencionar que a ciência perdeu boa aura de sua autoridade, resultado da provável desilusão causada pelos esperados benefícios que a tecnologia traria após surgirem as duas grandes guerras, armas destrutivas e a crise ecológica global.

Ainda conforme Birman (1997), o ceticismo frente às promessas da ciência aumenta de forma variada, pelo que se registra na atualidade uma retomada da religiosidade, assumidas em modalidades diferentes das do século XIX e na primeira metade do século XX: “Nesse contexto, encontramos também indicações seguras de novas formas de mal-estar na civilização, das quais a falência dos valores e das utopias do Iluminismo constituem as condições de possibilidade” (BIRMAN, 1997, p.72). Observa-se a difusão e o consumo massivo de drogas (lícitas e ilícitas), ao lado da produção de discursos fundamentalistas em larga escala como forma de aplacar a angústia, evidenciando respostas sociais imediatamente visíveis frente às novas condições históricas do mal-estar na civilização. Nesse contexto, a religião sustentaria o paradigma da ilusão. “Isso porque, se as ilusões pretendem proteger o sujeito da experiência originária do desamparo, a crença numa figura onipotente divinizada tem a função de proteger o sujeito do horror do desamparo” (BIRMAN, 1997, p.74). Para Freud (1996a), este sentimento de desamparo se encontra presente em todo ser humano, sua origem se dá no início da vida quando o recém-nascido realmente se encontra numa situação de desarvoramento, cuja sobrevivência depende da ação de outrem. A figura divina vem a materializar essa demanda, impedindo o sujeito de seu confronto com tal desamparo.

Retornando aos argumentos de Birman (1997) o que se apresenta atualmente são novas condições históricas do “mal-estar na civilização”, emergindo modalidades de crença num mundo de ceticismo crescente frente ao poder da ciência. Este seria em seu modo de ver, um dos paradoxos que caracterizam a nossa atualidade histórica, viver num mundo inteiramente permeado pelos valores da ciência, mas não destinar a eles tanto crédito, como ocorria certamente há algumas décadas. As utopias que marcaram a modernidade, desde a Revolução Francesa, se dissolveram, pois a promessa iluminista de promoção da felicidade humana, a ser realizada com a produção de uma sociedade

igualitária e racional-científica (visão fundada no pensamento iluminista), fracassou, de maneira que a evangelização atual do mundo é uma das resultantes da quebra radical desse conjunto de valores (BIRMAN, 1997). Roudinesco (1999), todavia, menciona que haveria duas tendências paralelas, indicando desta feita o fortalecimento de dois discursos radicais; por um lado, o racionalismo científico e, por outro, o da espiritualidade.

Como se pode ver, a contemporaneidade trouxe em seu bojo múltiplas transformações nas esferas sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, implicando alterações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade. (SOARES; KRAWULSKI; COUTINHO, 2007). Destaca-se que, independente do termo empregado pelo teórico da área, no momento contemporâneo há a vigência da solidificação do capitalismo como modelo econômico, a globalização do mercado, aumento tecnológico e maior contato real ou virtual entre os povos. Propagandas variadas, produtos diversificados, vendas e lucratividade. Crises e desempregos. Incentivo constante ao consumo. Tais ideias se tornam presentes na vida do homem e trazem implicações ao dia-a-dia dos mesmos e seu modo de agir no mundo. Fatores destacados sobre os quais não há dissidência, conforme elucidado pelos autores supracitados.

Finalizando a discussão, convém mencionar que Caniato e Rodrigues (2013, p. 143) destacam que:

As transformações históricas, sociais, econômicas e tecnológicas, principalmente, nestas duas últimas décadas, produziram alterações significativas na constituição da subjetividade humana. Inovações tecnológicas e os novos recursos da mídia passaram a cumprir papel crucial na vida dos indivíduos, alterando suas formas de agir e pensar. A mídia, como principal promotora e divulgadora de bens simbólicos, passou a ditar os ideais e a “formatar” as identidades dos indivíduos.

Apesar de tal contexto diferir do pensado por Freud na década de 1930, ele indica novas vias de expressão do mal-estar do homem ocidental. Ademais, diante do cenário descrito, observam-se, nos últimos vinte anos, o aumento de meios e recursos tecnológicos que viabilizam a comunicação e circulação de informações. A mídia tende a explorar o interesse dos demais sobre figuras célebres e convida os “meros mortais” a

se aproximarem de tal realidade pela via da exposição de suas privacidades, alterando suas aparências na busca da beleza, adquirindo produtos sinonímicos de *status*. Uma toada em harmonia com o interesse do sistema capitalista que visa o consumo desenfreado para garantia de sua própria subsistência, interferindo, sobretudo nos modos dos sujeitos constituírem-se e exercerem suas práticas sociais.

2.2 Mídia e consumo na contemporaneidade

Na década de 1950 as influências do espírito norte-americano do pós-guerra começam a vigorar também no Brasil. Nesta época, conforme Kornis (2012), consolidava-se a chamada sociedade urbano-industrial, resultado do fomento ao desenvolvimento econômico, que trazia consigo um novo estilo de vida, altamente influenciado por revistas, cinema e pela televisão.

Ainda segundo a autora, a consolidação da chamada sociedade de massa no Brasil trazia a expansão dos meios de comunicação, voltados ao lazer e à informação. O setor publicitário se fortalecia e permitia o crescimento de tais meios. O rádio, por exemplo, se populariza com o aumento da publicidade. As radionovelas tinham como complemento propagandas de produtos de limpeza e toalete e, no setor televisivo, a publicidade não se limitava a vender produtos, pois as próprias empresas eram produtoras dos programas que patrocinavam. Houve aumento da tiragem dos jornais e revistas, e difundiram-se as fotonovelas, lançadas no início da década. O cinema e o teatro também participaram desse processo, tanto do lado das produções de caráter popular quanto das produções mais sofisticadas. No cinema, as populares chanchadas, bem como o teatro de revista que misturava humor e música, faziam bastante sucesso.

Para Ortiz (1994, p. 38-39) a sociedade de massa se esboça no país já na década de 40, após a Segunda Guerra Mundial, como dito acima. Em termos de mudanças sociais, além da urbanização e industrialização, há também a expansão da classe operária e média, o fortalecimento da burocracia e novas maneiras de gerenciamento, crescimento populacional e do setor terciário em detrimento do agrário. Diante de tais aspectos, os antigos meios (imprensa, rádio e cinema) são redefinidos e surgem como

novas técnicas a televisão e o *marketing*. Porém, o mesmo autor indica que tal processo de solidificação da cultura de massas se deu aos poucos, primeiro nos locais urbanizados e, mais tarde, com a expansão industrial, no restante do país.

Considerando o cenário atual, observa-se que a proporção do processo iniciado de forma insipiente há décadas atrás atingiu níveis incalculáveis, seja nas tecnologias, meios de comunicação ou na forma como a publicidade se faz presente na cultura de massa. Seus conteúdos são variados e, como ressalta Saroldi (2014, p. 2), atingem nossas faculdades de percepção, seja na forma de propaganda, exposição exaustiva de determinado artista em programas e comerciais de rádio e TV, ou até mesmo nas telas que agora são instaladas em ônibus, metrô e aviões.

Pode-se apreender que a vida contemporânea é permeada por estes conteúdos diversos de propagandas, comerciais, que, por sua vez, ocorrem primordialmente como formas imagéticas. A mídia, como um todo, explora a predominância do visual em detrimento de outros recursos sensitivos, como a música, a fala ou a escrita. Tais características permeiam a cultura contemporânea submetendo à imagem os conteúdos sonoros (anúncios de programas de rádio são feitos em *outdoors*), musicais (músicas são lançadas com clipes) e escritos (*booktrailers*)¹⁰(SAROLDI, 2014).

Além da marca da imagem visual enquanto prioritária, surgem novas formas de exploração do universo midiático, como, por exemplo, a convergência e objetos transmídia. O primeiro se refere à conversão propriamente dita de conteúdos em diversidades de tecnologias. Tornou-se possível assistir um filme, propaganda ou acessar ao *facebook* através de um computador, celular, *tablet*, entre outros *gadgets*. Este cenário reforça o que se denomina como era da convergência, em que novos e antigos modelos de mídia interagem de formas complexas, comungando o acesso a conteúdos que fluem por canais diversos (TELES, 2013, p. 2).

Segundo Teles (2013), esta era convergente instaura uma mudança na relação entre tecnologias, mercados e públicos, transformando a forma de produzir e consumir produtos dos meios de comunicação. O fluxo de conteúdo midiático é acelerado pelas

¹⁰ Breves filmes exibindo imagens relacionadas ao texto do livro que está sendo, ao fundo, recitado, não raro por um personagem com visibilidade midiática, um cantor ou um ator, por exemplo (SAROLDI, 2014, p. 4).

empresas a fim de aperfeiçoar oportunidades de lucro. Consumidores se tornam mais ativos, aprendem a utilizar as diferentes tecnologias para ter um controle mais completo sobre o conteúdo das mídias e para interagir com outros consumidores.

No que se refere às narrativas transmídias, o autor acima citado informa que compõem uma nova estética em que uma história se desenrola através de múltiplas plataformas de mídia. Neste modelo de narrativa, a história pode ser introduzida em um filme e se estender para a televisão, para livros e quadrinhos, *game* e outras possibilidades. Porém, cada produto é um ponto de acesso à história, não há necessidade de contato ou entendimento prévio com o outro tipo de mídia. Esta variedade de experiência aumentaria a lucratividade (TELES, 2013).

Considerando o aspecto de ganho financeiro e exploração temática na perspectiva transmídia, as ideias de Saroldi (2014) vão ao encontro do considerado anteriormente. A autora comenta que na atualidade os produtos são feitos com durabilidade incerta a fim de aumentar a lucratividade dos fabricantes, as franquias geram lucros com filmes e seriados exibidos em diversas temporadas. Suportes midiáticos são desenvolvidos ao serem criados *games*, livros, entre outros, com conteúdo condizente à temática abordada.

Nesse contexto maior de busca por lucro e priorização da imagem visual se inserem as narrativas “transmidiáticas”. Os produtores dos conteúdos midiáticos e fluidos (isto é, passíveis de serem explorados em várias mídias), por sua vez, fazem uso das mais diversas tecnologias para criar produtos mais interativos que possibilitem a participação do público (FELIPE, 2014).

No presente estudo, cinco participantes das entrevistas questionados sobre quando e como começaram a assistir T.W.D. informaram que a internet foi o meio utilizado para assistir ou baixar episódios que eram gravados em pen-drives e plugados em aparelhos televisivos. Apenas um participante respondeu que seguia a série em canal fechado que requeria assinatura por parte do espectador. Considerando a mesma questão, cinco disseram que assistiam acompanhados de seus parceiros afetivos, noivos, esposos ou namorados e apenas um assistia desacompanhado. A crítica positiva ou a indicação via propagandas em sites de seriados e de familiares e parceiros foram apontadas como as formas pelas quais conheceram o seriado antes de o assistirem pela primeira vez. Assim, um dos entrevistados disse:

Olha, eu sigo alguns sites de notícias sobre seriados, então, assim, quando começam a produzir um seriado, eu vou lendo sobre para ver que tipo de... do que se trata, do que ele vai falar, então eu fico meio acompanhando. Então, quando eu ouvi falar dela, acho que a primeira série de zumbi que eu me lembre é ela, né. E fiquei bastante interessado. (P2)

Todos mencionaram que assistiam ao seriado desde o lançamento nos E.U.A. ou pouco tempo após seu início. Embora a maioria (cinco) tenha referido ter sido há mais ou menos dois anos atrás, houve desacordo entre a data por eles informada e o real período de lançamento, sendo que um dos entrevistados (P1) recorda-se exatamente do ano de estreia nos E.U.A., 2010, período em que começou a acompanhar o seriado. De qualquer forma, em geral, o período de tempo que disseram assistir ao seriado foi de dois anos ou mais.

Fora esta pequena confusão entre datas, importa ressaltar que as motivações iniciais se pautaram em indicação de pessoas próximas (parceiros ou parentes) e, principalmente, por divulgação em sites. A esse respeito, segundo Teles (2013), o seriado T.W.D. se enquadra como um produto da era da convergência e, ao mesmo tempo, como uma narrativa transmidiática. Conforme tece seus argumentos, o autor afirma que, com o passar dos anos, os mercados midiáticos se transformam. Na década de 1990, cogitou-se que a internet substituiria outros meios de comunicação e mídia; porém, o que se observa é que um meio não foi extinto por outro, mas sim que suas funções foram substituídas na medida em que surgiram novas tecnologias. A comunicação nos dias atuais, conforme destacado por Teles (2013), ocorre segundo o paradigma da era da convergência em que novas e antigas mídias se interligam de formas cada vez mais complexas, intercruzando formas de acessar conteúdos, que fluem por vários outros canais ao invés de um apenas. Para tal processo ocorrer é necessária a participação ativa dos consumidores, caso observado entre a maioria dos participantes das entrevistas, visto que os mesmos localizam o material a ser assistido via sites de internet. Ainda na visão do mesmo autor, a televisão continua sendo o meio de comunicação hegemônico, mas a internet cumpre uma função de acompanhamento e aprofundamento dos conteúdos televisivos, fortalecendo assim as narrativas transmídias (TELES, 2003).

Complementando o já descrito acima, nesta proposta de narrativa – além da história poder ser introduzida em um filme, ser estendida para a televisão, para livros e quadrinhos e seu universo poder ser explorado em *games*, entre outras possibilidades (ou vice-versa) – o personagem protagonista é alterado conforme o fragmento da história a ser explorado. Portanto, cada acesso à franquia é autônomo, prescindindo da necessidade de se conhecer um produto para o entendimento de outro. Cada produto é uma via de acesso à narrativa e a compreensão obtida pelo consumidor em diversas formas de mídia gera profundidade de experiência que motiva ainda mais o consumo (TELES, 2013).

Observa-se, portanto, a tendência da exploração midiática de estímulos visuais em detrimento dos demais e da variedade de formas de apresentação de produtos midiáticos que possuem caracteres mais fluidos, interativos, fragmentados. Tal cenário se fortalece mediante a oferta aumentada destes, o que desemboca no maior lucro obtido pela indústria da mídia com o consumo de tais variedades.

A forma de acesso ao conteúdo do seriado T.W.D. entre os telespectadores entrevistados confirmou o disposto em Giddens (1997), para quem as relações com o espaço foram alteradas na vida moderna. Nas sociedades pré-modernas espaço e tempo se encontravam interligados na medida em que as atividades das pessoas exigiam sua presença, atividades localizadas. Com o surgimento da possibilidade de relações entre pessoas ausentes, localmente distantes, característica da época moderna, os locais sofrem influência de outros distantes. Dessa forma, o que o estrutura, caracteriza tal local não é apenas o presente na cena, mas o que de oculto se encontra nesta por influência de algo distante. Dessa maneira, mesmo todos os participantes da pesquisa sendo brasileiros, acompanhavam seriados americanos informando-se sobre os mesmos via internet.

Somados aos fatores descritos acima, pode-se acrescentar que, segundo Laplantine (1998, p. 74), esta é uma tendência muito evidente no Brasil pois, para este autor, “uma das características da sociedade brasileira é sua tendência cosmopolita e universalista”. De forma contrária a outras que desconfiam dos contatos e diferenças entre culturas, no Brasil o que advém de sociedades estrangeiras usufrui de um “preconceito favorável”, tornando-se parte integrante desta sociedade, visto que, segundo o autor, tal pluralidade caracterizaria o perfil único da mesma.

Ressalta-se, portanto, o referido pelos dois autores, tanto a característica das relações na atualidade prescindirem da presença concreta das pessoas para que ocorram (existem múltiplas maneiras de influências mútuas se efetivarem no campo virtual), quanto a característica brasileira de se ter uma visão previamente favorável do que é internacional. A partir deles, torna-se possível pensar haver uma tendência no contexto brasileiro em aceitar produtos internacionais ao mesmo tempo em que o acesso aos mesmos se torna facilitado. Tais premissas podem permitir pensar na hipótese de que no Brasil há um cenário propício ao consumo de bens culturais dos demais países difundidos via mídia digital, como no caso dos seriados norte-americanos. Os que acessam tais produtos entram em contato com os ideais e conteúdos neles contidos.

Como encerramento da discussão desta sessão, recorre-se à Abeche (2013, p.160) para ressaltar que os meios de comunicação contribuíram decisivamente para a construção da subjetividade dos seres humanos desde o início da idade moderna. Assim o fizeram em sintonia com o surgimento e consolidação da sociedade capitalista. Eles se desenvolveram de forma espantosa, sendo impossível pensar o mundo contemporâneo sem levar em conta o papel da mídia e fenômenos convergentes e “transmidiáticos” na formação da subjetividade.

2.3 Mídia, consumo e subjetividade

Fucks (2000) afirma que diante das mudanças sociais e suas repercussões em amplos aspectos, houve uma aproximação entre cientistas sociais e psicanalistas, entre outros, a fim de entenderem o perfil da subjetividade contemporânea. Isto, segundo ele, ocorreu porque o impacto do capitalismo avançado, ou sociedade de consumo e espetáculo sobre o contexto sociocultural, trouxe mudanças nos modos de conviver consigo, com a família e com as demais instituições de sociabilidade, conforme já mencionado no presente estudo.

Conforme apontam Sedgwick e Edgar (2003), subjetividade é um termo que se origina na filosofia cartesiana. Para estes autores, Descartes, pensador do século XVII, ao refutar que não era possível ter certeza das coisas e propor que se há pensamento há certeza da existência, afirma haver um sujeito ou uma subjetividade (propriedade de ser

um sujeito) implicada neste ato de pensar. Ainda conforme Sedgwick e Edgar (2003), outras abordagens teóricas utilizam-se dos termos sujeito e subjetividade a partir do saber científico adotado, seja na filosofia, psicanálise, dentre outros. Assim, Maheirie (2002) acrescenta em seu estudo que, quando se torna preciso fazer menção ao ser em sua singularidade, a aquilo que o faz ser um e não outro, se encontra dificuldade em saber qual conceito usar, visto que em toda concepção de sujeito há, de forma implícita ou explícita, uma ontologia que a sustenta.

No presente estudo, considera-se subjetividade pelo viés psicanalítico, cujas considerações freudianas em sua primeira tópica¹¹ contemplam o psiquismo como sendo formado pelos sistemas pré-consciente, consciente e inconsciente, sendo tal proposta de aparelho mental ou psíquico, habitualmente compreendido como a subjetividade (FREUD, 1996m). O primeiro sistema citado, conforme Freud (1996m), englobaria registros de vivências a que temos acesso voluntário, a memória de informações básicas como nome completo e endereço, por exemplo. O segundo compreenderia a consciência e a percepção de estímulos internos e externos; nele não há o registro do que é vivido. Já o último sistema foi por ele considerado como “verdadeira realidade” (HALL; LINDSEY; CAMPBELL, 2008). Com a expressão “verdadeira realidade”, Freud se refere a um local do psiquismo que influencia os atos dos indivíduos sem que dele eles se deem conta. O inconsciente se apresentaria através dos sonhos, atos falhos, chistes ou sintomas neuróticos, seguindo leis próprias de funcionamento deste mesmo sistema. Torna-se importante por sua vez frisar, conforme Torezan e Aguiar (2001), que não há como separar completamente uma região da outra; ressalta-se que um ponto fundamental da teoria freudiana é a noção de clivagem da subjetividade (TOREZAN; AGUIAR, 2001; ROUDINESCO, 1999). Em tal concepção o psiquismo ou subjetividade é formado por partes, sendo o inconsciente um sistema psíquico regido por leis próprias, separado e descentrado de outro sistema, a consciência. Esta seria a proposta de Freud sobre o inconsciente, enxergá-lo como uma instância psíquica determinada por uma maneira de operar muito própria, regulado por leis diferentes daquelas ordenadoras da consciência. Em um segundo momento, no texto “O Ego e o Id”, Freud (1996c) descreve uma segunda tópica que amplia esta primeira definição do aparelho psíquico. Nela considera Id, Ego e Superego como constitutivos

¹¹ Segundo Kusnetzoff (1982) este termo indica que o aparelho psíquico para Freud é uma organização que comporta diferentes sistemas ou instâncias. Tópica vem do grego *topos* que significa lugar, desta forma o modelo tópico é o modelo dos lugares psíquicos.

do aparelho mental. O Id é a parte inconsciente que fornece energia ao psiquismo, ao mesmo tempo em que deseja, sem se dar conta da realidade objetiva. O Ego possui parte inconsciente e consciente e é responsável por lidar com a realidade objetiva. Já o Superego é a instância que julga os comportamentos como certos ou errados e que também possui parte consciente e inconsciente. Tal divisão mental é base de conflitos: parte do ser deseja constantemente (Id) e parte (Superego) insere proibições advindas da cultura (certo e errado). Por fim, ao Ego caberia atender aos desígnios do Id sem ofender ao Superego, adaptando-se à realidade, administrando tal conflito. Tal conflitiva por sua vez seria responsável por parte da angústia humana.

Tomando novamente o papel da mídia e o caso da televisão e o seu papel de influência nas formações subjetivas, Adorno (2000) considera haver dois aspectos em suas programações. Se por um lado ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural através de programações de atividades educativas, por outro o autor suspeita de que haveria uma função “deformativa” da mesma em relação à consciência das pessoas, para fins de divulgar ideologias. Haveria uma ocultação dos problemas mediante rearranjos e mudanças na entonação dada a estes e tais fatores contribuiriam a esta falsa consciência. Outro risco relativo ao conteúdo veiculado pela televisão, ainda ligado ao primeiro, seria a apresentação de situações falsas pela forma com que os problemas são tratados, ou ocultados, segundo ele:

Tais problemas são ocultos, sobretudo na medida em que parece haver soluções para todos esses problemas, como se a amável vovó ou o bondoso tio apenas precisassem irromper pela porta mais próxima para novamente consertar um casamento esfacelado. Eis aqui o terrível mundo dos modelos ideais de uma “vida saudável”, dando aos homens uma imagem falsa do que seja a vida de verdade, e que, além disto, dando a impressão de que as contradições presentes desde os primórdios de nossa sociedade poderiam ser superadas e solucionadas no plano das relações inter-humanas, na medida em que tudo dependeria das pessoas (ADORNO, 2000, p. 84).

Adorno ressalta ainda que a veiculação disto que denominou “harmonização da vida” (entende-se tal expressão pela veiculação sutil do ideal de que tudo pode ficar bem e ter um final feliz de forma meio “mágica”, dependendo exclusivamente da implicação das pessoas para que isso ocorra) se faz de forma imperceptível, algo como um contrabando ideológico, apresentado de forma extremamente velada. Por fim, acrescenta que não apenas a televisão enquanto um instrumento de comunicação em

massa apresenta tais características, mas que a “modelagem conjunta do consciente e do inconsciente” ocorre por meio da totalidade dos veículos de comunicação massiva. Na fala abaixo, um dos participantes das entrevistas denota opinião semelhante à do argumento de Adorno (2000):

Eu acho que o século 21, nós vivemos mais perdidos do que os séculos anteriores, movidos por uma propaganda muito forte e... esses meios de comunicação, 'internet', filme, tudo isso, ela nos criou uma forma de viver, um 'status' de... de você estar conformado. (P 6)

Nas reflexões de Bourdieu (1997) verifica-se uma noção categórica de que o acesso à televisão é sem autonomia, pois nela há uma invisível censura, partindo-se da constatação de que os assuntos e condições da comunicação são impostos. Censura de cunho político e econômico (donos de canais são também donos de grandes empresas). Para o autor, mesmo as denúncias de escândalos, salários abusivos etc., funcionam como forma de desviar o olhar do essencial, à maneira de uma corrupção estrutural. Existiria, conforme Bourdieu (1997), um mecanismo de violência simbólica, ou seja, aquele tipo de violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem, e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de sofrê-la ou exercê-la. Neste contexto, os conteúdos televisivos de variedades e o sensacionalismo, sangue e sexo, drama e violência, aumentam a audiência, por distraírem seus telespectadores. São fatos que distraem a todos, mas não tocam profundamente a ninguém. Ocupam o tempo e o fazem com futilidades que se tornam importantes, tempo caro nos minutos televisivos por tomarem o lugar de outros assuntos preciosos. A televisão é a única fonte de informação de alguns, tendo assim o monopólio sobre a formação de cabeças de parcela importante da população, o tempo é ocupado por questões inúteis, ao invés de preenchido por informações pertinentes para exercício democrático do fazer do cidadão.

Outro aspecto por ele ressaltado é que os jornalistas evidenciam o que veem, porém não veem o todo das situações, sua visão pode ser considerada como seletiva. A isso soma-se a dramatização das situações, por exemplo, de rebeliões em subúrbios, valendo-se de imagens e palavras, acentuando-se que estas últimas, evidenciadas em legendas criam medos, fobias ou representações falsas. O interesse deles é o que é extraordinário, vai além do cotidiano, chamando atenção e se tornando um furo de reportagem por este motivo, algo novo. O índice de audiência exerce papel na urgência

do furo de reportagem; porém, retomando Platão, Bourdieu (1997) enfatiza que a urgência é contrária ao pensar. Há um elo entre o pensamento e o tempo, porém a televisão obedece a um ritmo veloz, cujos pensamentos apresentados de forma rápida podem ser entendidos como ideias feitas, aceitas previamente, como se fossem comuns ao receptor e emissor.

Mais um tipo de falta de autonomia televisiva, conforme Bourdieu (1997), se dá nos debates promovidos em programas cujos participantes são convidados e mantém relações de amizade com os entrevistadores ou aqueles em que o entrevistador impõe a pauta, pois não há liberdade de expressão, a temática é dirigida. Conclui, por fim, que os jornalistas acabam abrindo mão de exercer seu papel crítico devido ao mercado do qual fazem parte. Há um conjunto de forças que agem no campo jornalístico, forças econômicas, em que há dominantes e dominados, relações de desigualdades, disputas por espaço, audiência, patrocínios.

Penso então que atualmente todos os campos de produção cultural estão sujeitos às limitações estruturais do campo jornalístico, e não deste ou daquele jornalista, deste ou daquele diretor de emissora, eles próprios vencidos pelas forças do campo. E essas limitações exercem efeitos sistemáticos muito equivalentes em todos os campos. O campo jornalístico age, enquanto campo, sobre outros campos. Em outras palavras, um campo, ele próprio dominado pela lógica comercial impõe cada vez mais suas limitações aos outros universos. Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre outros jornais, mesmo sobre os mais “puros”, e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural (BOURDIEU, 1997, p. 80- 81).

A influência incessante do campo jornalístico cada vez se torna mais ampla e é também influenciada por um campo comercial e político, cuja demagogia se verifica na medida em que este último é suscetível a pesquisas de opinião e isso desemboca no enfraquecimento do campo político, de seus representantes que deveriam ser guardiões dos valores coletivos.

Outra criação advinda da chamada “cultura de entretenimento”, bastante evocada no âmbito das massas, foi o surgimento das celebridades. Como enfatiza Gabler (2000), elas próprias se tornaram fonte de entretenimento, alcançaram popularidade maior que o próprio cinema, roubando a atenção para o que quer que fizessem, se é que o faziam (GABLER, 2000, p. 142). A partir de então, se difundiu por

todas as esferas públicas norte-americanas o ritmo, técnicas e truques da indústria de diversão popular e neste tipo de entretenimento todos se tornam atores e plateias do ininterrupto espetáculo de suas vidas.

Devido ao processo de globalização e avanços tecnológicos que colocam todo planeta em contato virtual, porém em tempo real, todas as demais regiões podem ser influenciadas pelos fatores acima citados, caso observado no Brasil. A forma de entretenimento baseada no *show business* se expande, o desejo de fazer parte do mesmo percorre a grande massa haja vista a enorme exposição via redes sociais exercida no país; tudo é revelado, todos os momentos compartilhados.

Outro exemplo são os programas de *reality shows* (também modelos importados) disputados por serem considerados trampolins para a fama. “Os participantes destes programas, de fato, só representam a si mesmos, mesmo quando tentam atingir um suposto gosto do público que os leve ao prêmio final”. (SAROLDI, 2014, p. 4). Além de se exporem de maneira integral, como bem lembra Saroldi (2014), representam a si mesmos sem a menor necessidade de talento, apenas demonstrando “de forma espelhada a mediocridade fundamental da sociedade”. Neste sentido se torna razoável pensar em como a vida contemporânea adquiriu um viés de espetacularização dela própria, conforme apontado anteriormente. Ao se exporem os sujeitos, o fazem priorizando momentos de alegria que são retratados constantemente.

Certeau (1994) trouxe considerações complementares e, em certa medida, avessas a estas. A intenção de Certeau (1994) foi observar que o estudo das imagens difundidas pela televisão deve ser somado ao estudo do que o consumidor cultural “fabrica” com tais imagens. Para o autor, esta fabricação seria uma produção escondida, disseminada nas regiões definidas e ocupadas por sistemas da “produção”.

[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção qualificada de “consumo”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante (CERTEAU, 1994, P. 39).

Certeau (1994) menciona como exemplo de tal produção os indígenas colonizados por espanhóis que, aderindo a suas leis impostas, acabavam dando-lhes

atitudes próprias, subvertiam, não as rejeitando de forma direta, mas pela maneira como as mesmas eram utilizadas. Como não podiam se recusar a tais imposições, faziam sua recusa no processo de consumo.

Em grau menor, um equívoco semelhante se insinua em nossas sociedades com o uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas e impostas pelas “elites” produtoras de linguagem.

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como o código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 1994, p. 40).

Desta maneira, embora a mídia exerça influência nas formas de ser dos sujeitos a ela expostos, verifica-se, com Certeau (1994), a possibilidade de que também algo seja criado por estes mesmos sujeitos com aquilo a que são expostos, algo que se pode construir nas teias cotidianas, cuja apropriação não seja apenas passiva e sim de atividade. Trata-se de um processo não fechado em si mesmo, cujas possibilidades estarão sujeitas ao que de fato os cidadãos possam fazer ou estejam fazendo com o conteúdo a que são expostos via tecnologia midiática.

No entanto, os objetivos de incitação ao consumo, através das diversificadas produções midiáticas (que também reflete a lógica da sociedade de consumo) e sua repercussão nas subjetividades, são pontos bastante destacados na literatura. Fortes (2009) menciona que o sujeito atual se organiza no eixo individualismo-hedonismo e se encaixa ao propósito da sociedade de consumo, na qual o dever que se apresenta a todos é o de serem felizes e, para isso, há que se consumir. Segundo ela:

É no contexto da fragilidade que assola o homem de nossos dias que podemos também compreender o circuito consumista. A obsessão de comprar é certamente a expressão dos instintos hedonistas, mas pode ser vista, por outro lado, como forma de paliativo frente às inseguranças e incertezas que inquietam o homem atual (FORTES, 2009, s/p).

Ou seja, diante dos fatores de imprevisibilidade, perda de referências tradicionais, dentre outros, que compõem a vida atual, a sensação de fragilidade poderia

ser tamponada via consumo, além de este ato ser reforçado pela promessa da obtenção de prazer que os produtos ofertam. Conforme Giddens (1997), o momento atual não mais evidencia a vigência da disciplina e repressão, o que ancoraria tal modelo de práticas religiosas como prevalente no social. Para Giddens (1997), autores consideram que nos últimos trezentos anos houve dois momentos característicos das instituições modernas: o da repressão e disciplina e um segundo mais hedonista, talvez associado à sociedade de consumo (GIDDENS, 1997, p. 89). Giddens também considera no centro do espírito capitalista a motivação desimbricada das estruturas tradicionais moralizantes. O sujeito do capitalismo deve buscar prazer e, para tal, deve consumir, sem se censurar por tal ato ou ter que o substituir e o disfarçar simbolicamente para assim o fazer. Nessa vertente torna-se possível a alguns pensadores assinalar no momento atual, e no homem dele oriundo, diferenças daquele momento e sujeito do texto freudiano. Para Saroldi (2014), o “supereu da cultura¹²” atual, diferentemente do expresso na sociedade do século XIX que visava barrar o gozo e oferecia limites, a fim de poupar esforços para a produção do capital, hoje age impulsionado pela revolução microeletrônica e pelo declínio das tradições – por vezes utópicas ou revolucionárias como o comunismo – e atende ao consumismo.

Na época de Freud, o foco do sistema capitalista era produzir e não consumir. Por isso, o “supereu da cultura” trabalhava no sentido de barrar o gozo sem limites para que fosse possível poupar e acumular capital. Conforme considera Freud (1996), os tabus, as leis e os costumes impunham a homens e mulheres restrições, em suas palavras:

[...] a estrutura econômica da sociedade também influencia a quantidade de liberdade sexual remanescente. Aqui, como já sabemos, a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade de energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade (FREUD, 1996a, p. 109).

Quinet (2009, p. 47-48) reforça que hoje, segundo Lacan, a política do discurso capitalista busca regular o gozo do consumidor a fim de que este adquira mercadorias. Os discursos, explica o autor, são formas de articular o gozo à linguagem, sendo que a

¹² Termo utilizado por Freud no final do texto “O Mal Estar na Civilização” para indicar sistemas de leis e exigências prevalentes em uma organização social.

partir deles derivam políticas que objetivam regular estes modos de gozo, a fim de que haja o laço social, visto que para haver civilização deve também haver alguma renúncia pulsional. A estrutura do discurso capitalista é evidenciada por um objeto de gozo excedente, objeto de gozo produzido, a fim de sempre criar novos produtos a serem consumidos, objetos “mais-de-gozar”.

Kehl (2004, p.86) menciona que “quando Freud criou a psicanálise, o imperativo moral apontava para o sacrifício e a renúncia pulsional”. Na dívida simbólica¹³ do ser com a autoridade patriarcal, triunfava a culpa no psiquismo neurótico da época. Porém, segundo a autora, hoje a condição do laço social é ditada pela perversão, na medida em que os indivíduos se submetem à servidão do gozo de um Outro. Semelhante processo ocorreu na Alemanha nazista com a proposta de extermínio dos judeus, cercada de um discurso técnico-científico coordenado por um perverso (Hitler). Tal passagem, a seu ver, demonstra que neuróticos (indivíduos comuns) são capazes de atos graves ao serem convocados por mestres perversos. Para a autora, tais mestres seriam hoje os publicitários que, das formas mais variadas, sabem o que querem conseguir de seu “público -alvo”.

Os objetos são apresentados como “fetiches”, conceito este presente nas obras de Freud e Marx. Atualmente, as dimensões sexuais e de exploração do trabalho coincidem. O fetiche¹⁴ que anula a diferença entre os sexos, conforme propõe Freud, concretiza-se como mercadoria. Para Freud, o fetiche é algo que se propõe a encobrir a falta já notada pelo infante, junto a seu psiquismo em constituição que ao mesmo tempo, porém, sustenta a possibilidade de nada saber sobre ela. A posse do objeto fetiche permite ao perverso uma via para o gozo sexual que dispensa a diferença e a angústia da castração. Para Marx, o fetiche-mercadoria encobriria a relação conflitiva de sua origem: a exploração entre as classes em seu processo de produção. Dessa forma, ambas as visões destacam que o fetiche tampona a dimensão da falta. “A passagem do uso do conceito de fetiche em Freud para a teoria de Marx revela que a regulação

¹³ “A constituição do sujeito implica a assunção de uma dívida face ao outro, sem o qual o sujeito não teria condições de existir. De fato, se o sujeito não é a causa de si mesmo e apenas pode advir a partir do outro, sendo um conjunto de identificações, então a constituição do sujeito implica o estabelecimento de uma dívida inefável com as potências que lhe ofereceram as possibilidades de ser produzido”. (BIRMAN, 1997, p. 33)

¹⁴ FREUD (1927) descreve que a origem do objeto fetichista é haver certa parte da corrente mental de ideias que recusa a percepção feita quando ainda se é criança, período em que há um auge narcísico, de que as mulheres não possuem pênis. O objeto fetiche tampona a falta observada e ao mesmo tempo recusada.

fetichista das relações entre as pessoas, nas sociedades capitalistas, deixa de ser uma exceção perversa para se tornar uma regra” (KEHL, 2004, p. 85).

Em decorrência de tais fatores, todas as relações humanas são mediadas pela mercadoria nos dias atuais, predominantemente pela mercadoria-imagem, podendo este tipo de laço social ser considerado perverso. Os sujeitos, impulsionados por motivações inconscientes, buscam o gozo a todo custo, gozo fetichista que prevê o ter para ser, fetiche - mercadoria ofertado insistentemente, conforme destaca Kehl (2004) pelo perverso publicitário.

Neste aspecto, Saroldi (2014, p. 7) enfatiza que atualmente o “supereu da cultura” se tornou um incitador, um “marqueteiro” do gozo intransitivo, da lista de compras sem fim. Por sua vez, Viana (2012) acrescenta que no atual momento a felicidade se tornou imperativa, a exortação ao gozo ilude e se o sujeito não o atinge sente-se incompetente e não à altura do ideal. Nesta lógica, Caniato e Rodrigues (2013) reafirmam que a sociedade de consumo exige que cada um sirva ao senhor que lhes promete o mundo dos prazeres sem fim, colocando seus reais desejos em suspensão, direcionando os seus sentimentos para a mercadoria, sob a farsa da ideologia consumista.

Observa-se, portanto, que o proposto por Bauman (1998), para quem o momento atual é o da fragmentação, desregulamentação e mudança, onde o princípio do prazer preside e a liberdade individual reina soberanamente, se encaixa nessa leitura dos fenômenos sociais e subjetividades que não mais buscam controlar seus impulsos e sim realizá-los especialmente via obtenção do fetiche-mercadoria. Ou seja, de formas variadas, cientistas sociais, psicanalistas e demais autores das ciências humanas atentam para a relação entre as características sociais atuais, fruto do sistema econômico vigente e o fortalecimento de recursos midiáticos como importante elo entre produtor e consumidor, influenciando no processo de subjetivação dos indivíduos.

Abeche (2013) enfatiza que a consolidação do neoliberalismo traz consigo a primazia dos direitos individuais, cabendo ao sujeito arcar com a responsabilidade dos seus atos. Para ela, em decorrência disso, os homens se sentem dotados de autodeterminação, reinando soberanos e sozinhos, responsáveis por suas mazelas e sucessos. Dessa forma, o meio social não é visto como espaço de interesses mútuos,

mas como uma somatória de indivíduos isolados e em busca de alcançarem seus objetivos, competindo entre si.

Este processo pode representar o auge do modelo do individualismo, a sua maximização, através do qual, conforme Birman (1997), desde o século XVII o Ocidente construiu uma forma de ser da subjetividade.

A ideia de identidade foi sustentada na concepção do individualismo, de maneira a romper as relações do sujeito com o cosmo, como ocorria na Antiguidade. Da mesma forma, as hierarquias que fundavam e delimitavam a função sujeito na Antiguidade, e que ainda o fazem nas sociedades tradicionais, são abolidas na modernidade, de maneira que o tecido social passa a ser atomizado e fragmentado num conjunto de individualidades dispersas (BIRMAN, 1997, p. 227-228).

Durante a coleta de dados realizada através das entrevistas que compreenderam parte do presente estudo, em relação ao pedido de que o depoente dissesse o que pensa, de forma geral, sobre as características da sociedade nos dias de hoje, o dado que mais se evidenciou nos discursos dos participantes foi o individualismo exacerbado que observam. Tal sensação pode ser exemplificada nas falas abaixo:

Eu acho que ninguém... a maioria da população não se importa com nada, com ninguém, com o próximo. Eu acho que cada um por si hoje em dia. Eh... não sei explicar profundamente, mas eu acho que a gente vive um momento de crise interior. Interior com o próximo, acho que cada um tem o seu canto, cada um querendo resolver sua vida e que se dane o resto. (P 2).

A sobrevivência no dia a dia aqui em São Paulo deixa as pessoas duras. Eu sou uma pessoa aqui com você, mas quando eu entrar no meu carro eu vou ser uma pessoa completamente diferente, eu vou mudar minha personalidade, vou ligar a M. durona. Porque, sei lá, eu passo duas horas no trânsito para vir trabalhar e duas horas no trânsito para voltar para casa. Então, tipo, meu, eu não vou deixar nenhum otário tirar vantagem de mim no trânsito, sabe? [...] Então acho que a sociedade... não só o trânsito, foi um exemplo besta, mas tipo, a vida hoje em dia está endurecendo as pessoas. (P 3).

Então eu acho assim... eh... hoje em dia eh... não sei se também se foi essa a sua pergunta, né, hoje em dia as pessoas não... não se ajudam muito, tipo eles meio que “ah, se eu consigo sozinha, outra pessoa consegue” então às vezes não é assim, né. (P 5).

[...] eu continuo sequer abrindo o vidro do meu carro se tem um mendigo, eu continuo menosprezando o cara que pede bala no farol, eu quero que se exploda, não estou nem aí, não tenho sentimento nenhum... mas, eu não vejo nenhuma movimentação do... para que isso mude, eu não vejo o estado chegando, o presente, a não ser com um 'slogan'. (P 6).

Para Birman (1997, p. 227-228), a cultura atual pode ser denominada de “narcísica”, pois estende os fundamentos do individualismo ao máximo. “Assim, a cultura do narcisismo estica as premissas do individualismo ao seu extremo, rompendo com valores e com noções que ainda imperavam no modelo individualista originário”. Com isso, segundo o autor, as questões voltadas às relações entre o eu e o outro deixam de se colocar, se acomodando em segundo plano no projeto pós-moderno. Em face disso, as ideias ligadas aos laços sociais e inter-humanos perdem em qualidade e quantidade, se esvaindo progressivamente na cultura do narcisismo.

Antes de prosseguir, cabe fazer uma sucinta explanação teórica sobre o conceito de narcisismo. Na psicanálise, este conceito aparece pela primeira vez na obra de Freud no texto de 1910 “Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância”. Em seu trabalho Freud busca lançar entendimento a respeito do funcionamento psíquico de Leonardo, apesar de se tratar de um texto pautado em suposições teóricas, escrito *a posteriori* do falecimento do mesmo e da época em que este viveu. De suma importância apenas, seria destacar que o termo narcisismo surge em tal trabalho psicanalítico como indicativo da possibilidade de que haja um modelo de amor pautado no próprio eu.

A derivação do termo narcisismo é descrita em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, texto datado de 1914. Segundo Freud tal descrição derivaria da clínica, sendo escolhido por Paul Näcke¹⁵ em 1899 para denotar a atitude daquele que trata seu corpo da forma como um objeto sexual é tratado, pertencendo a um nível de perversão que absorveria a totalidade da vida sexual do indivíduo. Freud neste texto ressalta, utilizando-se do termo em questão, que este também denominaria uma localização (período) presente no curso regular do desenvolvimento humano, ou seja, narcisismo

¹⁵ Mais tarde (1920) Freud revê o crédito descrito atribuindo-o a Havelock Ellis; contudo, este último, em 1928, diz que ambos seriam meritosos do uso do termo, ele por utilizar “semelhante a narciso” em 1898 descrevendo uma atitude psicológica e Naecke, em 1899, ao utilizar *Narcismus* ao descrever uma perversão sexual.

também definiria uma época precoce do desenvolvimento humano, presente à estruturação psíquica da espécie. Dessa forma “O narcisismo nesse sentido não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que, em certa medida, pode justificavelmente ser atribuído a toda criatura viva” (FREUD, 1996f, p. 81). Este período seria sucedido por outros durante o curso de constituição do sujeito. Freud (1996f) destaca, ainda, que na atitude afetiva de pais com seus filhos vemos a revivescência de seus próprios narcisismos já abandonados, por isto estes atribuem aos mesmos uma série de características positivas, sonhos e, até mesmo, realizações que eles próprios não puderam fazer.

Enfatizando que o termo narcisismo subentende o amor a si mesmo, Bauman (2004) menciona que nos relacionamentos afetivos atuais este processo se encontra em evidência. Para ele, por vezes é difícil discernir o que seja amor ao outro ou a si, visando enaltecer o narcisismo do sujeito em questão. Observa-se um traço de um ego expansivo, porém inseguro, ansioso por confirmar seus méritos incertos por meio de seu reflexo no espelho. “No brilho ofuscante da pessoa escolhida, minha própria incandescência encontra seu reflexo resplandecente. Ele aumenta, confirma e endossa a minha glória, levando consigo, aonde quer que vá, notícias e provas dela” (BAUMAN, 2004, p. 33). Neste mesmo tom, Birman (1997) acrescenta que:

O outro vale então na medida em que pode ser um corpo a ser consumido e devastado para o gozo do indivíduo, sem que este se preocupe pelo desejo e pelos sentimentos do outro. Existe pois uma ação predatória do outro, que é depredado pelo indivíduo para possibilitar a escritura do seu próprio eu. Foda-se o outro então, pois este somente interessa ao indivíduo na perspectiva estrita de seu usufruto, isto é, de um objeto para gozar e engrandecer assim o eu. (BIRMAN, 1997, p.229)

Na esfera das relações sexuais, explana Bauman (2004), a concentração na “performance” não deixa tempo nem espaço para o êxtase. O poder de sedução do sexo que fluía da emoção, do êxtase e da metafísica não ocorrem mais, pois o mistério se foi na medida em que todos os anseios vão sendo realizados. O sexo a partir de então vem sendo apresentado como evento fisiológico, ato inundado de expectativas que não pode atender. Conclui, portanto que conexões do sexo com o amor, segurança, permanência e a imortalidade via continuação da família não eram, afinal de contas, tão inúteis e

constrangedoras como se imaginavam, se sentia e se acusava que fossem (BAUMAN, 2004, p. 65).

Para Fortes (2009), a partir da constatação da diminuição do campo da alteridade, das preocupações com demais, há a indicação da fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade. O que se apresenta ao sujeito no campo da alteridade é limitado e empobrecido, conduzindo ao recrudescimento do gozo solitário. Bauman (2004) declara que as

[...] formas de relacionamento íntimo atualmente em voga portam a mesma máscara de falsa felicidade que foi usada pelo amor conjugal e mais tarde pelo amor livre... Ao olharmos mais de perto e afastarmos a máscara, descobrimos anseios não-realizados, nervos em frangalhos, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo e compulsão à repetição [...](BAUMAN, 2004, p. 65).

Para Coutinho e Garcia (2004), o processo de solidificação do individualismo no Ocidente atingiu um grau representado pela figura do indivíduo errante, que busca liberdade e autonomia, guiada pelas exigências da funcionalidade, do desempenho e da eficiência que se transformaram em ideais sociais.

O excesso de estimulação a que está constantemente submetido e a fragilização dos suportes simbólicos identitários, que sustentavam a trajetória existencial de seus antepassados, resultam em uma experiência de intensa incerteza e imprevisibilidade, tantas vezes associada a situações de fracasso e frustração. Incitado a assumir total responsabilidade por sua vida, na falta de suportes tradicionais religiosos, institucionais ou mesmo familiares, e confrontado com a exigência do rendimento e do sucesso, o indivíduo entra em colapso. A consequência subjetiva desse estado de coisas apresenta-se sob a forma do desamparo. (COUTINHO; GARCIA, 2004, s/p).

Para tais autoras, em decorrência desse processo, estariam atreladas as vivências subjetivas e adoecimentos psíquicos na forma de pânico e depressões. Birman (1997, p. 230) infere que não foi por acaso que a síndrome do pânico e as depressões se transformaram no emblema psicopatológico do novo universo subjetivo da pós-modernidade. Tais patologias seriam os contrapontos da cultura do narcisismo, “pois revelam a impossibilidade da estetização da existência e da glorificação do eu” (BIRMAN, 1997, p. 230). A seu ver, as depressões indicam o lado negro da cultura do

narcisismo, revelam as impossibilidades dos indivíduos de realizarem o culto arrogante do eu.

Rottenberg (2014), estudioso em psicopatologia, ao discorrer sobre o aumento dos índices de depressão na sociedade contemporânea, apesar dos avanços da medicina, reforça que a cultura estaria fomentando tal realidade. Para o mesmo, o estilo de vida e a necessidade constante de que as pessoas se mostrem felizes estariam contribuindo diretamente para tal epidemia, afinal, diante do sentimento de desânimo, o sujeito sente como se algo não estivesse bem consigo, pois culturalmente se aprende que se deve alcançar a felicidade, o que por si só envolve riscos. Tal intolerância à tristeza seria muito clara nos Estados Unidos e outros lugares do mundo, cujos ideais de felicidade são emanados inclusive via livros e televisão.

O sujeito apresenta-se despreparado para enfrentar os próprios sentimentos negativos advindos das experiências cotidianas. As consequências desse processo são observadas em serviços de saúde mental, visto que os números de casos de depressão aumentam drasticamente (VIANNA, 2012). O que se observa é uma tentativa de distanciamento da realidade próxima e cotidiana, livre de seus percalços reais “Em vários estudos encontramos que os ideais com que o sujeito é confrontado hoje dizem respeito à abolição do conflito, à busca do êxito e da valorização do prazer individual” (VIANNA, 2012, p.36).

Ainda a respeito da subjetividade contemporânea e sua relação com fatores sociais, Roudinesco (1999) considera que o sujeito contemporâneo estaria reproduzindo individualmente o que ocorre na esfera social. Para a autora o indivíduo pretende tornar-se monolítico e sem divisão, retirando o conflito psíquico da esfera dos processos de subjetivação.

A indivisibilidade neste contexto proposto por Roudinesco (1999) estaria ligada ao fato dos seres humanos contemporâneos não aceitarem mais os sentimentos negativos como o de tristeza como partes de si, intrínsecos à vida. Assim, quando estes dão sinais de existência, são logo vistos como rebaixamento de autoestima e fortemente combatidos, comumente sob diagnóstico de depressão e consequentemente submetidos a intervenções medicamentosas. A este respeito Vianna (2012) lembra que é

Importante notar que essa posição de recusa diante de todo conflito, a qual comparece na esfera psíquica do depressivo, se encontra em consonância com o imperativo cultural que pretende erradicar de seu tecido qualquer expressão de dor e sofrimento, através da crença generalizada de que o apaziguamento do conflito seja a chave para garantir a manutenção da autoestima de um indivíduo de acordo consigo mesmo, supostamente não dividido, inteiro (VIANNA, 2012, p.39).

Tais argumentos se vinculam às considerações de Adorno (2000), visto que extinguir o conflito é buscar viver de forma harmonizada, porém sem considerar que a existência pressupõe situações e sentimentos reais que não são positivos, mas são partes da mesma. Programações televisivas ou mesmo midiáticas como um todo, reafirmam tal ideologia vinculando a possibilidade de alcançar esta plenitude se identificando à massa, principalmente via obtenção de produtos que garantam “a vida saudável”.

As vertentes supracitadas confirmam o que Fortes (2009) apresenta em tom de alerta, no que tange ao processo de busca incessante de prazer e dificuldade em vivenciar sentimentos negativos, afinal a negação da dor não a impede de existir. Pelo contrário, a dor não vivida se torna ela mesma fonte de dor. O sentimento de desamparo, marcadamente acentuado no contexto atual é condizente com a incerteza, fruto da perda de garantia sobre o futuro. Por fim são acentuadas sensações de vazio e desproteção, descrença na política, fragilidade nos laços sociais e enfraquecimento da figura da alteridade.

Para Birman (1997), a partir do texto de 1930, Freud assinala a posição estratégica do conceito de desamparo no psiquismo, indicando que “face ao desamparo do sujeito na cultura não existe cura possível, mas somente a perspectiva de constituir um estilo subjetivo que seja capaz de lidar com os conflitos insuperáveis”, ou seja, com sua própria angústia (BIRMAN, 1997, p. 12). O advento de uma cultura altamente massificadora, homogeneizante (FUCKS, 2000; ABEICHE, 2013) viria a acentuar os novos mal-estares não permitindo a construção de possibilidades ímpares no convívio entre o homem consigo mesmo e sociedade.

Birman (1997, p. 227) enfoca que o esfriamento das relações atuais ocorre em correlação à terceirização econômica, sendo que esta lógica implicaria num projeto de construção da subjetividade e do mundo, que contém graves consequências para o futuro, pois “a terceirização do trabalho no registro da economia política repercute na

construção da economia narcísica no registro do sujeito”. Esta representa, a seu ver, o cume do modelo do individualismo através do qual há a exaltação narcísica, em que a individualidade se contempla e quer ser contemplada todo tempo, preocupada que está com a identidade fundada na imagem. O indivíduo passa a esculpir seu eu como ocupação fundamental de sua existência.

O outro não importa tanto e pode mesmo não representar mais nada para o sujeito. O que passa a importar para a individualidade é a construção de sua carreira e de sua identidade profissional, os únicos valores que norteiam sua existência e sua maneira de ser. Institui-se então o carreirismo como percurso fundamental das individualidades, pois nada mais importa. (BIRMAN, 1997, p. 228).

Na esfera de análise das relações com o trabalho na contemporaneidade, Sennet (2001) contribui com o argumento de que as formas deste se organizar gerariam a corrosão em alguns aspectos do caráter dos indivíduos. A prerrogativa de que a empregabilidade não mais se baseia em carreiras em longo prazo, como ocorria em épocas anteriores, traz implicações a elementos como confiança, lealdade e compromisso mútuo. Os laços ente os sujeitos se tornam mais enfraquecidos, visto que laços fortes necessitam de tempo para se estabelecerem. Assim, analisando o exemplo do caso de um empresário bem-sucedido, cuja experiência profissional abrangia diversas instituições, o mesmo observa que em sua fala este empresário é afetado pela relação com o tempo e trabalho, característica deste perfil do novo capitalismo. Uma das consequências de tal influência é a relação com o seio familiar que se torna também superficial, sendo tal relação estendida a demais contextos.

Esse conflito entre família e trabalho impõe algumas questões sobre a própria experiência adulta. Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. Se eu fosse explicar mais amplamente o dilema de Rico¹⁶, diria que o capitalismo de curto prazo corrói o caráter dele, sobretudo aquelas qualidades de caráter que

¹⁶ Trata-se aqui do nome do personagem do caso descrito e analisado por ele em seu trabalho: “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo”.

ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável. (SENNET, 2001, p.27).

As afirmações de Sennet (2001) encontram eco no que vinha sendo exposto segundo Birman (1997). Este último acrescenta que nas relações interpessoais atuais o outro deixa de ser propriamente um outro, no sentido de que isso implica uma marca de diferenciação absoluta em relação a qualquer sujeito. Em uma cultura extremamente narcísica, o outro só interessa na medida em que a diferença é abolida e que possa maximizar o emblema do eu e da identidade do indivíduo. Ou seja, enquanto alguém que possa trazer algum benefício ao narcisismo do indivíduo em questão.

Pelo fato de que o amor implica entrega, inclui a perda de algo que é fundamental na economia narcísica, se tornando necessariamente problemático nesse contexto cultural. Consequentemente, indica Birman (1997, p. 229), a própria ideia de singularidade se apaga na cultura do narcisismo, frente à ânsia desenfreada de maximização da pessoalidade. Sobre esses traços se funda a subjetividade contemporânea, em que a existência vazia converge aos ideais estéticos. Se os objetivos que perpassam a individualidade são o gozo e sua manutenção, tudo se transforma num objeto de estetização para ocupar a existência como um cenário teatral.

A respeito das identidades contemporâneas, nos contextos midiáticos, a repercussão de formas interativas e convergentes citadas acima segue padrões apresentados por elas (FELIPE, 2014). Felipe (2014) observa na tendência da relação mais interativa em meios “transmidiáticos” aspectos de fluidez e fragmentação, semelhantes à caracterização realizada por Zygmunt Bauman e Stuart Hall.

Analisando as identidades contemporâneas, Hall (2006) afirma que haveria três concepções distintas do conceito de identidade. A primeira delas versa sobre o sujeito do Iluminismo, concebendo o humano como centrado, unificado e racional, com um núcleo interior desenvolvido com o passar do tempo, porém idêntico em toda sua existência.

Outra concepção seria a do sujeito Sociológico (ou interacionista), reflexo da complexidade do mundo moderno, sujeito autônomo e autossuficiente em seu núcleo interior, porém formado na relação com pares significativos, mediadores de sentidos e

símbolos (cultura) do meio em que vive. O sujeito moderno possuiria uma identidade formada na interação entre o eu e a sociedade.

A terceira ideia por ele apresentada é a de que a identidade contemporânea estaria se tornando fragmentada, composta de várias outras, resultante de alterações nas instituições sociais. O sujeito assumiria identidades diferentes em momentos variados, estas não unificadas em torno de um eu coerente, mas completamente descentradas e concorrentes. O sentimento de identidade unificada seria oriundo da construção de uma “narrativa do eu” por nós próprios (HALL, 2006).

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

Segundo Hall (2006), ao mesmo tempo em que a formação subjetiva contemporânea se torna mais fluida pelas multiplicidades ofertadas no mercado global, tenderia à homogeneização cultural, espécie de moeda franca entre países. Porém, ao lado da tendência homogeneizante, surge o fascínio pelas diferenças culturais, sendo que globalmente tende-se a acentuar as especificidades locais. Tal processo ocorre porque o interesse global contemporâneo volta-se ao local, para as localidades e suas características. Esses dois aspectos se articulam produzindo simultaneamente identificações globais e locais, identidades diferentes que atraem e surgem como possibilidades de escolha, difundindo assim o consumismo identitário, assemelhando-se a um supermercado de identidades culturais.

Crê-se que fatores múltiplos e complexos contribuem para a formação da identidade e subjetividade humana. Destaca-se que a fragmentação das instituições tradicionais e as possibilidades múltiplas de identificações com pluralidades de estímulos e estilos de vida com os quais se tem contato cada vez com maior facilidade se refletem em identidades mais fluidas, conforme aponta Hall (2006). Tal diversidade apregoadada e amplamente ofertada obedece a uma lógica de lucratividade e consumo que desemboca em uma subjetividade consumista e hedonista. Ou seja, torna-se possível ao sujeito se portar, vestir-se ou decorar ambientes de forma semelhante à cultura indiana

ou cigana ou qualquer outra que deseje, bastando para tanto ter acesso a paramentos que permitam que assim o faça. Tais elementos são ofertados pelas indústrias, inclusive as culturais, e seus novos nichos de mercado que se multiplicam constantemente, tendo como aliados de tal processo o fundamental papel da mídia. Certamente, diante da seriedade do assunto tratado, dos impactos que o processo de subjetivação e identificação sofre e provoca, cabe assumir a seguir uma escolha teórica que conduza a uma leitura aprofundada de tais questões.

3 TEORIA CULTURAL E PSICANÁLISE: INTERFACE ENTRE SABERES

“As satisfações substitutivas, tal como as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade; nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que a fantasia assumiu na vida mental”.

Sigmund Freud (1930)

Estudar a sociedade contemporânea, suas características e modos de subjetivação, bem como levar em conta o papel da mídia neste processo e buscar compreender um de seus produtos culturais lança desafios teóricos e reflexivos ao pesquisador. No intuito de clarificar tais inter-relações, o aporte da teoria cultural e da psicanálise se mostraram coerentes para atender aos objetivos do presente estudo. Dessa forma, em seguida, tais abordagens serão apresentadas em seus preceitos, acrescidas de exemplos de trabalhos desenvolvidos tomando por base estes vieses teóricos, indicando as possibilidades de olhares dos quais este estudo se valeu, inserindo ademais, dados coletados através das falas dos participantes.

3.1 Teoria Cultural

Antes de discutir a teoria cultural se faz necessário um entendimento do termo cultura da perspectiva desse campo. Nota-se que Williams (1979) considera que o termo cultura adquiriu sentidos diversos com o passar do tempo. Até o século XVIII se relacionava com o cultivo (animais, agrícolas), sendo que no final deste século passa a ser comparado ao conceito de civilização. A partir de então, principalmente na Inglaterra e França, civilização significava o estado ordenado de *civitas*, educados, perfil de um povo que se opunha à barbárie, se desenvolvia, prosperava. Houve forte influência dos ideais Iluministas nesta visão.

Porém, mesmo na França, Rousseau inicia críticas a esta ótica. Os alemães oriundos do movimento romântico, também discordavam desta posição e defendiam os interesses da tradição, características próprias de um povo em detrimento da civilização

cosmopolita (presentes nos ideais da Revolução Francesa). O sentido enfatizado passou a ser o de cultura como um processo de desenvolvimento íntimo e não exterior. “O efeito primário dessa alternativa foi associar cultura com religião, arte, família e vida pessoal, em distinção, ou mesmo oposição, à “civilização” e “sociedade” em seu novo sentido abstrato e geral” (WILLIAMS, 1979, p. 20).

Destacou-se a partir de então o conceito de Kultur que, segundo Elias (1994, p. 24), “[...] alude basicamente a fatos intelectuais, artísticos e religiosos e apresenta a tendência de traçar uma nítida linha divisória entre fatos deste tipo, por um lado, e fatos político, econômicos e sociais, por outro”. Dessa forma, no século XIX cultura foi associada ao processo de desenvolvimento íntimo, subjetivo e não externo. Este último se equivaleria ao de civilização.

Williams (1979) reitera a complexidade do conceito em decorrência dessas duas tendências que o cercam. Pode ser entendido como processo íntimo, tendo papel crucial na definição das artes e humanidades, porém, também pode ser visto como processo geral, configurando “modos de vida totais”, o que se destacou como papel importante nas definições das ciências humanas e sociais. Tais ênfases tendem uma a anular o sentido da outra ao mesmo tempo em que houve tentativas de reconciliação entre ambas (WILLIAMS, 1979, p. 23). Completa-se assim, a seu ver, no século XX a ênfase que vinha sendo dada à separação entre “cultura” e vida social material, ignorando-se as possibilidades do conceito de cultura como um processo social constitutivo, criador de “modos de vida”, o que indica neste período a prevalência da primeira vertente citada. Araújo Sá (2011, p. 40) destaca que o importante no trabalho de Williams (1979) é seu enfoque em conceitos, não como “codificações fechadas, mas como movimentos históricos que levam, às vezes, a formulações conflitantes, em torno do problema central da teoria marxista da cultura: os modos de sua determinação social e econômica”.

Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), já em meados do século XX, surge no cenário pós-guerra da Inglaterra um movimento intelectual que visa romper com o modelo prevalente citado por Williams (1979), trazendo uma reviravolta à Teoria Cultural; esse movimento foi denominado de Estudos Culturais. Nestes estudos, a cultura é problematizada e entendida em sua forma ampla de domínio do popular:

[...] Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição, da tradição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural - culturas - e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido. É assim que podemos nos referir, por exemplo, à cultura de massa, típico produto da indústria cultural ou da sociedade *techno* contemporânea, bem como às culturas juvenis, à cultura surda, à cultura empresarial, ou às culturas indígenas, expressando a diversificação e a singularização que o conceito comporta. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2013, p. 36-37).

Os Estudos Culturais (EC) visavam incluir em suas análises as atividades e significados das pessoas comuns, configurando um espaço alternativo que fazia frente às tradições elitistas que buscavam diferenciar “alta cultura” de “cultura de massas”, hierarquizando cultura “burguesa” e cultura “popular”. A ênfase dos EC se ampara no significado político das expressões culturais. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2013).

Portanto, a Teoria Cultural, conforme é vista hoje, pode ser entendida como uma teoria de base diversificada. Sedgwick e Edgar (2003) a definem como uma teoria que assume como seu domínio de pesquisa todos os aspectos culturais. Sendo a cultura algo intrínseco ao homem e seu existir, os autores destacam que a visão plural de suas significações é adotada pelos teóricos culturais principalmente ao se referirem ao pós-modernismo e também como sua característica própria.

Cultura, neste contexto, torna-se tanto espaço quanto objeto de debate sobre questões que se centram não apenas em discussões a respeito da constituição da subjetividade, mas também em questões como poder, representação e discurso, em vez de dar significado a um tema pré-determinado com um sentido pré-estabelecido e naturalizado (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 13-14).

Dessa forma, a teoria cultural vai além da catalogação e discussão de exemplos culturais, mas busca teorizar os mesmos, explicá-los atribuindo-lhes significados. Nesta concepção a visão da Teoria Cultural abarca o entendimento dos processos culturais como um todo, intra e intersubjetivos.

Conforme os autores supracitados, existem diversidades metodológicas (tal refletiria o propositado pluralismo desta teoria que não considera haver perspectivas exclusivamente ligadas a seu trabalho) apoiadas em uma variedade de abordagens e

disciplinas, ou seja, estas ofertam inúmeras possibilidades de avaliação de significados e significações, tendo por base “[...] por exemplo, a filosofia analítica e continental¹⁷, antropologia cultural, marxismo, psicanálise, sociologia” (EDGAR; SEDGWICK, 2003, p. 13-14). Estes argumentos coincidem com o dito por Costa, Silveira e Sommer (2013, p. 40) ao ressaltarem que os Estudos Culturais se disseminaram nas artes, humanidades, ciências sociais e inclusive nas ciências naturais e na tecnologia. Caminham apoiados em campos variados, apropriando-se de teorias e metodologias da antropologia, psicologia, linguística, teoria da arte, dentre outras e suas pesquisas utilizam-se da etnografia, da análise textual e do discurso, da psicanálise e de tantos outros caminhos investigativos que possam conduzir a seus propósitos.

Expoente em tais estudos na América Latina, Martín-Barbero traz reflexões à forma de entender a comunicação. Segundo Ribeiro e Tuzzo (2013), o autor, a partir dos anos 80 do século XX, estuda o processo de recepção de mensagens veiculadas pela mídia na América Latina. A passividade do telespectador (ideia amplamente divulgada até então) foi questionada por ele. Desta feita, considerou como prática cultural todas as atividades cotidianas, a recepção não foi entendida como apenas passiva, mas os sujeitos participam das mensagens e tem poder de produção através da mediação de suas práticas cotidianas. Tal mediação é o foco de seu trabalho e propulsor da comunicação, na medida em que nela (no processo de mediação) se dão as relações sociais (RIBEIRO; TUZZO, 2013, p. 40).

Em seu trabalho, “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia”, Martín-Barbero (2006) se propõe a analisar como os meios de comunicação passaram a ocupar o papel de mediadores no contexto social. Informa que em meados do século XIX se inicia um processo de ruptura e, ao mesmo tempo, de continuidade nas relações entre burguesia e população, passado assim de mecanismos de submissão (os meios culturais eram propriedade burguesa, somente seus produtos eram considerados artísticos, etc...) aos de consenso. O sistema tradicional de diferenças sociais se dilui surgindo assim a cultura de massas. Apesar de poder ser pensado como processo de perda de autenticidade e degradação cultural, Martín-Barbero (2006) ressalta outro aspecto, descrito como a mudança na função social da própria cultura.

¹⁷ A disparidade entre filosofia continental e analítica deve-se à forma como filósofos de cada uma dessas vertentes fazem filosofia. É uma diferença metodológica que separou os filósofos de acordo com a tradição britânica dos do continente europeu (conhecidos como continentais) (OLIVEIRA, 2013).

A cultura de massas, ao adentrar com sua força ante o espaço estatal, destrói bases da publicidade burguesa que separava Estado e sociedade, porém confundindo a diferença entre público e privado, o que não conduz à revolução social e sim à recomposição da hegemonia. O espaço público desintegrado e vazio é ocupado pela cultura de massa, local que ao invés de definir diferenças sociais acaba por encobri-las e negá-las. Este é um elemento constitutivo do novo modo de funcionamento da hegemonia burguesa (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 174).

Massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência, tanto no que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de demanda e aspirações de democratização social. E de massa será a chamada cultura popular. Isso porque, no momento em que a cultura popular tender a converter-se em cultura *de classe*, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura de *massa*. Sabemos que essa inversão vinha sendo gerada há muito tempo, mas ela não podia tornar-se efetiva senão quando, ao se transformarem as massas em classe, a cultura mudou de profissão e se converteu em espaço estratégico da hegemonia, passando a *mediar*, isto é, encobrir as diferenças e reconciliar os gostos (MARTIN-BARBERO, 2006, p. 174-175).

Dessa maneira, tal mediação se liga a partir de então aos preceitos culturais, conectados em sua expressão mercantil na materialidade da fábrica e do jornal¹⁸, ao mesmo tempo em que encobre o conflito entre classes, realizando sua resolução no imaginário e com o consentimento ativo dos dominados. Segundo o autor, isso só foi possível na medida em que a cultura massiva foi constituída nos movimentos de acionar e deformar simultaneamente os sinais de identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas da massa.

Williams (1979) se utiliza do termo “mediação” para denominar expressões artísticas, porém com entonação levemente diferente da proposta posteriormente por Martin-Barbero (2006). Em suas reflexões considera que em manifestações artísticas as relações entre o homem e a sociedade estariam nelas inscritas de forma “mediadas”, não expressadas diretamente *ipsis literis* em seus conteúdos.

Destaca-se que, com o advento da cultura de massas, há a tendência à negação das diferenças sociais, embora estes meios de divulgação da cultura sejam mediados

¹⁸Considera-se aqui demais meios de comunicação e mídia.

pelas práticas sociais populares e podem ser meios legítimos de reivindicação e atividade dos mesmos, não apenas de recepção passiva.

No tocante a produtos que podem vir a encobrir diferenças e não promover mudanças, espontaneamente um entrevistado menciona sua experiência de frustrar-se frente a um programa televisivo, pelo fato de que a proposta aparente do mesmo não foi atingida. O ocorrido levou a que o entrevistado julgasse o produto cultural como sendo insatisfatório:

[...] Uma nova roupagem do Gugu. E o programa chamava-se 'Central da Periferia', e eu lembro que na época eu já estudava pesquisa e eu queria muito ler o que é que era essa... essa 'Central da Periferia' e a Globo defendia o projeto, institucionalmente, que era no momento que, no momento que o centro parava de mandar cultura para a periferia, a periferia invadia o centro, então era o 'funk' invadindo onde tradicionalmente ouvia Roberto Carlos, era o 'Hip Hop'... Exatamente, aconteceu isso, mas nada mudou. (P 6)

Talvez não seja ousado considerar que o fato de tal programa ser exibido, ainda que não promova as mudanças que o entrevistado avaliasse como necessárias (se referia a questões de inclusão educativa), possibilite a articulação de tal raciocínio por parte do entrevistado, este ato, esta prática é digna de valia, visto que, a partir de posturas críticas, as rotinas e fazeres podem vir a ser alteradas, conforme afirma Martin-Barbero (2006).

O trabalho de Mira (2001), um estudo de produtos culturais e sua inter-relação com o contexto social, acrescenta elementos à presente discussão. A autora perfila os leitores de revistas no Brasil desde o surgimento de tal produto, acompanhando alterações dos mesmos junto às mudanças sociais que desembocaram na segmentação do mercado consumidor. Informa que O Cruzeiro foi a primeira revista a ser publicada no país, seguido por fotonovelas voltadas ao público feminino de camadas e faixas etárias baixas. A partir dos anos sessenta um passo é dado no sentido da segmentação do mercado. O Cruzeiro era uma revista que atendia a gostos diferentes e a partir de então emergem produtos mais especializados como a revista “Claudia” voltada ao público feminino, “Quatro Rodas” a homens consumidores de carros e revistas e “Veja” com o caráter semanal e informativo (MIRA, 2001).

Houve dois momentos de expansão na venda deste produto no exterior, segundo a autora. O primeiro na segunda metade do século XIX, em que eram veiculadas lutas por direitos trabalhistas na Europa, e o segundo no pós-guerra com o fortalecimento do capitalismo tardio. No Brasil, após este período, há um processo de modernização, incluindo a entrada da mulher no mercado de trabalho, o que leva à ampliação de bens de consumo materiais e simbólicos ligados à vida urbana, como foi o caso das revistas. Buscava-se o máximo de informação no mínimo de tempo. Claudia, no início, fomenta debates sobre a condição da mulher e suas mudanças no cenário social, prevalecendo com o passar do tempo o interesse pela mulher consumidora.

Como a moda, a mulher brasileira também está mudando. Está se inserindo cada vez mais no mercado de trabalho e o prêt-à-porter vem bem a calhar. A tendência das revistas é substituir cada vez mais o molde para costurar em casa pelo endereço da confecção onde ela pode ser encontrada ou, simplesmente apontar tendências que a consumidora encontrará nas lojas [...]. (MIRA, 2001, p. 57).

A partir das décadas de setenta e oitenta mudanças importantes são observadas. As revistas buscam se comunicar com leitor através do que tem em comum com demais leitores do mundo em detrimento de aspectos eminentemente brasileiros. A segmentação quanto aos sexos e classes econômicas se acentua.

Com o surgimento de *Cosmopolitan* verifica-se o quanto o perfil da mulher havia se alterado. “Ao contrário das revistas femininas mais antigas, nas quais a mulher era incentivada a pensar primeiro no marido e nos filhos, *Cosmopolitan* diz a sua leitora que ela deve pensar primeiro nela mesma” (MIRA, 2001, p. 140). A autoestima e as preocupações com o “eu” se somam ao erotismo e consumo como ingredientes dos folhetins femininos. Estimula-se a construção da narrativa do eu a fim de fortalecer a autoestima que nas décadas de oitenta e noventa muito serão associadas ao corpo, além da moda, à forma física e à saúde.

As décadas seguintes confirmam a tendência de segmentação do mercado nas várias áreas de bens culturais (revistas, filmes, canais por assinatura), como por exemplo, explorando o filão adolescente, feminino, negro, gay, etc, e sua potencialidade de consumo. Porém, tal segmentação se dá em escala global, pois as mudanças na sociedade e seus padrões ocorrem por toda parte. No mercado segmentado evidencia-se

o laço entre pessoas que compõem tais segmentos ainda que distantes. Devido a este fato a segmentação e a globalização se complementam, visto que tanto empresas (de bens materiais, cultura, comunicação e marketing) quanto movimentos sociais e culturais tendem a agir globalmente (MIRA, 2001, p. 216).

Em síntese, pode-se dizer que existe uma relação entre o processo de segmentação do mercado e a reorganização das divisões ou das identidades sociais e que, como esses fenômenos estão acontecendo globalmente, tendem a formar segmentos internacionais de pessoas que vivem experiências semelhantes e, por isso, tendem a consumir as mesmas coisas uma vez que consumo e construção da identidade se entrelaçam. O mercado global tenta captar a ansiedade destes grupos prometendo-lhes a realização pessoal através do consumo. Para atingir seu objetivo, procura agir na questão crucial para quase todos os grupos ou movimentos, sobretudo os que foram historicamente discriminados: a auto-estima. Ao atingir esse núcleo da subjetividade, muitas vezes inconsciente, ele captura o consumidor. (MIRA, 2001, p. 216).

Por estes argumentos, apreende-se que o histórico da revista enquanto produto cultural no Brasil seguiu tendências de mudanças sociais e econômicas, evidenciando o encobrimento dos conflitos entre as classes via propagação do consumo, este se especificando cada vez mais, no processo denominado de segmentação. Porém, ao mesmo tempo o receptor é ativo ao se apropriar da informação e através dela poder guiar suas práticas de forma crítica.

3.2 A Psicanálise e sua contribuição teórica

A teoria cultural, auxiliada pelo aporte psicanalítico, pode ser uma interessante chave de compreensão de fenômenos humanos. A psicanálise consiste em uma disciplina fundada por Freud, conforme descreve Laplanche e Pontalis (1998), que pode ser distinguida em três níveis. Primeiro como método de investigação para evidenciar significado das palavras, ações e produções imaginárias, baseando-se na associação livre do sujeito. Conforme os autores, e em conformidade com Freud, a interpretação pode se estender a produções humanas para as quais não se dispõe de associações. Segundo, como método psicoterápico composto pelas técnicas para tratamento. E, em

terceiro e último, pode significar o conjunto de concepções acerca do psiquismo (adquiridas do processo psicoterápico) e que formam a disciplina da Psicanálise. No texto “A história do movimento psicanalítico”, Freud (1996f, p. 25) menciona que a psicanálise se inicia com uso do método de associação livre para escuta dos pacientes e que os outros fatores acrescentados a seu trabalho, que o transformaram em psicanálise, foram “[...] a teoria da repressão e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente”.

Por se tratar de um produto cultural análogo à arte ressalta-se que, para Freud (1996i, p. 242), a arte conciliaria os dois princípios mentais por ele descritos, a saber o princípio do prazer (tendência mental que busca evitar o desprazer e obter prazer pela redução da tensão) e o princípio de realidade (parte da mente que tende a considerar ações a partir das possibilidades da realidade, fazendo uso do adiamento, pensamento, ponderação para ação posterior).

O artista seria aquele que não consegue se conformar com a realidade e vivência, via fantasia, seus impulsos insatisfeitos. Dessa forma, o mesmo retorna da via “fantasística” à realidade utilizando de dons especiais que transformam suas fantasias em verdades de um novo tipo, valorizadas pelos demais como reflexos de realidade. Ele se torna o que desejaria ser (herói, rei, favorito), sem ter de alterar o sinuoso caminho da realidade. Os demais sujeitos, ao valorizarem expressões artísticas, viabilizam tal processo por também partilharem de tais sensações, as frustrações de seus desejos pelo princípio de realidade.

Para Birman (1997, p. 93), os consumidores da arte seriam do campo de incidência onde o sujeito colocaria em ação os seus circuitos desejantes através da linguagem pública em que o poeta reveste os seus fantasmas. Na arte (e na ciência), o sujeito é colocado face ao desejo de saber, inventando símbolos e instrumentos para lidar com seu desamparo, pela transformação do mundo e do Outro (BIRMAN, 1997, p. 94). Conforme a leitura feita por Birman (1997) do trabalho de Freud (1930), seria empreendida em tais casos a regulação do desamparo, ou seja, o fato do ser em momentos iniciais de sua vida se ver literalmente desamparado deixa marcas profundas, pois sua sobrevivência foi garantida pelo cuidado de outra pessoa. Tal registro o faz ter a tendência a negociar nas relações humanas, abrindo mão de seus impulsos, até certo

ponto de seus interesses egoístas, em detrimento do convívio social, gerando assim sensações de mal-estar, conforme Freud propôs em 1930. Porém, a sublimação teria um destino de mediar tal desamparo de forma a sustentar o desejo pelo sujeito, visto ser algo singular e que, ao invés de buscar garantias num discurso totalizante e homogeneizante, inventa um destino possível para a sua renúncia pulsional. Com isso, o sujeito pode produzir objetos novos para os circuitos pulsionais, sem permanecer colado aos objetos oferecidos pelas visões de mundo vigentes. Através do processo denominado de sublimação operaria uma maneira de desconstruir o pré-estabelecido e imprimir na realidade homogênea das ideologias as marcas desejantes do sujeito.

Sublimação, conforme Laplanche e Pontalis (1998), é um processo definido por Freud para explicar atividades humanas sem relação aparente com a sexualidade, mas que obtém tais impulsos em sua raiz. Seriam principalmente as atividades artísticas e intelectuais em que a pulsão é sublimada ao não se dirigir a objetivos sexuais e sim a objetos socialmente valorizados.

Os mecanismos psíquicos em ação nos consumidores da arte, no presente estudo dos telespectadores do seriado, que partilham de anseios semelhantes ao dos artistas, conforme indicado linhas acima, se amparam no eixo da identificação e projeção. Segundo Morin (1981), a identificação se dá pela via das características tanto afetivas quanto físicas presentes nos personagens e que o público remete a sua própria vida. A projeção por sua vez, ocorre na realização dos personagens de atitudes incomuns na vida do indivíduo perante o social, atitudes estas que comportam algo desejado, ainda que indiretamente, pelos telespectadores.

Exemplificando essa possibilidade de leitura psicanalítica, cita-se aqui a análise feita por Birman (1997) de um filme denominado “Denise está chamando” de Hal Salwen (1995) em que o autor observa vários aspectos sociais sendo nele representados. Neste filme é relatada a interação entre pessoas de classe média americana que moram sozinhas. Estas são fortemente voltadas para suas atividades profissionais e as executam de forma isolada, com uso maciço das tecnologias de comunicação e informática. Além de mostrar a interação física limitada à realidade imaginária em todo o seu desenrolar e abordar a ineficácia na concretização das diversas tentativas de encontro pessoal (LEITE; LEITE, 2007).

Leite e Leite (2007) observam, assim como Birman (1997), que no contexto do filme, a comunicação a distância entre os personagens, sempre pelo telefone, faz perder a proximidade entre as pessoas e a espontaneidade destas. A relação “*face to face*” não existe mais. Existe apenas a voz, reduzida aos registros da informação e da mensagem cool indicando a frieza das relações que se instituiu. No momento crucial da morte de uma das amigas, revela-se que esta não é mais um espaço possível para a comunhão humana. Não existiria, pois, mais qualquer solidariedade entre as pessoas, nem a morte pode mais os reunir, pois eles se transformaram em autômatos no seu autocentramento narcísico, aprisionados nas suas invenções tecnológicas desvitalizantes. “Se a morte, como abolição da vida humana e como representação extrema da dor humana, não pode mais promover a reunião desses personagens, é porque eles já estão mortos por antecipação, sem saberem disso, na sua vitalidade e afetação” (BIRMAN, 1997, p. 219).

Nesse contexto, conforme aponta o autor, o corpo não pode ser o mesmo, “pois a carne, enquanto superfície e profundidade vibrátil deixa de existir” (BIRMAN, 1997, p. 219). Com isso, sobraria apenas o organismo na regularidade homeostática de suas funções vitais, a morte não causa mais dor, pois a sensibilidade foi alterada radicalmente pela tecnologia, o corpo não sentiria mais nada por ter sido maquinizado e a reação frente à morte é uma mensagem vazia em face de uma informação recebida. Festejar também se torna impossível, outra sequência do filme em que há a tentativa de uma das personagens em fazer uma festa, porém ninguém comparece.

Para Birman (1997, p. 221), a mediocridade existencial da pós-modernidade esvaziou os rituais que se inscreviam como forma de dar sentido na existência humana, dentre eles o da morte e da festa. Estas não podem mais ser a fonte de ritualizações pois os corpos não podem mais se tocar e se olhar. Sem a incidência corpórea destes, os automatismos tecnológicos passam a regular as individualidades e as suas relações, que se silenciam no potencial de sua afetação. Contudo, às vezes, a tecnologia pode também possibilitar o imprevisível. Mas apenas quando ela é utilizada por um sujeito que não suporta mais conviver com esse vazio existencial e com a monotonia entediante desse universo mediocrizado. Somente quando alguém ainda pulsa e deseja ser afetado, a tecnologia pode se inscrever num outro registro. Este alguém é representado por Denise que insiste em festejar, se encontrar, ritualizar enfim. Esta lógica se contrapor à forma de convívio dos demais e este seria um dilema contemporâneo.

O cineasta sabe perfeitamente que as duas lógicas permeiam a tessitura ética da pós-modernidade. A lógica pulsante de Denise existe ao lado da lógica maquínica das demais personagens. Pode até ser uma lógica mais frágil e menos investida do que a maquínica, porém a pulsação ainda persiste, apesar dos pesares. (BIRMAN, 1997,p.225)

Por fim, Birman (1997, p. 226) compara tal forma de agir aos efeitos inevitáveis da terceirização da economia, contexto em que para sobreviver se precisa trabalhar de maneira ininterrupta, voltados a si mesmos. Dessa forma não seria possível estar com os outros, “perder” tempo com o amor, com o desejo e com a sensorialidade, mas maximizar pragmaticamente a produtividade do trabalho para uma sobrevivência confortável. A decorrência de tais meandros permite alinhar o sujeito individualista e narcísico pertencente ao contemporâneo.

* * *

Retomando a interpretação dos comentários sobre o seriado T.W.D., agora à luz da psicanálise, observa-se que os mecanismos psíquicos mencionados acima (identificação e projeção) surgiram nas falas dos entrevistados, quando mencionaram o que mais lhes chama a atenção no seriado. O primeiro elemento destacado foi a figura de Rick, personagem principal e líder, cujas falas abaixo podem elucidar:

Eu acho que é o espírito de liderança que um deles tem que é o Rick, né, que se a gente acha assim, que se ele morrer no *The Walking Dead* vai acabar, né. Espírito de liderança, ele gosta daquele grupo de pessoas e ele faz de um tudo para aquele grupo sobreviver. (P 4)

Ah, na série me chama muita atenção o protagonismo do Rick, a esperança dele querer proteger o filho, do filho dele criar maturidade, de você não ter perspectiva do que o filho dele vai fazer para frente, de que ele um dia vai ter que morrer e o filho vai ter que assumir a vida, se eles vão sobreviver a tudo aquilo que eles estão sofrendo até agora e, acima de tudo, a recém-nascida que está caminhando lá com eles.” Menciona em seguida a falta de perspectiva de futuro, diante do caos e ausência de condições básicas para a sobrevivência e a necessidade do ser humano em “querer continuar vivo” sic. [...]

Eh... isso me chama... como é que eles vão sair dessa? Não é uma questão de dinheiro, não resolve, não é uma questão de ser amigo do rei, de ser amigo do poder, não vai resolver. [...] Eles não têm as condições primárias de saúde, básicas de saúde, sequer saneamento básico, água potável, eles não têm nada disso, eles não têm suprimento. Como é que ele vai sair disso? O que me chama atenção é

isso, tipo... eh... é a necessidade do ser humano de querer continuar vivo. (P 6)

O personagem Rick representa a figura do líder. No texto “Psicologia do Grupo e a Análise do Eu”, Freud (1996d) nos diz que um indivíduo no grupo está sujeito a alterações em sua atividade mental. De forma semelhante, Carone (2012) acrescenta que segundo os frankfurtianos a adesão dos grupos de indivíduos a diversidades de discursos preconceituosos se dá pela via da identificação dos primeiros a este tipo de mentalidade que é sempre representada por uma liderança. Freud (1996d) informa que estando em grupo o indivíduo tem suas emoções intensificadas e capacidade intelectual reduzida, sendo que num grupo se está mais sujeito às sugestões (identificações) pela necessidade em estar de acordo com os demais do grupo e pelo laço emocional que os une. O mesmo laço, portanto, que os une entre si, para Freud é compartilhado à figura do líder, ou melhor, os demais participantes são investidos de amor por serem também importantes ao líder, inclusive liga-se a este fato a perda de liberdade que a adesão ao grupo impõe. Sua figura é tão importante ao funcionamento grupal, que

A perda do líder, num sentido ou noutro, o nascimento de suspeitas sobre ele, trazem a irrupção do pânico, embora o perigo permaneça o mesmo; os laços mútuos entre os membros do grupo via de regra desaparecem ao mesmo tempo em que o laço com seu líder (FREUD, 1996d, p.103).

O lugar inconsciente destinado ao líder, segundo Freud, é o do pai temido, que atende ao desejo de seus participantes de serem governados, o ego destes é então direcionado por alguém que ocupa o lugar de seu ideal de ego. O processo definido por Freud guardaria relações com o fato de o protagonismo e liderança de Rick chamar tanta a atenção dos telespectadores?

Certamente poder se colocar sob a proteção de um grande “pai” que garante a ordem e as relações de união entre os irmãos, ou participantes do grupo, ou mesmo a existência de um grupo, saciaria a descrença em instituições e em figuras que ocupam poder, frequentemente desgastadas e desacreditadas. Além deste fato, as relações mais próximas entre os membros garantiriam a minimização da postura individualista citada como característica das subjetividades contemporâneas.

O personagem Rick, conforme mencionado anteriormente, foi citado como elemento de destaque durante as entrevistas realizadas, sendo enfatizada a simbologia de seu papel de líder e sua força em lutar pela sobrevivência, conforme trechos de falas citadas abaixo:

Ah, ele simboliza a vontade de viver que a pessoa tem, porque ele poderia uma hora cansar e deixar para lá, mas não, ele tem muita vontade de viver. (P 4)

Então para mim o sentido dele tem, a relação do poder do Rick, é algo que me deixa muito... ele mostra a fragilidade dele, a condução como é que ele conduz, a esperança de que é que eles vão sair em algum momento, eu acho que isso é forte, a esperança de que vai ter uma salvação, vai ter uma cura, vai ter um jeito, eh... no fundo, no fundo, também, a busca da salvação... [...] No fundo é a busca da salvação. (P 6)

Força, força, poder. Ele me lembra o livro... aquele filme, 'O livro de Eli', que no fundo era uma busca por uma Bíblia, o que eles queriam era o domínio das pessoas. O Rick, ele vem de uma posição que é característica americana que é militar, ele já é militar, então você tem ali a primeira relação de poder é força, se ela não é econômica ela é força. [...] E... e estratégica, porque é ele que monta a estratégia, como entrar, "dois vai entrar nessa casa, vai para aquele lado e eu com o meu filho vamos para esse", é estratégica. E... então, para mim... principalmente força. (P 6)

Pode-se pensar, conforme considera Birman (1997), na figuração do governante, caracterizado no discurso freudiano como sendo o líder, possuindo o carisma como atributo fundamental para propor um ideal e uma proposta identificatória às demais individualidades, se diferenciando então destas. Entretanto, esse centro é também a figuração do lugar máximo de poder, mediado através da figura do governante, o lugar do Estado, remetendo à figura mítica do pai.

O que se enuncia então é a figura do pai como representante da lei, isto é, como devendo realizar a justiça e a distribuição equitativa dos prazeres entre os filhos. Caso contrário, a figura do líder/Estado não poderia exercer a sua função de legisferar e o sujeito lhe retiraria o poder carismático, se deslocando do projeto identificatório enunciado e restabelecendo o estado primordial de guerra. (BIRMAN, 1997, p.122)

Portanto governar depende da capacidade do líder/Estado manejar as satisfações possíveis dos impulsos pulsionais dos membros ao mesmo tempo em que os limita. Por isso, para Freud, governar era uma prática social no limite do impossível, pois a lógica da guerra se coloca em cena de maneira recorrente, diante dos impasses das insatisfações.

Enfim, o poder do governante estaria na sua possibilidade sempre posta à prova de transformar a força pulsional, pela sua ligação com a linguagem, reconstituindo assim permanentemente a retórica da política, para remanejar o projeto identificador proposto e mantê-lo ainda como um ideal possível para as massas. Porém, diante da impossibilidade de o líder/Estado exercer a sua função de mediação, a ordem política fica ameaçada momentaneamente de desagregação. A dispersão se reinstala em toda a sua plenitude, impõem-se múltiplas diferenças no campo social. Com isso, surge o confronto aberto, e a lógica da guerra no espaço social. (BIRMAN, 1997, p.122-123)

Dessa forma, segundo Birman (1997), o espaço social funciona mediante a permanente construção e desconstrução do mesmo, a fim de que via governante/líder/Estado seja realizada a mediação entre singularidades e seus desejos e uma união possível que requer que cada um sacrifique seus desejos egoístas, conforme apontou Freud (1996a) em “O mal estar da civilização”. Ressalta-se que o termo mediação aqui utilizado indica o sentido semelhante à moderação. O espaço social seria o espaço simbólico de tal mediação, de impulsos agressivos e necessidade de união entre pares. Haveria, portanto, um equilíbrio precário entre as diferentes forças operantes na formação do social na qual a ordem política se estruturaria, mas que poderia a qualquer momento se romper no estado de guerra para este autor.

Leva-se em conta o sistema vigente que impulsiona o consumo com a promessa de gozo. Gozo que obedece à lógica do desgoverno, puro e simples ato de consumo sem mediação em pauta. Diante de tal consideração, o princípio de mediação do líder/Estado mencionado por Birman (1997) se torna falho, ameaçando de morte a própria sociedade. Assim, torna-se lícito pensar em uma possibilidade de caos real ameaçando fronteiras sociais e internas dos indivíduos, cuja condição é verificada no seriado.

Outro fator destacado pelos participantes foi a união dos personagens como forma de sobrevivência diante do caos, apresentando-se como ponto chave de sobrevivência. Pode-se considerar, retomando Morin (1981), que o fato de a união ter

sido mencionada represente a projeção do desejo de alguns participantes da pesquisa de que a união possa se concretizar nos relacionamentos reais a que se entra em contato durante a vida. A fala a seguir exemplifica tal asserção:

Ah, as pessoas ali elas não têm ninguém, né, então, tipo, se elas não se apoiarem uma com as outras, elas não vão conseguir sobreviver. Então, tipo... eles têm uma... uma amizade ali, uma... eles são uma família, né, mesmo que não seja da mesma família, eles vão encontrando pelo cominho pessoas que formam uma família. Então, eles precisam se proteger, então acho que mais a proteção ali, a amizade que eles conseguem, que eles... que eles têm um com outro. Então, tipo é o que mais chama atenção, porque se você ficar sozinho numa situação daquela, você não consegue sobreviver muito tempo, tipo ali... o conjunto grupo ali, acho que é essencial para eles sobreviverem. É o que mais chama atenção, tipo, o companheirismo, entendeu? Que se cada um for por um lado, e se um largar o outro... porque eles não se largam, tipo se acontecer alguma, em... se tiver alguma coisinha, (apuro) de um lado, eles vão todos ajudar, entendeu? Não é tipo... largar. Então, acho para mim, pelo menos, o que chama mais atenção é que toda vez que acontece alguma coisa, eles param tudo que eles estão fazendo para ir salvar tal pessoa, entendeu? Aí, a série, tipo você pensa que vai continuar para eles irem a tal destino e eles param para voltar, para salvar os amigos e ficar, então tipo ninguém se larga, estão sempre unidos. (P 5)

Bauman (2004), em seu estudo sobre as características dos relacionamentos contemporâneos, afirma que seria altamente desejável que, assim como no parentesco, as escolhas se tornassem sólidas, confiáveis, duradouras e indissolúveis. Nos tempos em que os sujeitos são constantemente compelidos a consumirem as relações amorosas, pode-se considerar que os vínculos duradouros vão se esmaecendo, tornando-se líquidos e fugazes. O participante P5 menciona assim o fato de que, diante de circunstâncias catastróficas, os vínculos são aproximados como nos vínculos familiares, expressando de forma projetiva o desejo de que assim possa ocorrer também na esfera da vida.

Porém, para Bauman (2004, p. 58), as estruturas familiares também se fragilizaram, pois as expectativas de vida de muitas famílias vão se tornando mais curtas do que a de seus membros e a participação em determinada linhagem familiar torna-se rapidamente um elemento indeterminado da líquida Era moderna. A adesão a uma das diversas redes de parentesco disponíveis transforma-se, para um crescente número de indivíduos, numa questão de escolha, sendo esta revogável. Somado a isso, as relações fora do parentesco requerem afinidade entre os pares que nasceria da escolha. Porém, a

menos que esta seja reafirmada diariamente e novas ações continuem a ser empreendidas para confirmá-la, a afinidade vai definhando até se desintegrar. “A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância” (BAUMAN, 2004, p. 46).

Essa atitude se torna divergente do costume dos habitantes deste “líquido mundo moderno” que é contrário ao que é sólido e durável. As últimas características estão em desacordo com a lógica consumista. Doravante, segundo o autor, estabelecer vínculos de afinidade inclui o intento de tornar esse vínculo semelhante ao parentesco, porém requer pagar o preço da labuta diária e enfadonha. As relações afetivas atuais não envolveriam laços de afinidade: “Suas intenções são modestas, não se prestam juramentos, e as declarações, quando feitas, são destituídas de solenidade, sem fios que prendam nem mãos atadas” (BAUMAN, 2004, p. 48). Com frequência, não há comunidade ante a qual se testemunhe o ato ou um todo poderoso que o consagre. O futuro parentesco, desejado ou temido, não prevê o “viver juntos” e as opções se mantêm abertas, não limitadas pelas escolhas passadas.

3.3 O estudo dos mitos como elo entre Teoria Cultural e Psicanálise

Conciliar aspectos entre a teoria cultural e a psicanálise compreendeu um percurso interdisciplinar adotado no presente trabalho. Esta escolha permitiu valer-se de ambas para entendimento de produções culturais e seus possíveis significados simbólicos de forma ampla, não apenas pautada em um olhar. Dentro deste percurso destacou-se como fonte de interesse o estudo dos mitos, produções narrativas apreciadas por seus conteúdos enigmáticos e ricos em ensinamentos que se apresentam de forma cifrada, podem-se dizer, presentes no *continuum* da história humana. Dessa forma, averigua-se que os mitos são produções de diversas culturas repletas de caráter simbólico, ou seja, são objetos de estudo que se inscrevem tanto no interesse teórico cultural enquanto produto deste meio quanto psicanalítico, por comportar sentidos simbolizados sobre o humano, revelados de forma indireta. Pensar nos mitos, sua origem e papel na sociedade atual tornou-se um elo, inclusive nas reflexões sobre a simbologia contida no seriado T.W.D. Isso se deve ao fato de que a figura do zumbi, elemento central da trama, em sua alegoria mórbida e bizarra, pode comportar

simbologias míticas, balizadas na luz do cenário contemporâneo, pela cultura de massas dos grandes empreendimentos televisivos e cinematográficos.

Sales (1999) discorre sobre a gênese do termo mito ou *mythos* como um vocábulo grego sinônimo de palavra, utilizado tanto no contexto discursivo quanto no de narrativa, sendo que, em sua origem, se aproximava do termo grego “logos” traduzido também por palavra. Outra apreciação teórica trazida por Terzis e Orlandi (2010) considera que a palavra mito advém do grego *mithevo*, cujo significado seria “crio uma história imaginária”. Para estes últimos autores o termo comportaria uma ideia bem grega, a de que o invisível deveria ser compreendido através do visível (TERZIS; ORLANDI, 2010). Observa-se que ambas as considerações teóricas ressaltam a origem grega do termo e sua ligação com palavras, narrativas e por que não, do sentido relativo à comunicação e transmissão de algo de um humano a outro. Convém mencionar que, para Sedgwick e Edgar (2003), “mito” é um termo que tem significados variados que sutilmente se interligam. Fundamentalmente compreende uma narrativa sobre seres sobrenaturais e de autoria anônima. Confirmando tais pensamentos, Sales (1999) menciona que o sentido de ficção que o nome “mito” adquiriu na civilização ocidental é uma herança do pensamento grego.

Embora não tenha sido ou venha a ser uma exclusividade da cultura helênica, a Grécia se apresentou como um terreno fértil para o surgimento de mitos - presentes em suas diversas manifestações, desde religião, artes plásticas, literatura e filosofia -, onde a racionalidade se revelaria em sua magnitude (SALES, 1999). Porém, segundo Sales (1999), após os tempos homéricos, o mito vai sofrer golpes, passando, a partir de então, a ser tomado como contraposto ao *logos* (orientado pelas leis da lógica), da mesma maneira que a fantasia (mito e arte) se opõe à razão. Pré-socráticos como Xenófanes teceram críticas aos conteúdos míticos e em nome do logos e da razão tentaram dessacralizá-los. Desta feita, Sales (1999) ressalta que se em todas as línguas europeias o vocábulo “mito” pode vir a denotar uma ficção, é porque os gregos assim o proclamaram já há vinte e cinco séculos. Bettelheim (2002) acrescenta que Platão sugeriu que os futuros cidadãos de sua república ideal comessem sua educação literária com a narração dos mitos ao invés de fatos ou dos denominados ensinamentos racionais. Bettelheim (2002) complementa que mesmo Aristóteles, mestre da razão pura, haveria dito que: "O amigo da sabedoria é também um amigo do mito". Por tais

considerações percebe-se que estes pensadores viam a possibilidade de através dos mitos desenvolver caminhos reflexivos que conduzissem à aprendizagem e sabedoria.

Transpassados os séculos e com o advir do tempo, desde as primeiras décadas do século XX, várias ciências, como a Antropologia, Filologia, Sociologia, Linguística, e Psicologia, tem se voltado para a mitologia trazendo novas luzes. “Como consequência de estudos realizados nessas áreas de conhecimento, o mito deixou de ser considerado fictício e passa a distinguir-se da lenda, da fábula, da alegoria” (SALES, 1999, p. 108). Conforme apontam Sedgwick e Edgar (2003), a importância do mito se dá no fato deste englobar e expressar crenças e valores compartilhados por certo grupo cultural. Desta feita, o mito pode explicar diversas questões como a origem do grupo, ilustrar valores morais partilhados pelo mesmo, estando sujeito a diversidades de interpretações teóricas (SEDGWICK; EDGAR, 2003), consideração semelhante à de Eliade (2010) que vê no mito uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. Neste viés, Eliade (2010, p. 11) define mito como o conto de uma história sagrada, relato de algo ocorrido em tempos primordiais, do fabuloso “princípio”. Descreve, por assim dizer, como através de façanhas de Entes Sobrenaturais uma realidade passa a existir, seja ela total como o cosmo, ou parcial como determinada região, instituição, etc... Versa sobre a criação e diversas irrupções do sagrado no mundo, o que fundamenta e converte o mundo no que é. Para Bettelheim (2002), os pensadores modernos chegaram a conclusões semelhantes às de Platão:

Mircea Eliade, por exemplo, descreve estas estórias como "modelos para o comportamento humano (que), devido a este mesmo fato, dão significação e valor à vida". Traçando paralelos antropológicos, ele e outros sugerem que os mitos e contos de fadas se derivam de, ou dão expressão simbólica a, ritos de iniciação ou outros *rites de passage* - tais como a morte metafórica de um velho e inadequado eu para renascer num plano mais elevado de existência. Ele sente que esta é a razão destes contos encontrarem uma necessidade sentida de modo intenso e serem transmissores de tanto significado profundo. Outros investigadores, com uma orientação psicológica profunda, enfatizam as semelhanças entre os acontecimentos fantásticos dos mitos e contos de fadas e os dos sonhos e devaneios adultos - a realização de desejos, a vitória sobre todos os competidores, a destruição de inimigos - e concluem que um atrativo desta literatura é que ela exprime o que normalmente impedimos de chegar à consciência. (BETTELHEIM, 2002, p. 35-36)

Continuando sua argumentação, Bettelheim (2002) exprime a afirmativa de que há uma concordância geral de que mitos e contos de fadas falam através de uma linguagem simbólica representando conteúdos inconscientes. Valendo-se de concepções psicanalíticas, o autor refere que os mitos fazem um apelo simultâneo à mente consciente e inconsciente em seus três aspectos, a saber: ao id, ego e superego e também à necessidade de ideais de ego. Disso decorreria sua eficácia, visto que no conteúdo dos contos, os fenômenos internos psicológicos recebem corpo em forma simbólica. Ou seja, aqui é considerado o atributo de que o mito traduziria simbolicamente conflitos ou situações aflitivas vividas pelo humano, porém em sua expressão inconsciente, e seu valor estaria ligado ao fato de dar voz aos mesmos através de tal linguagem simbolizada.

Adentrando ainda por mares psicanalíticos, fato é que Freud valeu-se de variados mitos a fim de sustentar algumas de suas formulações teóricas, passando pelo mito de Narciso, o conhecido Édipo Rei ou o mito do pai totêmico. Segundo Sales (1999, p. 109), em Totem e Tabu Freud revela seu interesse pela vida mental dos “então chamados povos selvagens”, por ver em sua expressão a possibilidade de entender mais sobre o funcionamento mental. Nas concepções de Freud (1996g, p. 21) a vida mental dos povos pertencentes a organizações culturais diversas e até então chamadas primitivas, se deveria ao fato de que nelas há maior prevalência do contato com expressões cujas raízes se encontram no inconsciente. Claramente, para o autor, imerso no imaginário evolucionista das ciências sociais na passagem do século XIX para o XX, todos os seres humanos possuem o inconsciente como parte de seu psiquismo, porém as sociedades ditas “civilizadas” não estariam, da mesma maneira, conectadas às formações do inconsciente.

Freud (1996m, p. 383) menciona que os sonhos estariam repletos de simbolismos (principalmente sexuais) e que muitos não teriam seus significados fixos. Acentua que tal simbolismo não é peculiar aos sonhos e sim característico da expressão e representação inconsciente, presente no povo e presente no folclore e mitos populares, lendas, expressões idiomáticas, provérbios e chistes. Assim, segundo Freud (1996m), o conteúdo onírico permitiria rastrear as vinculações internas deste com estas produções. Deste modo, ressalta-se que o mito é uma forma de linguagem, remetendo à origem de

seu vocábulo, porém apresenta uma linguagem simbólica passível de interpretação, possuindo significados múltiplos e, por vezes, paradoxais e ambivalentes, mas, sobretudo rica e através da qual se corporifica e se tornam verbalizados aspectos inconscientes das ansiedades, inquietudes e experiências humanas.

Em seu estudo a respeito das instituições e da importante função destas enquanto meio que tende a proteger o indivíduo, organizando o convívio do homem entre seus pares por mediar suas tendências pulsionais, principalmente as agressivas, Kaës (1991) correlaciona o lugar que funda a instituição (no psiquismo do homem) como um lugar mítico, sendo que neste aspecto a função de ambos, instituição e mito se igualam. A fundação de uma instituição conteria a relíquia do morto idealizado¹⁹, remetendo a “Totem e Tabu”, de Freud (1996h), mas também englobaria materiais antigos e abolidos. Assim como no mito, para Kaës (1991), nas instituições elementos díspares se mantêm lado a lado, mantendo a lógica paradoxal inconsciente citada por Sales (1999).

[...] É o que diz o mito. O mito narra a origem, fornece uma matriz identificadora, e um código, por mais precário que seja, para enfrentar a relação de desconhecido. Ele permite curar- e começar a pensar- o horror primordial e o caos de que a instituição, desde que seja a nossa- nos protege. O mito traz vestígios das cicatrizes e predispõe a memória da posterioridade. A função mitopoética²⁰ está assim continuamente ordenada para a manutenção do contrato narcísico²¹ ou para a sua inauguração numa nova linhagem (KAËS, 1991, p.44).

Neste âmbito de raciocínio, o mito, através de sua linguagem, organiza angústias frente ao caos, tendo seu efeito “curativo”, por assim dizer, transmitido através das linhagens que vem a se identificar inconscientemente com o mesmo. Conforme

¹⁹No texto Totem e Tabu (FREUD, 1996h), o autor relata o mito de um clã antigo em que havia um pai que possuía todas as mulheres do local e seus filhos não. Enraivecidos os filhos se unem e assassinam o pai o que vem a lhes causar culpa. Em memória do pai erguem uma estátua e passam a lhe render sacrifícios, sendo que a partir de então é estabelecida a lei de não matar o pai ou comer sua carne e não possuir sua mulher. Daí adviria a marca da lei da proibição do incesto.

²⁰No texto citado as palavras mito e mitopoética estão sendo utilizadas em sentidos semelhantes.

²¹O contrato narcísico para Kaës (1991, p.44) diz respeito às relações entre indivíduo e contexto social. O novo ser, o recém-nascido, deve dar continuidade ao pertencimento social do qual se origina ao mesmo tempo em que e em troca de obter um espaço dentro deste mesmo espaço. O sujeito singular deverá fazer coro ao mito fundador das sociedades, assumindo seu lugar que o grupo lhe oferece e reproduzi-lo, ligando-se assim ao ancestral fundador. Tal contrato naturalmente é inconsciente.

considera Levi-Strauss (1997), todas as formas de classificação (incluindo os conteúdos mitológicos) são superiores ao caos, inclusive as classificações no nível das propriedades sensíveis são etapas em direção à ordem racional. Lévi- Strauss (1997) considera que o saber mitológico comporta uma forma de pensamento científico tanto quanto o pensamento científico formalizado pelas instituições modernas. Porém, segundo o mesmo, ambos não representariam estágios diferentes de desenvolvimento humano, apenas dois níveis, duas formas através das quais a natureza e seus fenômenos se revelam. Tal fato foi por ele identificado como “paradoxo”.

O paradoxo admite apenas uma solução: é que existem dois modos diferentes de pensamento científico, um e outro funções, não certamente estádios desiguais do desenvolvimento do espírito humano, mas dois níveis estratégicos em que a natureza se deixa abordar pelo conhecimento científico - um perfeitamente ajustado ao da percepção e ao da imaginação, e outro deslocado; como se as relações necessárias, objeto de toda ciência, neolítica ou moderna, pudessem ser atingidas por dois caminhos diferentes: um muito próximo da intuição sensível e outro mais distanciado. (LEVI-STRAUSS, 1997, p. 30).

Confirmando a importância do mito, Levi-Strauss (1997) recorre às considerações de que os mesmos levaram a resultados indispensáveis para que o humano viesse a poder se aproximar e abordar a natureza por outro ponto de vista:

[...] os mitos e os ritos oferecem como valor principal a ser preservado até hoje, de forma residual, modos de observação e reflexão que foram (e sem dúvida permanecem) exatamente adaptados a descobertas de tipo determinado: as que a natureza autorizava, a partir da organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível. Essa ciência do concreto devia ser, por essência, limitada a outros resultados além dos prometidos às ciências exatas e naturais, mas ela não foi menos científica, e seus resultados não foram menos reais. Assegurados dez mil anos antes dos outros, são sempre o substrato de nossa civilização (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 31).

“Comportamentos míticos” ocorrem sob nossos olhos, pois aspectos deste tipo de pensamento são constitutivos de todos os seres humanos. Eliade (2010) afirma que na aurora do mundo moderno a origem dos indivíduos gozava de muito prestígio e esta

valorização da origem estaria interligada a mitos antigos. Tal tendência fortalecida no século XIX na Europa Central e Sul-Oriental eleva nacionalismos transformando-se em instrumentos de propagandas e lutas políticas. Tal paixão, por ser de “origem nobre”, explicaria o mito racista do “arianismo”, revalorizado na Alemanha. O ariano representava o ancestral primordial e herói nobre, imbuído de virtudes, modelo exemplar. Araújo (2011), alicerçando-se no estudo do antropólogo Raphael Patai (1972), cujo trabalho correlaciona formas de mitos modernos à indústria cultural e *mass media*, dentre estes a revista *playboy* e valores por ela veiculados, enfatiza que no trabalho de Patai (1972) se apresenta o convite a se pensar novamente sobre o papel dos mitos na sociedade, questionando suas simbologias, sendo estas formas de influências ideológicas.

Outro importante aspecto considerado por Eliade (2010) é que estudos recentes revelam estruturas míticas ligadas às imagens e comportamentos apresentados às coletividades por meio da *mass media*, sendo que personagens modernos de história em quadrinhos seriam versões de heróis mitológicos ou folclóricos. De forma tangente a tais argumentos, um dos participantes da pesquisa comenta o significado do seriado T.W.D para si da seguinte maneira:

[...] Para onde é que eu vou depois que eu morrer. E sempre foi algo que muito me deixou desconfortável, saber que a minha maturidade seria a velhice da minha mãe, a minha maturidade seria a velhice de quem eu amo. E para onde a gente vai, depois? Essa continuação de história gera uma insegurança que é natural, eu acredito. E... mas, a falta de resposta, falta de você ter um conceito claro sobre isso é o que você faz querer se agarrar em alguns totens, então seja da religião, seja... eu busquei mais muito na parte da filosofia, sempre gostei muito de querer tentar entender as relações humanas, de tentar muito me inspirar, talvez até mais por (Schopenhauer) que eu gosto mais. Mas, que é a ideia da procriação, que é a ideia de como você vai escolher a sua... sua esposa, sua... principalmente essa parte mais conceitual. E... o 'The Walking Dead' ele supre um pouco... (P 6)

Diante de tais formulações, torna-se plausível entender o seriado T.W.D. e a representação do zumbi e dos demais personagens como configurações míticas modernas, revestidas de significação simbólica. Resta agora, pormenorizar algumas reflexões sobre os aspectos simbólicos que participam do desenvolvimento e

experiência humana e entrelaçar as implicações simbólicas do seriado e seu personagem mais emblemático, o zumbi.

4 DESENVOLVIMENTO HUMANO E ASPECTOS SIMBÓLICOS DO ZUMBI NA MÍDIA GLOBALIZADA

*SÍMBOLOS. Tudo símbolos...
Se calhar, tudo é símbolos...
Serás tu um símbolo também?*

Álvaro de Campos (1933)

No intuito de verificar as relações simbólicas entre o seriado T.W.D. e a sociedade ocidental contemporânea, cabe refletir sobre alguns aspectos simbólicos presentes no ser e fazer humanos. Sedgwick e Edgar (2003, p.306), ao definirem símbolo, afirmam haver nesta palavra uma diversidade de significados. “Símbolos impregnam a vida humana e são usados tanto numa ampla gama de discursos especializados quanto na vida cotidiana”. Eles são evocados para referir a um signo que transmitirá um significado a alguém em virtude de normas e convenções partilhadas, ou seja, um símbolo comunica devido ao fato de significar algo.

Etimologicamente, como menciona Garcia-Roza (1991) citando o *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, a palavra símbolo vem do grego *symbolon* e era empregada para designar duas metades de um objeto partido que se aproximavam. Em seu entender, tal definição apontava para uma relação. Para o antropólogo White (1975, p. 180), “Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos”, pois estes caracterizam o comportamento dos homens em detrimento do agir das demais espécies. Contrária, assim, a ideia de que a diferença entre a mente humana e a animal seria apenas quantitativa, ou seja, de que o cérebro humano, por ser maior, possibilitaria atos diferenciados dos demais mamíferos. O que o autor demarca como fundamental diferença é o fato qualitativo de que o homem utiliza símbolos, o que nenhuma outra criatura parece fazer.

Um aspecto fundamental do símbolo, para White (1975), é que o mesmo possui um significado e que este lhe é atribuído por quem dele se utiliza. Para existir, o símbolo necessita de uma forma física a fim de penetrar na experiência psíquica dos sentidos, seja esta forma física qual for, um objeto material, cor, som, cheiro, etc. Apesar de possuir corporeidade, seu significado não é determinado por tais caracteres.

Com isso, o autor indica que o sentido do símbolo só se expressa via meios simbólicos, comumente pelas palavras (WHITE, 1975, p. 183). A criança adentraria ao campo humano propriamente dito ao se apropriar do uso e dos significados dos símbolos através da linguagem.

A explicação da importância do processo de humanização se dá pela afirmativa de que toda cultura e sua sustentação depende do símbolo (WHITE, 1975). Sem o uso da linguagem não haveria regras estabelecidas nas relações diversas que norteiam as organizações políticas, econômicas, eclesiásticas ou militares, dentre outras. Ou seja, não haveria como se estabelecer leis de convívio ou os usos dos instrumentos em geral, senão de forma ocasional. Como aponta Garcia-Roza (1991, p.116), “Sem a linguagem o indivíduo humano desaparece, e não apenas ele, mas o próprio mundo enquanto mundo organizado”.

Tomando por base uma óptica psicanalítica, observa-se que o simbólico, segundo Laplanche e Pontalis (1998, p. 480), em sua forma substantiva, foi um termo introduzido por Lacan que diferiu três formas de registros ou campos psíquicos: simbólico, imaginário e real. A psicanálise se ocupa de fenômenos simbólicos por estes se estruturarem como linguagem. No campo imaginário há a preponderância da relação com a imagem do semelhante (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 233-234). Estes três tipos de registros psíquicos seriam interligados ou articulados. O imaginário (I) é o engano, visto que envolve a identificação com a imagem, o simbólico (S) registra a linguagem e suas funções e o real (R) registra o inapreensível, fora da realidade criada pelos outros dois registros, que escapa a seus inscritos (CAVALCANTI, 2006, p. 12).

4.1 Manifestações simbólicas em contextos sociais e possíveis interpretações

O campo simbólico do humano o constitui como tal e se faz presente nas organizações culturais e sociais e nos rituais e tradições. Os estudos antropológicos oferecerem inúmeros esclarecimentos sobre as características dessa dimensão; os trabalhos de Geertz (1989) e Lévi-Strauss (2003) podem ser citados à guisa de exemplificação. Ao fazer um trabalho etnográfico em uma aldeia balinesa, Geertz (1989) se depara com a tradição mantida no local, denominada “briga de galos”. Após analisar os vários aspectos envolvidos na atividade, que engloba inclusive apostas em dinheiro, o autor considera que o que torna a briga de galos alvo de interesses não é o

dinheiro em si, mas o ato simbólico que este representa: a hierarquia social, o *status*; naquele instante tais aspectos são migrados para o corpo da briga. Psicologicamente representa o ideal e o demoníaco, o narcisismo masculino (o galo representa o “pênis” de seu dono), sociologicamente representa a tensão controlada e sentida das interações no cotidiano.

Os galos podem ser substituídos pelas personalidades de seus proprietários, espelhos animais de forma psíquica, mas a briga de galos é – ou, mais exatamente, torna-se – um estímulo da matriz social [...] talvez seja a força impulsionadora central na sociedade, [...] à parte os pênis ambulantes, os sacrifícios de sangue e o intercâmbio monetário. (GEERTZ, 1989, p. 201)

Ao se questionar sobre o que esta prática quer dizer sobre a sociedade balinesa, o autor conclui que a briga de galos é a reflexão balinesa sobre a violência deles, reúne temas cruciais (selvageria animal, narcisismo machista, participação no jogo, rivalidades de *status*, excitação de massa, sacrifício sangrento). A ligação principal “é o envolvimento deles com o ódio e o receio deste ódio” (GEERTZ, 1989, p. 210). Como entende o autor, ela seria a expressão simbólica e ao mesmo tempo um fazer simbolizado da ordenação social que refreia ou permite agir.

Como mencionado, Claude Lévi-Strauss também estudou manifestações simbólicas humanas. Em um de seus textos a respeito dos rituais de curas xamânicas, observa que em um dos rituais analisados o xamã utilizaria da manipulação de alguns artefatos (penas, saliva, etc.) para produzir o efeito “mágico” desejado; Lévi-Strauss(2003, p. 228) pondera “[...] Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita”. Para o autor, a cura xamânica seria o equivalente da cura psicanalítica nas sociedades ocidentais, mas com uma inversão de termos. A cura na psicanálise provoca uma experiência reconstituindo um mito individual que o doente deve viver, ou reviver. No xamanismo há um mito social advindo do exterior que oferece sentido à experiência do doente. No caso psicanalítico, o indivíduo (re)constrói seu mito com elementos tirados de seu passado, ou seja, através de elementos que lhe possuem um sentido particular e ímpar. Lévi-Strauss demonstra que a noção de manipulação presente no ato xamanístico abrange a manipulação ora de ideias, ora dos órgãos, auxiliadas por símbolos.

É a eficácia simbólica que garante a harmonia no paralelismo entre mito e operações. E mito e operações formam um par, onde se encontra sempre a dualidade do doente e do médico. Na cura da esquizofrenia, o médico executa as operações e o doente produz seu mito; na cura xamanística, o médico fornece o mito e a doente executa as operações (LÉVI-STRAUSS, 2003, 232).

Para Sales (2005), neste texto Lévi-Strauss (2003) reforça que enquanto o neurótico se empenharia na ab-reação do mito individual que configura sua doença, o ato xamânico indígena procuraria ab-reagir à desordem orgânica do doente através de sua integração no sistema simbólico de um mito social. Lévi-Strauss designa a psicanálise como uma "forma moderna de xamanismo" e aposta no ganho teórico da disciplina, ao se enveredar no estudo da eficácia simbólica da magia indígena (SALES, 2005). Desta feita, Lacan cumpre tal tarefa ao definir o inconsciente por princípios estruturalistas, tomando-o como sendo estruturado como linguagem, depositário da função simbólica. Lévi-Strauss vem a denominar como subconsciente, segundo Sales (2005), as pulsões, emoções, representações, recordações das histórias individuais, mas cujas articulações seriam feitas via simbólico (inconsciente). Embora sem a utilização do termo subconsciente estas acepções são retomadas por Lacan como a relação presente entre os sistemas Simbólico e Imaginário, acima descritos.

Diante de todos os pormenores mencionados sobre a constituição simbólica do ser humano, bem como do fato do simbólico se fazer presente na experiência humana, tanto em sua individualidade quanto nos significados partilhados entre os pares, torna-se pertinente nesse momento remeter à consideração de Teixeira (2013, p. 13), para quem as “diferentes épocas e lugares privilegiam certas fantasias, ainda que, para cada sujeito, elas possuam um sentido singular”. Assim sendo, cabe aos estudiosos interessados em ciências humanas o esforço de apreender as fantasias e os símbolos em seus sentidos singulares e compartilhados socialmente, como ocorre no caso dos mitos.

4.2 *The Walking Dead* e a figura do zumbi na cultura ocidental globalizada

A saga T.W.D. não é a única a explorar a temática do morto-vivo. Vivencia-se na atualidade um grande fascínio pelo universo do zumbi, o tema tem sido explorado em muitas produções cinematográficas e literárias. O que permanece em comum nas histórias é que as mesmas versam sobre o apocalipse zumbi, ou seja, algo próximo ou depois do fim do mundo, dia em que os mortos por alguma razão retornam à vida e amedrontam os vivos (OLIVEIRA, 2013).

A mesma autora resume o percurso da série T.W.D. destacando que, baseado em um cenário pós-apocalíptico, o escritor Norte-Americano Robert Kirkman criou, em 2003, a história em quadrinhos *The Walking Dead*, lançada nos Estados Unidos pela editora *Image Comics*, sendo então transformado em série televisiva em 2010 pela *American Movie Classics* (AMC), tendo Robert Kirkman como produtor executivo. Ambas as produções estão em andamento e alcançaram um grande sucesso mundial (OLIVEIRA, 2014). Considerando informações presentes no sítio eletrônico “Minha Série” (2014), T.W.D. se enquadra no gênero de ficção, fantasia, suspense, terror, tendo estreado nos E.U.A. em 31 de Outubro de 2010, dia em que os norte-americanos comemoram o dia das bruxas (Halloween).

Como já foi citado, a trama do seriado delinea-se descrevendo como seria a vida na Terra após o “apocalipse zumbi”. No enredo da série, o apocalipse ocorre por uma infecção viral que atinge a enorme maioria da população, transformando-a em mortos-vivos. Diante desta realidade, os poucos sobreviventes se unem para encontrar um lar longe da ameaça monstruosa.

No grupo há um líder, Rick Grimes, policial que acorda sozinho em um hospital após toda transformação, e a partir daí busca pela esposa (Lori) e seu filho. Ele se junta a outros parceiros também assustados na tentativa de escapar da “praga”. Ademais, conforme menciona Felipe (2014), lutam diariamente pela sobrevivência em um mundo cheio de criaturas aterrorizantes e indivíduos psicologicamente afetados pelo trágico acontecimento, além da escassez de subsídios vitais, como água, comida e medicamentos.

T.W.D. bateu recordes de audiência em vários episódios, contando-se somente os telespectadores que assistiram ao programa ao vivo na televisão americana. Seu último recorde foi o final da quarta temporada, que atingiu 15,7 milhões de telespectadores (BRASILEIRO, 2014). A autora citada acrescenta que, se somadas todas as outras formas legais pelas quais pessoas podem assistir ao episódio nos Estados Unidos, como reprises na TV, *on-demand*²² e via *streaming*²³ com autorização da emissora, o número salta para 28 milhões de telespectadores semanais na quarta temporada de T.W.D. Para Felipe (2014, p. 97), o universo fictício da série em questão desponta como sucesso da denominada era da convergência midiática, no sentido de angariar milhares de fãs por todo planeta. Considerando o mencionado acima, deduz-se o interesse em ofertar múltiplas formas de contato com a série e com os produtos a ela relacionados (*games*, livros, souvenirs e capítulos interativos), com fins de aumentar o número de fãs num contexto mundial e certamente aumentar os ganhos com o licenciamento dos produtos²⁴.

Corso (2013) afirma que a crescente aceitação da temática zumbi marca o fim da dinastia dos vampiros, explorados por vários gêneros artísticos no século XX. Os filmes de zumbi, como conhecidos hoje, são um gênero ou subgênero do cinema de terror criado no final dos anos 1960 por George Romero. Seu filme “A Noite dos Mortos-Vivos” (1968) é cultuado como inaugurador e fonte de inspiração para dezenas de obras (TEIXEIRA, 2013). Porém, segundo Stanck (2015), no cinema de horror da década de 1960, o morto-vivo não era novidade. Já havia aparecido em obras como *White Zombie* (1932), *Revolt of the Zombies* (1936) e *The Devil’s Daughter* (1939), entre outros. No livro “Zumbi: o livro dos mortos”, Jamie Russell comenta que a ideia de corpos sem vida caminhando originava-se de relatos de viajantes do Haiti. A lenda advém da religião Vodou, termo que, segundo Prosperi e Gentini (2013), tem raízes na tradição africana religiosa teísta-animista, com origem entre os primeiros povos Fon-Ewe da África Ocidental.

Encontra-se na ortografia beninense, no país atualmente chamado Benin, (antigo Reino do Daomé), assim como em outras ortografias

²² Seriam vídeos sob demanda dos telespectadores assistidos em computadores ou televisores conectados a *world wide web*.

²³ Pacotes de mídia armazenados e exibidos no computador.

²⁴ Vide discussão em 2.1.1

foneticamente equivalentes do crioulo haitiano Vodou. A história e a tradição sobre o conceito “Vodu”, principalmente entre as tribos pertencentes à família lingüística dos Fon, no Daomé e no Togo, o Vodou significa um Deus, um espírito e sua imagem. Os servidores das divindades são os hounsi (em Fon: hû, divindade em si, esposa); o sacerdote é o houngan, o “senhor do Deus”. (PROSPERI; GENTINI, 2013, p. 74)

O Vodou representa a religião popular e sincrética do povo haitiano, cujos principais componentes são baseados nas crenças antigas das tribos do continente africano aportadas no Caribe para os trabalhos forçados nas plantações de cana-de-açúcar. Segundo os preceitos da religião Vodou, há uma hierarquia das forças e dos seres, em que tudo está incluído: os deuses, animais, plantas e minerais, sendo que os praticantes da religião creem profundamente na existência dos seres que vivem na natureza (PROSPERI; GENTINI, 2013). Complementa Gomes (2014) que na religião Vodou o corpo físico é um receptáculo capaz de ser ocupado ou desocupado por deuses e espíritos. Os rituais de possessão exemplificariam tal crença, assim como a ideia partilhada pelos haitianos de que dois espíritos, o *Ti Bom Ange* (pequeno anjo bom) e o *Gros Bom Ange* (grande anjo bom) seriam presentes em cada ser. Tais espíritos podem se afastar do corpo do sujeito e segundo a crença um feiticeiro ou sacerdote vodou poderiam capturar um deles. Mediante tal crença se isso ocorrer tanto o indivíduo quanto o espírito sem corpo se tornariam zumbis. Porém, o zumbi de corpo é muito mais falado no Haiti.

Gomes (2014) descreve que o cultivo de açúcar, café e índigo era prática dos colonos europeus no Haiti, e para que as mesmas se tornassem lucrativas passaram a depender de mão-de-obra escravizada. Muitos dos escravizados levados da África à ilha caribenha entre os séculos XVI e XVIII praticavam o Vodou, mas o código de escravatura da ilha exigia que todos eles fossem batizados na fé cristã. Esse processo teve grande influência sobre a religião, visto que os africanos escravizados ficaram proibidos de exercer seus costumes, efetivando-se o sincretismo, em que diversos elementos do catolicismo foram mesclados aos rituais.

Para Prosperi e Gentini (2013), o processo da escravização consistiu na alienação cultural, religiosa e étnica dos negros. Assim, os cultos africanos eram proibidos e os escravizados forçados a aceitar o cristianismo através do batismo. Nesta conjuntura, ressalta-se que, antes de tudo, o Vodou haitiano simbolizava a resistência

africana diante do sistema escravagista branco. Portanto, o Vodou, segundo tais autores, deve ser interpretado como uma forma de resistência dos escravizados em relação aos senhores. A prática do Vodou nas colônias, “significava, desde cedo, uma linguagem própria, mediante a tomada de consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) [sic] e dos opressores (senhores)” (PROSPERI; GENTINI, 2013, p. 75).

Segundo Prosperi e Gentini (2013), pode-se exemplificar tal entrelaçamento da religião e sua função de crítica e resistência social citando a figura de Makandal, escravizado originário da Guiné. Este, em 1757, comandou um bando fugitivo e utilizou a crença do Vodou como compromisso, fomentando em seus seguidores a convicção de que, para sair da escravidão, fazia-se necessário um engajamento político mediante um pacto de confiança absoluta e ética que estrutura o Vodou. Outro nome importante é o de Dutty Boukman, que em uma lendária cerimônia chamada “*Ceremonie du Bois-Caiman*”, fundou o ato da revolução e da guerra pela independência, a primeira grande revolta dos escravizados contra o sistema da escravidão no Haiti. Na citada cerimônia, houve o sacrifício e a ingestão do sangue de um porco por seus participantes em 14 de agosto de 1791. O objetivo do ato era que se tornassem invulneráveis, para que pudessem, na noite de 22 de agosto de 1791, queimar as plantações e atacar os colonizadores sem que nada lhes acontecesse. As planícies do norte estiveram em chamas por dez dias, cerca de 160 usinas de açúcar e centenas de plantações de café foram queimadas (PROSPERI; GENTINI, 2013, p.75).

Estes argumentos levam a crer, conforme Prosperi e Gentini (2013), que mais do que uma religião, o Vodou na cultura haitiana condensa uma simbologia do ser haitiano. É um sistema integrado de princípios que rege a conduta humana, um complexo místico de visão do mundo no qual seres humanos, natureza e todo o sistema intangível de crenças estão intimamente ligados, não havendo nenhuma separação entre o sagrado e o temporal, entre o sagrado e o profano, entre o material e o espiritual. Ademais, não é somente um conjunto de elementos ou princípios espirituais, e sim um modo e uma filosofia de vida, um código de ética que regula o comportamento social dos seus adeptos. Por isso mesmo, não pode ser compreendido como uma excentricidade, que causa somente admiração do exotismo quando percebido desde a perspectiva turística. O Vodou no universo simbólico deste povo é visto e reconhecido como uma religião

como qualquer outra e sua dimensão sincrética nos remete à construção histórica do colonialismo e da escravização nas Américas (PROSPERI; GENTINI, 2013, p. 77).

Para Fonseca (2011), em virtude de o Vodou ter contribuído “para a união dos negros na luta pela independência, a elite afrancesada que apoiava, obviamente, as forças repressoras, o combateu por meio de sua desqualificação, bem como com medidas que proibiam o seu culto religioso” (FONSECA, 2011, p. 57). Devido a esta ligação de luta e resistência social subjacente à religião Vodou no contexto haitiano, e da figura do zumbi advir desta tradição, se torna possível perceber o caráter ideologizante que a imagem aterrorizante da religião e de um elemento particular (a noção de morto-vivo/zumbi) ganhou nos meios hegemônicos de disseminação mítica do Ocidente. Através do cinema, da televisão e, hoje, outras mídias transnacionais o zumbi e o apocalipse zumbi passaram a representar a ameaça do mal absoluto para o ser humano, quando, na verdade, se constituíram historicamente como símbolo da força de resistência ao domínio e exploração de uma parte dessa humanidade sobre a outra parte subjugada – envolvendo as hierarquias raciais e de classe. A religião e seus conteúdos que representaram a força moral e utópica para os movimentos anti-escravistas no Haiti do século XVIII tornou-se alvo da inversão demonizante perpetrada pela elite mundial desde o entretenimento globalizado, que é, como se sabe, um braço simbólico do poder político e econômico do Ocidente.

Torna-se sobressalente o fato da religião Vodou ter sido um precioso meio de articulação, resistência e libertação da população escravizada, conforme apontam Prospero e Gentini (2013) e Fonseca (2011). O Vodou enquanto religião representava um risco ao poder dominante. É pertinente lembrar que as informações veiculadas em épocas pregressas e atuais sobre a religião Vodou são recheadas de hostilidade e demonização por parte da elite branca, o que reforça o mito do arianismo, tomando emprestada a terminologia de Eliade (2010). Não é demais reforçar que isso decorre, sobretudo pelo fato da religião ter sido uma maneira de fortalecimento e resistência política por parte dos escravizados no Haiti. Destarte, outra vertente de pensamento a ser ressaltada é a de que a associação da figura do zumbi ao terror, devido a suas origens na religião Vodou e de base africana, implicam na própria associação dos deuses africanos a figuras aterrorizantes, demoníacos, não-cristãos. Dessa maneira a cultura africana é desvalorizada e sua produção simbólica atrelada a frutos demoníacos por integrantes da cultura branca ou ariana. Tal atitude de descrédito frente à cultura

africana pode ser entendida como uma forma de conter a ameaça de perda de poder da elite para movimentos que se rebelassem ou se rebelem contra tal tentativa de dominação cultural, política e econômica. Levando-se os aspectos acima delineados em conta percebe-se que o fato de tal figura propagar tanto horror, segundo a visão hollywoodiana, remonta ao mito do arianismo já mencionado por Eliade (2010), pois os “brancos” e sua cultura seriam os heróis, humanos, e os “negros” ou mesmo outras culturas massacradas historicamente por nações que buscam o poder, representariam os não-humanos, os zumbis assustadores que oferecem o risco iminente de se rebelarem contra as forças dominantes.

White Zombie (1932), filme dirigido Victor Halperin e estrelado por Bela Lugosi, é um dos primeiros longas metragens sobre zumbis produzidos pela indústria Hollywoodiana (SERRAVALLE DE SÁ, 2014). Serravalle de Sá (2014) diz que o filme mostra trabalhadores de um engenho de açúcar explorados pelo ganancioso dono do moinho, Monsieur Beaumont (Robert Frazer), e manipulados pelo feiticeiro Murder Legendre (Bela Lugosi), que os escraviza através de uma combinação de drogas, hipnotismo e magia negra. Portanto, oferece uma abordagem estritamente relacionada ao tema da escravidão histórica. Muitos dos zumbis trabalhadores do engenho eram negros e mestiços, porém o horror central do filme se dá quando o feiticeiro usa suas artimanhas a fim de escravizar uma mulher americana e transformá-la em uma “zumbi branca”. Este se torna o fato destacado no enredo, a escravização de uma pessoa de pele branca, pouco importando ou sendo destacado a escravização dos negros. Apesar de chamar a atenção para a figura do zumbi, o filme apresenta uma visão negativa da cultura e sociedade negra no Haiti, demonstrando um entendimento sensacionalista e preconceituoso, no qual os zumbis são escravizados negros controlados por poderosos brancos (SERRAVALLE DE SÁ, 2014, p. 210), em sintonia com o projeto de apagamento das formas simbólicas de fortalecimento das “raças” e classes dominadas.

Massarolo e Gomes (2013) informam que, em 1968, o então cineasta amador George A. Romero lança o filme independente *Noite dos Mortos Vivos* (*Night of the Living Dead*) libertando a imagem do zumbi de suas raízes caribenhas. O filme, segundo Serravalle de Sá (2014), é um divisor de águas no tropo do zumbi, atualizando o imaginário dos mortos-vivos para outras questões condizentes com o seu tempo, introduzindo modificações que irão alterar significativamente o conceito do personagem.

Segundo Serravalle de Sá (2014), até então o zumbi caribenho era apenas um ser desprovido de vontade própria, que não oferecia maiores perigos àqueles que estavam à sua volta, sendo que o medo dos espectadores era ser transformado em um. Romero adiciona à figura caracteres do folclore africanista e outros aspectos ligados ao canibalismo. O zumbi desenhado por ele é híbrido e inaugura uma nova fase da figura dentro da cultura popular norte-americana, apoiada em imagens de feitiçaria, antropofagia e terror. Seu conceito de “apocalipse zumbi” tornou-se um marco da arte popular moderna. Descrevem Massarolo e Gomes (2013) que o filme em questão gira em torno de sete pessoas refugiadas em uma residência situada em uma zona rural, a fim de se protegerem de mortos-vivos. Há uma dinâmica interior e exterior, na qual a crescente horda de zumbis do lado de fora coexiste com a intensificação dos conflitos entre os sobreviventes dentro da casa. Em sua obra, Romero desenha um cenário apocalíptico em que os zumbis se apresentam como seres guiados por um único desejo primordial: se alimentar de carne humana. Segundo Serravalle de Sá (2014), os personagens presos em ambientes claustrofóbicos discutem e se desentendem, e as brigas internas levam à desarticulação do grupo. Curiosamente, como lembra esse autor, a palavra “zumbi” não aparece nos diálogos do filme, sendo os mortos-vivos chamados de “ghouls”.

Figura 1: Cena do filme “A noite dos mortos vivos” (1968)



Fonte: sítio eletrônico “Como tudo funciona”.

Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/zumbis.htm>>

Stanck (2015) informa que esse filme ainda traz uma questão social ao colocar um personagem negro liderando brancos descontrolados. O conflito fictício encontra eco nas lutas pela igualdade racial e social que explodiam nos Estados Unidos no período em que foi lançado. Ainda conforme Stanck (2015), a representação dos mortos-vivos é alvo de muita análise por fãs e críticos. Em uma delas verifica-se que o diretor apresentou um grupo de monstros irracionais que não deixam de ser humanos e são tratados brutalmente pelos vivos. Assim sendo, nas últimas cenas da obra, as criaturas são queimadas, enforcadas e usadas em jogos sádicos, como se assim Romero mostrasse pouca diferença entre os humanos e a massa de zumbis esfomeados. Reis-Filho e Suppia (2011) elucidam que

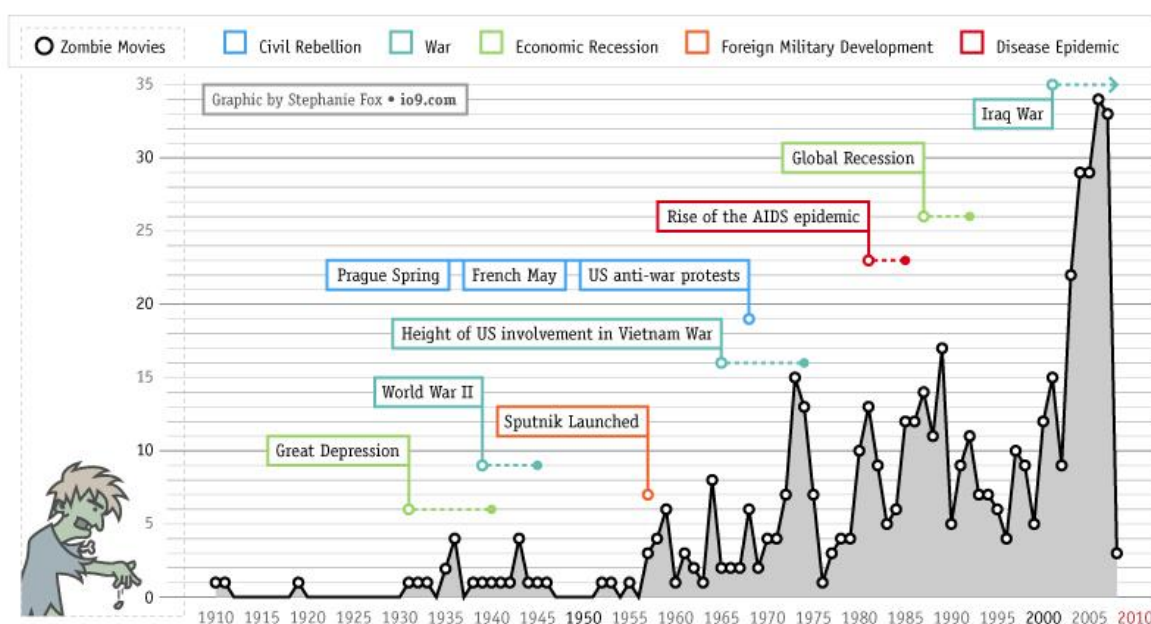
A importância de *A Noite dos Mortos-Vivos* reside na relevância da representação moderna do zumbi, que desata a correspondência entre morto-vivo e religião – construindo outra relação: a do zumbi como metáfora da corrupção social e política, da falência do Estado e da família modelar. Em lugar da antiga conotação mística, George Romero introduziu uma epidemia que transforma homens em cadáveres andantes portadores de inexplicável instinto canibal. O cineasta mantém ocultas as origens de sua criação, ao passo que busca exteriorizar o fracasso das relações sociais. Em seus filmes, os protagonistas humanos costumam demarcar os zumbis como o inimigo, mas a verdadeira ameaça não é a crescente horda de mortos-vivos e sim o tenso relacionamento entre os sobreviventes, uma alegoria da corrupção do tecido social e do colapso do marco civilizatório advindos da “epidemia zumbi” (REIS-FILHO; SUPPIA, 2011, p. 280).

Mencionando Serravalle de Sá (2014), é possível destacar que um dos aspectos centrais do filme é a onipresença do *memento mori*, expressão latina que significa “lembre-se da morte” ou “lembre-se que vai morrer”, pois os zumbis de Romero remetem aos limites entre vida e morte, monstro e vítima, levando o espectador a questionar a diferença essencial entre zumbis e humanos. Desde então, a figura do zumbi se fortalece, estrelando um grande número de filmes e séries de terror para retratar mundos pós-apocalípticos, além de jogos eletrônicos, revistas em quadrinhos e livros de romance (CORSO, 2013).

Percebe-se, portanto, que deslocada de sua origem religiosa, a figura zumbi encontrou nas telas de George Romero um significado que remete às questões sociais e inclusive a críticas a tais questões, como, por exemplo, ao fracasso das relações sociais. São vastas as possibilidades de entendimento dos sentidos ligados ao afastamento do

zumbi de sua origem religiosa, dentre elas destaca-se a visão que o relaciona à desgraça ou decrepitude, o que compreende enfatizar aspectos negativos interligados à religião da qual se origina. Nesta concepção observa-se a associação preconceituosa que tal imagem pode tomar para si através do cinema norte-americano. O quadro abaixo sugere de modo relevante que há uma relação entre os diversos momentos históricos de crise e tensão e a exploração da temática zumbi nos filmes norte-americanos:

Figura 2: Produções de filmes sobre zumbis e momentos históricos nos E.U.A.



Fonte: Newitz (2010)

Disponível em : <<http://io9.gizmodo.com/a-history-of-zombies-in-america-5692719>>.

De acordo com a figura acima, observa-se que, na década de 1930, o tema do zumbi começa a ser explorado com o filme *White Zombie*, mesma época em que ocorre a Grande Depressão financeira devido à quebra da bolsa de valores. Nesse filme, como visto acima, os zumbis são relacionados à temática da escravidão, remetendo sua origem relacionada à religião Vodou quando há o destaque para a utilização de feitiços a fim de transformar os homens enfeitiçados em escravos que retornam à vida para servirem ao senhor que lhes enfeitiçou (NEWITZ, 2010).

Na década de 1960, conforme informa Newitz (2010), com o clássico “A noite dos mortos vivos”, de Romero, o surgimento dos mortos-vivos se deve a um incidente radioativo e o protagonista negro, junto a um grupo de seis pessoas, deve se defender

dos zumbis, uma mudança no sentido em que tais figuras (zumbis) eram até então utilizadas. A luta pela igualdade racial é expressada na forma de representar a população negra (STANCK, 2015). A intenção de George Romero seria a crítica ao contexto social que vinha se corrompendo, desarticulando assim a ligação com o contexto religioso do mito haitiano. Porém, ser escravizado por um senhor, ou de certa forma tornar-se escravizado por um sistema corrupto através da adesão ao mesmo, via consumo, não seriam maneiras de descrever fenômenos semelhantes em contextos diferentes? Neste sentido, Serravalle de Sá (2014, p. 214) destaca que a figura do zumbi, enquanto metáfora, tem muito a oferecer por operar dentro da dimensão histórica da apatia política, esvaziamento da memória, trabalho forçado e novos tipos de servidão transpostos para a conjuntura capitalista do século XX e XXI. Esta cadeia de associações advém de certo modo do conjunto de associações negativas atribuídas aos deuses africanos, sendo estas amplamente veiculadas na cultura ocidental. Tal fenômeno compreende um recurso para demonizar a produção simbólica africana e conter a ameaça de perda de poder sobre a vida de escravizados e ex-escravizados.

Nos períodos da Segunda Guerra, do lançamento do satélite Sputnik pela URSS e do recrudescimento da Guerra Fria e mais tarde da Guerra do Vietnã, pode-se observar que a proliferação de filmes sobre zumbis alcança seus picos, momentos estes de crises e abalos sociais. A partir da segunda metade década de 1980 os zumbis também comparecem associados a questões epidêmicas (no próprio T.W.D. as pessoas se tornam zumbis por se infectarem por um vírus), sendo, portanto, uma questão da ordem da saúde pública. A época em que se inicia tal associação é concomitante ao surgimento da epidemia da AIDS, seguido da guerra do Iraque (NEWITZ, 2010).

Caminhando na utilização da temática do zumbi nos contextos de arte e entretenimento, constata-se que o tema passa a se repetir de maneiras variadas em séries, filmes, games, dentre outros. A premissa a que se pode aderir é a de que há duas grandes dimensões expressas através da simbologia zumbi, sendo a primeira referente aos sintomas sociais e a segunda envolvendo a representação da condição humana.

Trazendo o enfoque ao seriado T.W.D., observa-se que, apesar de possuir um enredo geral extremamente simples, *The Walking Dead* prima por explorar situações que provocam grandes questionamentos filosóficos, políticos e sociais. Os sobreviventes se deparam com grandes dificuldades devido ao convívio com outros

seres humanos. Apesar de tal evidência os zumbis permanecem como inimigos, ou seja, são privilegiados como objeto de projeção dos temores humanos embora não sejam a maior fonte de riscos. Deste modo, a trama é permeada por assassinos, psicopatas, estupradores e pessoas com desvios de comportamento, por vezes mais ameaçadores que os próprios zumbis. (OLIVEIRA, 2013, p.173). Neste sentido um participante compreende o seriado como algo que vai além de apenas uma “historinha que fala de zumbi”.

E assim, quando a gente assistiu o primeiro episódio, a gente achou interessante, entre aspas, uma história diferente. Que não é a mesma coisinha de sempre, uma historinha meio que novela tratando de zumbi, então a gente achou interessante e começou a assistir. (P 2)

Conforme aponta Teixeira (2013), a série T.W.D. parece borderjar esse limite com que se defronta o cinema dito de entretenimento quando almeja ser reconhecido como “sério”. Alguns dados colhidos entre os participantes desta pesquisa sobre o interesse e alterações deste interesse em assistir a série mostram que os telespectadores ouvidos assistem e continuam seguindo o seriado, hábito que prevê, inclusive, aguardar o lançamento de novas temporadas. Houve uma menção a uma diminuição no interesse temporariamente, referido pelo participante P6, quando na terceira ou quarta temporada os personagens do seriado estavam ambientados em uma fazenda e seus desafios aparentaram ter sido menores, o que indica que provavelmente o aumento da motivação e interesse é proporcional às dificuldades e desafios que se apresentam aos personagens.

Os demais foram enfáticos em dizer que o seu interesse aumentou. Alguns relataram que sentiram medo no início, ou mesmo preconceito quanto à temática, porém, todos comentaram ter se surpreendido com o conteúdo da trama que se revelou inovador, com frases conforme as citadas abaixo:

Adorei, muito, muito legal. Primeira vez que eu assisti assim me deu muito medo, claro que é parece ser muito real. E assim, no começo eu fiquei assim: Gente, que série louca, né? Que horror! Que série estranha. Mas, depois eu fui adorando e, assim, é uma coisa que vicia, amei. Muito boa. (P1)

Aumentou. Aumentou um pouco, porque a história em si, ela ajuda... te mantém assim com vontade de assistir outro episódio depois. (P2)

Outro participante informa que o cunhado assistia, mas que ele (P3), por sua vez, guardava preconceito quanto ao tema de zumbis. Sobre a mudança após iniciar a prática afirma que:

Mudou. Acho que também amadureci, tipo, talvez não tenha tanto medo de zumbi, eu sou meio medrosa, [acha graça] talvez eu não tenha tanto asco de olhar para os zumbis hoje. Mas, assim, eu tinha esse bloqueio, eu tinha esse preconceito, era por isso que eu tipo, nunca tive a iniciativa de ir mais a fundo sobre essa série. E aí, de tanto meu cunhado falar e meu namorado falar, “ah, não, está sendo bem avaliada, vamos assistir um episódio?”, falei, “ai, tá bom, vamos” e aí... só que assim, uma vez que você começa a assistir você não... você fica ali preso e não consegue parar mais. (P 3)

Outro participante ressaltou que:

[...] fica a cada dia melhor, quando acaba a temporada no meio, por exemplo, quando chegou o natal, eles cortaram a temporada e agora vai voltar em fevereiro. Então, dá ansiedade de saber o que é que vai acontecer e é bom que nunca é chato, sempre cada capítulo supera, vai abrigando mais pessoas, vão acontecendo mais coisas (P 4).

Diante da observação de que o interesse sobre o seriado aumenta conforme a quantidade de episódios que o telespectador assiste, torna-se possível supor que uma das razões seja o alcance do sentido simbólico comportado pela narrativa de T.W.D.

4.2.1 As *ZombieWalks*

O reflexo da aceitação do tema “zumbi” a partir de sua integração em práticas sociais é também verificado através do surgimento das *Zombie Walks*. Segundo informações contidas no site *Zombie Walk-SP* está é uma marcha pública de pessoas vestidas de zumbi que acontece em diversas cidades do mundo. Para Massarolo e Gomes (2013, p. 211), elas são “ações coletivas que visam simular o comportamento de uma horda de zumbis no terreno urbano”. Ainda segundo os mesmos autores, as caminhadas expressam outra multidão de zumbis contemporâneos que merece destaque e não se encontra nos cinemas.

Caracterizam-se como manifestações que ocorrem de maneira descentralizada, sendo que cada encontro adquire diferentes regras e protocolos em sua formatação e divulgação. Os eventos agregam um enorme número de interessados, mesmo nos encontros de cidades do interior. A presença de observadores está implícita, sendo que estes podem tornar-se vítimas em potencial dos pertencentes à horda. A multidão é formatada de maneira aberta e manifesta “o desejo intrínseco de expandir-se, tornando-se mais densa e igualitária, na medida em que as pessoas caracterizadas como vítimas vão progressivamente transformando-se em zumbis no decorrer do encontro” (MASSAROLO; GOMES, 2013, p. 212).

Surgido na Califórnia em 2001, desde 2006 vem sendo feito anualmente em São Paulo, sempre no dia 2 de novembro (Dia de Finados). A participação é gratuita, aberta aos interessados que devem comparecer caracterizados em dia e horários definidos previamente e divulgados pelos organizadores em sítios eletrônicos ou *fanpages* no Facebook.

Figura 3: Imagem de participante de *ZombieWalk*.



Fonte: *ZombieWalk*- SP.

Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=zombie+walk+sp&biw=1024&bih=667&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwiVqd_szPXXAhXBg5AKHaEbBRIQsAQIQA&dpr=1#imgrc=szTw3Mz_YgzsGM%3A>

Figura 4: Imagem de participantes de *ZombieWalk*.



Fonte: *ZombieWalk*- SP.

Disponível em: <<http://zombiewalksp.com/sobre/>>

Uma crítica a este tipo de manifestação mencionada por Massarolo e Gomes (2013) seria a ausência de significado político ou ideológico por trás das *Zombie Walks*, vistas então como atividades despolitizadas e efêmeras. Todavia, Lauro (2011) *apud* Massarolo e Gomes (2013) menciona ser esta uma característica central a esse tipo de movimento. Ao não se enquadrarem em uma identidade fixa por não ser possível determinar se são arte, anarquia, brincadeira ou protesto, as marchas se aproximam da identidade zumbi, que é descentralizada e flutuante (isto é, pós-moderna).

Massarolo e Gomes (2013) apontam para as alterações na forma dos zumbis se locomoverem. O andar dos mesmos em produções artísticas anteriores era mais lentificado do que em produções do presente. Os autores destacam a presença de zumbis mais velozes em relação aos retratados anteriormente (que andam mais lentos que os vivos), afetando assim a movimentação dos sobreviventes. Nos primeiros filmes de zumbi, a exemplo de “A noite dos mortos vivos”, eram apresentadas cenas em que os grupos se refugiavam em locais fixos e lá permaneciam enquanto os zumbis, lenta e ininterruptamente se aglomeravam no exterior. Assim era gerado o suspense, cujo clímax se dava na invasão do local de refúgio.

A dinâmica operada nas histórias atuais é a da mobilidade, uma vez que os sobreviventes não optam pela permanência em um local e sim por deslocamentos, perpassando múltiplos espaços no decorrer do filme.

Quando avaliamos a figura do zumbi como corporificação de ansiedades sociais, a mudança em seu padrão de locomoção pode ser refletida sob uma perspectiva sociológica. Nesse sentido, uma provável explicação para esta alteração pode ser encontrada dentro de uma análise das características da sociedade do século XXI, que sofreu contundentes mudanças em sua estrutura: passamos de uma sociedade industrial para uma sociedade pós-industrial e globalizada, caracterizada pelo aumento da velocidade do fluxo de informações e pessoas, dentro de um novo paradigma da mobilidade (MASSAROLO; GOMES, 2013, p. 209-210).

Nesta correlação entre sociedade e mobilidade de informações e de pessoas no contexto globalizado, podem-se acrescentar as relações que foram configurando o trabalho no século XX. Sennet (2001, p. 21) ressalta que as mudanças no mercado global e o uso de tecnologias não são os únicos elementos do capitalismo atual. Há outra dimensão de mudança referente à forma de organizar o tempo, especialmente o de trabalho. Desta forma, a carreira tradicional vem fenecendo juntamente com a qualificação pautada em uma única experiência laboral. Ao contrário de lemas anteriores, o chavão em voga expressa não haver longo prazo em mundos corporativos. As empresas, buscando atender o mercado considerado dinâmico, priorizam mudanças constantes, implantam o trabalho em curto prazo, por contrato ou episódico. A burocracia tende a ser eliminada, tornando as organizações mais planas e flexíveis, no modelo de redes, em que as hierarquias são diminuídas (SENNET, 2001, p. 23). Em decorrência disto, há maior mobilidade quanto aos locais em que trabalham os indivíduos contemporâneos.

Considerando, assim, a identidade zumbi acima citada e o que ela pode vir a expressar, retoma-se Corso (2013), para quem o questionamento do que esses mortos-vivos dizem sobre nós parece conduzir a um caminho de recônditas questões que não nos atrevemos a pensar, e por isso atingem nossa consciência através da fantasia, simbolizadas através destas. Em uma perspectiva que vise uma autocrítica é plausível reconhecer, já de início, que questões como racismo e desrespeito com produções culturais que não provenham de culturas dominantes, como a norte-americana, tendem a ser rechaçadas no contexto social do ocidente.

4.3. A dimensão simbólica do zumbi: possibilidades de interpretações

As considerações aqui expostas sobre a simbologia do zumbi se ancoram no fato de este ser o principal foco do seriado T.W.D. estudado, em torno do apocalipse zumbi. Para Teixeira (2013) podem-se reconhecer nesse gênero cinematográfico alguns temas cruciais de nossos dias. Retomando o percurso de tal figura através dos tempos até o presente, Reis-Filho e Suppia (2011) ressaltam que:

O “morto-vivo moderno” é o legado do cineasta americano para o cinema e para a cultura popular, sendo a reconstrução do zumbi de grande importância para os gêneros do horror e da ficção científica pelo seu impacto sobre produções audiovisuais recentes, nos mais diversos suportes. São inúmeras as produções que tiveram no paradigma romeriano sua idéia fundadora e que configuram, atualmente, o amplo universo dos mortos-vivos. O tema evoluiu de tal forma na cultura popular, sofrendo novas reconstruções, que hoje traz consigo não apenas a carga do medo ancestral da morte, mas igualmente os temores contemporâneos relacionados à manipulação genética e aos ideais de epidemia e extinção da espécie humana [...] (REIS-FILHO; SUPPIA, 2011, p. 282).

Webb e Byrnan (2008) mencionam a importância de se entender o modelo de zumbi disseminado por Hollywood e setores a ele ligados. Interessa a narrativa zumbi enquanto sugestiva do que significa ser humano na contemporaneidade: diante do domínio da economia neoliberal, da globalização e trabalho de produção capitalista que encanta e ao mesmo tempo desencanta os povos. Nesta orientação, Serravalle de Sá (2014) acrescenta que o zumbi historicamente tem sido uma forma de representar uma gama de questões sociopolíticas e ansiedades culturais, como a escravidão, xenofobia, racismo, horrores da guerra, medo da morte e apreensões sobre a cultura de consumo. Lembra-se, contudo, que as motivações variam ora no sentido de satanizar a cultura dominada e a personagem zumbi, ora no sentido de denunciar o poder alienante que transforma os humanos em autômatos que consomem insaciavelmente.

Coadunando com o mencionado acima, Corso (2013), traz a reflexão de que os aspectos simbólicos envolvidos na figura do zumbi revelam inúmeras contradições e

situações de conflitos entre o homem e imposições sociais atuais. Tais argumentos foram tecidos pelo autor Corso (2013) em seu blog, local em que publica textos de sua autoria sobre cinema, cotidiano e psicanálise. Cabe esclarecer que o mesmo, além de ser psicanalista e palestrante, é autor do livro “Fadas no Divã”, em que analisa e interpreta contos de fada sob o viés psicanalítico. Por esta razão foi possível atribuir crédito à sua fala embora seus argumentos utilizados no presente trabalho tenham sido retirados de um sítio eletrônico e não de uma produção literária. Ademais, ressalta-se que a estrutura de sua análise coincidiu com as falas trazidas pelos participantes deste estudo. Posto isso, caminha-se na direção de que o autor faz uma análise interpretando aspectos que podem ser expressões de temas centrais na vida humana como a morte, o envelhecimento, o corpo e outras temáticas atuais na sociedade contemporânea, a saber, massificação, toxicomania e isolamento. Somados a tais apontamentos trazidos por Corso (2013) amplia-se a análise para a relação de subjugação da cultura africana e contextos de trabalho no ocidente contemporâneo.

4.3.1 O simbolismo da morte e do envelhecimento

Primeiramente, Corso (2013) ressalta a conexão entre a figura do zumbi e sua relação com a morte. O autor afirma que a morte perdeu espaço na modernidade e foi encerrada em hospitais. Com a diminuição de antigas convenções tradicionais e de crenças transcendentais, a modernidade possibilitou o confinamento no presente, porém a morte se impõe como dado de realidade. Não havendo reflexões sobre o tema, ela tende a retornar como sonho e pesadelo. Os zumbis então seriam os homens contemporâneos, em forma lúdica e rebaixada de filosofar, pensar, refletir sobre seu inevitável destino (CORSO, 2013).

Pondé (2000), a respeito da experiência de finitude humana na contemporaneidade, argumenta que para que esta experiência caracterize algo puramente humano (saber-se um ser finito) requer a presença na consciência de um espaço cultural, afetivo e cognitivo. A era atual é empobrecida em recursos culturais que levem à finitude ao grau de experiência da consciência. Os espaços fomentadores de tais vivências estariam escassos, “Nada mais distante de nossa cultura do que espaços onde a finitude fale - na realidade nosso movimento é sempre de silenciá-la” (PONDÉ, 2000, p. 81). O autor acrescenta que as culturas pré-modernas permitiam espaços

afetivos e culturais para a experiência da finitude humana, porém, contemporaneamente a finitude é vista como uma “ofensa ontológica” ao narcisismo dos sujeitos. As razões para a tendência em negar a morte, continua Pondé (2000), se fundariam no medo do desaparecimento e sofrimento. Tais sentimentos não devem ser subestimados, mas enfrentados via mecanismos culturais que legitimem o espaço para angústia, dor e sofrimento, vistos e aceitos como constitutivos do ser.

Não se trata de subestimar o talante psicológico das razões postas acima para se negar a experiência cultural da finitude, mas sim talvez de buscar o enfrentamento do medo do Nada e da dor através de mecanismos culturais que recoloquem no universo do humano (portanto, da cultura) o espaço da angústia, da dor e do sofrimento como estados constitutivos do ser humano e não apenas como fantasmas que devem ser obscurecidos pelos ruídos de uma época que se caracteriza pela suposição infantil de que emancipar-se é construir falsamente a identidade necessária entre homem e felicidade. Não há simetria entre homem e felicidade, há quando muito uma vocação do primeiro com relação à segunda, assim como também uma “natural” vocação ontológica do primeiro para o medo, a dor e a angústia. (PONDÉ, 2000, p. 82)

O tema do fim, da morte e do pós-morte, foi trazido à tona no depoimento de um participante, coadunando a hipótese do entrelaçamento entre o seriado e o tema da finitude.

[...] Para onde é que eu vou depois que eu morrer. E sempre foi algo que muito me deixou desconfortável, saber que a minha maturidade seria a velhice da minha mãe, a minha maturidade seria a velhice de quem eu amo. E para onde a gente vai, depois? Essa continuação de história gera uma insegurança que é natural, eu acredito. (P 6)

Uma segunda conexão apontada pelo autor Corso (2013) reside no processo de envelhecimento²⁵. Representado assim pela lentidão, passos pesados e movimentos em câmera lenta. Se a finitude traz conflito, ao se envelhecer há outro peso: ficar com o corpo corrompido pelos anos. Nos variados contextos e locais conversa-se pouco sobre

²⁵ O “horror à velhice” nos dias atuais também é mencionado por Saroldi (2014).

a finitude, porém ao mesmo tempo teme-se (ou evita-se a todo custo²⁶?) o envelhecimento como crianças temem a bichos papões. Ao mesmo tempo em que é possível verificar um aumento da longevidade nos dias atuais e a expectativa de vida sendo aumentada há uma tendência em não aceitar o envelhecimento e algumas de suas características como parte natural deste processo.

Observa-se que o envelhecimento acelerado das sociedades se apresenta como realidade irrefutável que tem alterado a paisagem demográfica em grande parte do globo, com particular incidência nas sociedades ocidentais. Para Aboim (2014), o crescimento acelerado da expectativa média de vida bem como a queda abrupta e continuada da fertilidade marca uma tendência de consequências graves, desafios à sustentabilidade de sistemas públicos de proteção social. Porém, ao mesmo tempo em que se vive mais, menos se deseja ser velho, aparentar o envelhecimento, aumentando a venda e aquisição de produtos que prometem o rejuvenescimento. Permeada por esta via, a indústria cultural e midiática corrobora o combate ao envelhecimento. Atores em certa idade já não conseguem trabalho ou se conseguem justamente o fazem por não a aparentar (SAROLDI, 2014).

4.3.2 *O simbolismo do corpo*

O outro aspecto elencado por Corso (2013) se refere à relação com o corpo. O tempo atual pede enorme cuidado com o corpo que deve ser modelado, malhado, adequado a padrões exigentes. Roudinesco (1999) descreve a sociedade contemporânea como normatizadora, ditadora de modelos de beleza que devem ser alcançados por todos. Para Corso (2013), uma das possibilidades de expressão da forma zumbi seria o cansaço com a demanda de luta contra o curso do próprio corpo. Como se fosse uma autorização para o feio, impondo um fim às privações e ao trabalho forçado para fabricação corporal. O corpo zumbi assumiria a negação do corpo disciplinado ao dizer que se segue vivo embora sem o corpo socialmente exigido, um protesto contra a vaidade excessiva e o culto a saúde.

Como bem lembra Rodrigues (2011), o corpo sempre foi suporte para práticas sociais e o tratamento que lhe é dado reflete a manifestação de modos de subjetivação

²⁶ Questionamento inserido pela autora.

próprios a cada contexto sócio-histórico em que ocorre. Lima, Lara Júnior e Batista (2013) relatam que na sociedade capitalista o corpo já não mais parece ser fonte de “pecados”, tornando-se assim possivelmente uma desculpa para os excessos verificados neste âmbito. Em relação ao comparecimento do corpo nas diversas esferas da vida contemporânea, Santaella (2004, p.140) ressalta que o mesmo está em todos os lugares, se tornando onipresente em pesquisas, no pensamento feminista, nos estudos culturais, nas ciências naturais e sociais, nas artes, na literatura e na mídia.

Dissemina-se a ideologia de que o corpo é um objeto de propriedade particular através do qual o sujeito tudo pode de forma autônoma, quando na verdade a relação com este se dá via execução de ideais de consumo amplamente divulgados. Neste contexto, o corpo feminino se torna também um objeto a ser consumido e indústrias variadas desenvolvem formas que prometem mantê-lo saudável, jovem e belo. A busca pelo corpo feminino (ou masculino)²⁷ ideal, ao mesmo tempo em que possibilita certo gozo escraviza e denuncia um dos mal-estares contemporâneo: o excesso de consumo. “Essa cultura de consumo subjuga o corpo em nome de uma estética, com a promessa de juventude, saúde, sucesso e felicidade, de modo que tais excessos acabam por provocar sofrimentos psíquicos”. (LIMA; LARA JÚNIOR; BATISTA, 2013, s.p.).

Conforme aponta Santaella (2004), as relações estabelecidas com o corpo atualmente, inclusive, podem ser encaradas como um sintoma social. A forma de entender tal processo de formação sintomática até pode ser pela via da formação do inconsciente, assim como os são os sonhos, chistes, atos falhos e recordações encobridoras. “São formações do inconsciente porque, por meio delas, o inconsciente irrompe, bate à porta, faz-se ouvir” (SANTAELLA, 2004, p. 141). Dessa forma, o sintoma comparece em uma linguagem cifrada, simbólica, conforme definiu Freud (1996i) no texto “Cinco lições de psicanálise”. Esse símbolo diria respeito ao desejo oculto do sujeito ao mesmo tempo em que comparece disfarçado na tentativa de driblar a censura, compondo assim uma “formação de compromisso” (FREUD, 1996j).

Porém, após 1920, conforme aponta Santaella (2004), a noção de sintoma se torna mais complexa. Com a publicação do texto “Além do princípio do prazer”, Freud (1996e) introduz o conceito de pulsão de morte, força interna oposta à pulsão de vida, algo que tende ao inorgânico, compelindo inclusive os atos à repetição sintomática. A

²⁷ Parêntese acrescentado pela autora. Entende-se aqui que ambos os sexos se inserem neste processo de estetização do corpo e a busca de sensações através dele que é levada a seu extremo.

partir de então, reconhece-se não apenas o papel da sexualidade²⁸, forma de comparecimento da libido ou de Eros no funcionamento psíquico humano, mas também “[...] a importância da agressividade e da destrutividade, não só secundárias a uma frustração, mas como primárias e constitutivas do humano” (RANÑA, 2001, p. 81).

A psicanálise, então, se volta para o entendimento de situações derivadas da “compulsão à repetição”. A manifestação da compulsão à repetição por sua vez revela-se em adoeceres somáticos, na tendência em alguns indivíduos de buscarem situações de risco, de negligenciarem sua doença ou de repetirem episódios acidentais graves. Para Ranña (2001), tais fenômenos indicariam a busca inconsciente da morte e da repetição como forma de o aparelho psíquico lidar com quantidades transbordantes de excitação, ao mesmo tempo em que esta é buscada de forma desgovernada, escapando ao princípio do prazer²⁹ e dirigindo-se ao desgoverno da economia do gozo.

O sofrimento passa a ser visto à luz do gozo, que neste caso “não deve ser entendido como prazer, muito menos como prazer sexual, mas como uma paradoxal espécie de prazer na dor, uma tensão excessiva que leva o corpo ao paroxismo do esgotamento, à beira de sua consumação no limiar da morte” (SANTAELLA, 2004, p. 143). Tem-se aí que o sofrimento é um dos nomes do gozo pulsional e que o sintoma comporta uma expressão de revolta contra a civilização, conforme apontado em “O mal-estar na civilização” (FREUD, 1996a).

Conforme visto anteriormente, hoje se verifica o estímulo ao consumismo, porém, além de acumular bens, Santaella (2004) propõe que, acima de tudo, se busca o acúmulo de sensações vivenciadas no corpo, estas sim obtidas através dos objetos consumidos, alimentando o ciclo de aquisição de produtos a fim de se obterem as sensações desejadas:

²⁸ Segundo Nasio (1995, p.33-34), “Do ponto de vista da psicanálise, a sexualidade humana não se reduz ao contato dos órgãos genitais de dois indivíduos, nem à estimulação de sensações genitais. Não, o conceito de “sexual” reveste-se, em psicanálise, de uma acepção muito mais ampla que a de “genital”. [...] chamamos sexual a toda conduta que, partindo de uma região erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele, etc.), e apoiando-se em uma fantasia, proporciona certo tipo de prazer”.

²⁹ Segundo Freud é um dos princípios que rege o funcionamento mental e visa evitar o desprazer e buscar o prazer. O desprazer seria o aumento de excitação e o prazer sua redução (LAPLANCHE; PONTALIS, 1998).

Por isso mesmo, as sociedades globalizadas arrastam as economias para a produção do efêmero, do volátil e do precário, com suas indústrias funcionando cada vez mais para a produção de tentações frívolas que só duram o tempo da sensação que provocam para serem ininterruptamente substituídas por novas tentações.

Uma vez que a sensação necessariamente inere em um corpo, trata-se aí de um novo modo de gozo que encontra seu alvo no corpo, e não na mercadoria externa a ele, até o ponto de o corpo ter se tornado a mercadoria favorita das mídias. (SANTAELLA, 2004, p.147)

A partir de então a autora cita que os modos contemporâneos de gozo encontram seu alvo no corpo como nos flagelos, nos *piercings*, tatuagens, distúrbios alimentares (bulimia, anorexia, compulsões alimentares e obesidades), horror ao envelhecimento, remodelagem do corpo no *bodybuilding*³⁰, silicones, cirurgias plásticas e, por fim, amparado nestes emblemas narcísicos o indiscutível exibicionismo do corpo nas mídias (SANTAELLA, 2004). Pode-se acrescentar além destes, outros fenômenos crescentes que de alguma forma se ligam ao corpo. Ferraz (2008) menciona adoecimentos e atuações (acima citados também por Ranña) como pânico, adições, *bodyart*³¹, *barebaking*³² e novos tipos de “sado-masiquismo”. Para Santaella (2004), tais proliferações atestam que as variadas manifestações do corpo podem ser entendidas como sintoma da cultura. Envolveriam a influência cultural em alterações nas instâncias reguladoras da energia psíquica e do gozo, pelos mecanismos intrapsíquicos.

Assim, no que diz respeito ao corpo simbólico, o colapso dos ideais na pós-modernidade aponta para a queda do ideal do Eu e o triunfo do eu ideal³³. Perdidos os princípios reguladores do ideal do Eu que contradiz e neutraliza a alienação imaginária, reinam imperiosamente os sonhos autárquicos e onipotentes que fazem do corpo um receptáculo de sensações tão progressivamente excitantes até encontrar seu limiar no insensível.

Como fruto da falha nos ideais reguladores, o corpo imaginário sucumbe à desmesura de seus imperativos, da qual resultam o autocentramento cegante, as metáforas do exibicionismo, a hegemônica estetização da existência, de que a estesia midiática sabe tirar proveito e retroalimentar em um círculo vicioso que

³⁰ Culturismo ou musculação (RAMOS; CAMPOS JÚNIOR, 2007).

³¹ Arte do corpo, performance, vertente da arte contemporânea que toma o corpo como expressão ou matéria de realização de trabalhos (ITAÚ CULTURAL, [20??]).

³² Segundo Silva (2009) se refere ao sexo anal intencional sem uso de preservativos.

³³ Ideal narcísico forjado a partir do modelo do narcisismo infantil (LAPLANCHE E PONTALIS, 1998).

incansavelmente busca expelir do seu campo as tensões e contradições humanas, a dor, o envelhecimento e a morte. (SANTAELLA, 2004, p. 156)

Ilustrando a presença maciça do corpo de diversas maneiras na rotina contemporânea destaca-se que nas entrevistas questionou-se a rotina dos participantes da pesquisa e as formas de lazer e entretenimento por eles desempenhadas. Dentre as atividades de entretenimento mencionadas encontrou-se a leitura, ir ao shopping aos finais de semana, estudar, viajar, ir a parques, clubes e piscinas, cinema, musicais e teatro. Além destas atividade, quatro mencionaram espontaneamente praticarem atividades físicas durante a semana ou aos finais de semana. Um dos que não fazia atividades físicas se auto definiu como “sedentário”, como que confessando algo com o que devesse se preocupar em não fazer. Apenas um participante não fez menção ao assunto.

O primeiro aspecto que chama atenção é o fato de que tal temática (atividade física- corpo) foi incluída espontaneamente nas respostas, o que indica algo presente ou até mesmo corriqueiro na vida dos participantes, senão em prática em reflexão a este respeito. Evidenciou-se a presença na vida dos participantes de sua relação com o próprio corpo e a prática de atividade física no cuidado deste.

[...] gosto muito de esporte, praticar, de assistir. (P2)

Eu faço esportes, pelo menos duas ou três vezes por semana [...] (P3)

A gente costuma andar de bicicleta fim de semana para passear ou fazer caminhada com os nossos cachorros, eu tenho dois cachorros e a gente faz caminhada num parque chamado Tiquatira, que é lá na Zona Leste de São Paulo, e a minha rotina é de segunda a sexta somente vir trabalhar. [...] e no fim de semana eu cuido da casa e a gente só faz esses passeios meio que de atividade física, porque é o que a gente não tem. (P 4)

[...] no dia de semana eu só vou para o trabalho e depois à noite vou para academia [...]. (P5)

[...] não me motiva ir em academia, nada nesse sentido e... [...] Apesar de morar muito perto do escritório, eu não vou a pé, vou de carro, tenho uma vida bem sedentária, nesse aspecto, muito sedentária. E para ganhar qualidade de vida eu administro com boa refeição, boa

alimentação. Então, isso aí, eu vou no acompanhamento nutricional...
[...] (P6)

Seja por conta dos inegáveis benefícios trazidos à saúde, seja por questões estéticas ligadas ao cultivo da imagem, aspectos estes não investigados naquele momento, tais menções corroboram o referido na revisão de literatura do presente estudo, sobre o quanto o corpo se tornou presente no cotidiano contemporâneo.

4.3.3 O simbolismo da massificação e do consumo

A massificação se soma às simbologias da figura do zumbi (CORSO, 2013). O fenômeno morto-vivo é revolucionário por representar, em sua visão, plebeus atingindo prestígio, protagonizando produções culturais, como no caso do T.W.D. Em tal fenômeno, verifica-se a ambiguidade observada em um contexto que preza pelo individualismo ao mesmo tempo em que incita a todos prenderem seus desejos em semelhanças, inclusive os de ascensão e prestígio social. Ser ninguém é o que se deseja evitar, porém tal desejo é rompido pela figura do zumbi, excluído socialmente e mais um na massa, mas também elemento central da cena pós-apocalíptica. Um ser sem vontade e sem cérebro símbolo da civilização mecânica e burocratizada, dissidente do pensar e adepto ao consumismo. Os processos de “zumbificação”, em suas diferentes possibilidades (seja por contaminação viral, radioativa, lavagem cerebral, feitiçaria, dentre outros), são relacionados recorrentemente à massificação das opiniões, perda de capacidade de raciocínio crítico, apatia e insensibilidade emocional, implicações que repercutem no próprio conceito de humanidade (SERRAVALLE DE SÁ, 2014, p. 208). Em consonância com as considerações de Webb e Byrnand (2008), torna-se possível entender que o capitalismo funciona como um análogo da “zumbificação”. Para compreensão de tal analogia, primeiramente considera-se que ela se baseia no apetite insaciável do zumbi e na vontade de consumir do homem capitalista. Uma diferença residiria no fato de que, segundo os autores, no consumo Zumbi há algo impensado e no consumo capitalista há algo organizado. A organização faz parte de um sistema que trabalha para produzir a história, tem aspirações e alcances globais. Todavia, o que vem

acontecendo em uma escala global é a produção não só da história, mas da fome das pessoas ao redor do mundo; e da veiculação de uma forma de pensar que compreende o capitalismo como o único sistema viável para a organização social, intercâmbio econômico e relações geopolíticas (WEBB; BYRNAND, 2008).

No filme *Dawn of the Dead*, (“O despertar dos mortos”), de 1978, George Romero já simbolizava o consumo irracional como tema central, pois enquanto os zumbis têm como principal objetivo comer carne humana, os personagens permanecem presos dentro de um shopping e se abstraem da situação séria em que se encontram desejando unicamente consumir os acessórios e produtos disponíveis sem precisar pagar pelos itens (SERRAVALLE De SÁ, 2014). Conforme citado no transcórre do presente estudo e segundo Khel (2004), os produtos ofertados insistentemente pelos publicitários cumprem o papel de “fetiche”, cujas implicações entre o valor de encobrir as relações de desigualdades também remetem à negação das diferenças e dos limites, o que traz novamente impactos no processo psíquico do ser humano contemporâneo, imerso em tais valores. De acordo com as reflexões de Webb e Byrnand (2008), denota-se que praticamente todos os seres humanos ocidentais são fisgados por preceitos consumistas, por vezes, conforme o desejo, por vezes, conforme a necessidade, o que pode ser visto como uma manifestação do vírus que transforma todos em zumbis. As necessidades e desejos motivam a busca da satisfação, mas nunca esta satisfação é alcançada, seja via jantares, carros, bebida ou companhia atraente; nada preenche, tudo se torna degrau que conduz para mais e mais. Para estes autores, talvez o aspecto mais importante da globalização, assim como do neoliberalismo, seja o caminho que culminou com o recuo do Estado e com o avanço do capitalismo global, muitas vezes em face da resistência dos interesses locais, regionais e nacionais. A globalização e o neoliberalismo atuam na lógica do capitalismo, na ideia de liberdade. Para o neoliberalismo, liberdade equivale ao capitalismo e se iguala ao livre comércio, uma economia sem limites, e a circulação sem entraves de pessoas, bens e capitais. O seu princípio fundador é a busca do interesse próprio através da concorrência entre os produtores e os consumidores. A motivação do lucro se sobrepõe a todos os outros motivos, inclusive religiosos, nacionalistas e ambientais, em um sistema que compreende tentáculos de comércio e de câmbio que cruzam o globo, prometendo recompensas para aqueles que servem ao sistema e estabelecendo uma indefinição de necessidades e desejos que transformam todos em consumidores irracionais. Uma vez recebidas as “picadas de capitalistas”, o indivíduo pega o vírus. E são os próprios homens das sociedades capitalistas que, de

fato, infectam outras pessoas, apesar de suas melhores intenções. A questão crítica não é o fato de que todos começam a comprar as mesmas coisas, mas o de que este sistema aparentemente mais democrático das políticas econômicas não leva a uma democracia da riqueza, mas para uma sociedade dividida em termos globais e locais entre poucos que têm quase tudo, e muitos que possuem pouco ou nada.

Aspectos da organização capitalista consumista foram apontadas por Bauman (2004) que afirma que atualmente os *shopping centers* tendem a ser planejados para atingir o súbito despertar e a rápida extinção dos impulsos, em detrimento da incômoda e prolongada criação e maturação dos desejos.

O único desejo que pode (e deve) ser implantado por meio da visita a um shopping é o de repetir, vezes e vezes seguidas, o momento estimulante de "abandonar-se aos impulsos" e permitir que estes comandem o espetáculo sem que haja um cenário predefinido. A curta expectativa de vida é o trunfo dos impulsos, dando-lhes uma vantagem sobre os desejos. Render-se aos impulsos, ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe ser transitório, mantendo-se a esperança de que não deixará conseqüências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. (BAUMAN, 2004, p. 27)

Essa talvez, seria uma descrição adequada para o mencionado filme *Dawn of the Dead*, (Romero, 1978). Os apontamentos realizados por um participante deste estudo também se aproximam dos argumentos de Bauman:

[...] é isso, são as relações do poder, das relações de consumo. Eu acho que a gente caminha, sim, no caos, eu vejo... [...] Eu acho que nós somos zumbis, eu acho que já existe cura para AIDS, eu acredito que já existe cura para câncer, porque é impossível uma mesma pessoa que tem um câncer... [...] E é exatamente isso, tipo, como é que pode uma pessoa que é tratada pelo SUS morre e uma pessoa que tem o mesmo câncer e... foi Presidente da República, tem gasto infinito com saúde, previsto por legislação, nós pagamos por isso, nós pagamos o SUS para esse cara...[...] e esse cara sobrevive? Como é que existe drogas, eu já acompanhei isso, casos de câncer, que custam o comprimido 6 mil reais ((ênfatisou)) e o rico têm condições e o SUS não pode por. [...] Era seletivo, você simplesmente, esse remédio é imediato, é distribuído em SUS, você precisa dele na Atenção Primária, o cara que chegou enfartando lá. Então, eu vejo, por exemplo, o tratamento do câncer, tinha casos lá que... de pessoas que estavam f.[...], f.[...],

não tinham 3-6 meses e... alguns não, alguns com esperança. E você sabia que o estado não ia fazer nada, a fila era muito grande. [...] Então, nós não temos a cultura de doar órgãos, aquele filme 'Sete Vidas', traz muito isso, até com o Will Smith, nós não temos uma cultura de... de doar, de perpetuar, de ser solidário, eh... e eu acho que... eu não acredito na sociedade que a gente vive. Eu acredito que já existe, por exemplo, os nossos zumbis são os zumbis com câncer, são os zumbis com AIDS, são os zumbis com doenças que até hoje não existe cura, que eu nunca vi, por exemplo, o vice-presidente José Alencar, p.[...], o cara... o cara teve 500 mil cirurgias, o cara foi... p. [...], impossível. Nós temos uma relação de poder econômico... [...] que exclui, que exclui, eu não consigo ver, tipo, uma sociedade no século 21, um Brasil com esperança, eu tenho uma visão extremamente pessimista.

[...]

[...] Eh... você tem... você tem uma cultura do jeitinho que deixou de ser... uma cultura que passou a ser um pouco mais do trabalho. Eu vejo o seriado '*The Walking Dead*' muito associado com a miséria do país. [...] Eu... não... não vejo distribuição de renda de forma nenhuma, o cara que está morando na Zona Leste de São Paulo ele conseguiu ter a TV igual a do rico, ele conseguiu ter o carro igual a do rico, ele conseguiu vestir a 'Tommy' que o rico usa, o 'Brooksfield' que o rico usa, ele conseguiu estar com a 'Ralph Lauren' que o rico usa, mas ele continua morando lá, ele continua pagando juros, ele continua dividindo parcelas, nós conseguimos ter uma miséria no Brasil, uma miséria fantasiada pelo consumo, você não tem um... uma perspectiva daquele cara que comprou um carro de 100 mil reais que mora na Zona Leste com perspectiva de continuidade de educação. Eu vejo, por exemplo, eu estive em uma inauguração de fábrica de cultura, foi um canibalismo, tipo é uma coisa demagoga que existe no estado, o estado não está presente em tudo isso. E esses canibais, esse povo, eles estão fantasiados em um consumo tonto, porque eu vejo as manifestações de 2013, elas foram decisivas, mas não tinha pobre. Você tinha uma classe média alta, você tinha uma movimentação, uma manifestação baseada de pessoas que têm acesso à internet, é isso que você tinha. Agora, cadê o pobre? Cadê o miserável? Esses continuam... continuam... (P6).

O participante destaca então questões relativas ao consumismo, ao caos da saúde pública que evidencia o tratamento desigual e a própria desigualdade social presente no contexto brasileiro. Encerrando este trecho que explora o aspecto massificante e consumista do homem contemporâneo e sua representatividade na figura do zumbi, cabe considerar que:

Em uma cultura caracterizada pela hegemonia maciça da ciência e tecnologia, regulada pela força brutal do mercado e do lucro, um mercado que promete ilusoriamente a realização de qualquer tipo de desejo, e que, nas sociedades periféricas do capitalismo globalizado,

tem buscado fisgar nas suas redes até mesmo o consumidor de classe E, parece fazer muito sentido a sugestão lacaniana de que um dos aspectos do gozo se encontra no consumo pelo consumo. (SANTAELLA, 2004, p.146).

Na consideração sobre o acesso aos itens de consumo, Fortes (2009) declara que a chamada democracia burguesa passou a mascarar as desigualdades sociais, tornando objetos de bem-estar acessíveis a todos, contudo esta pretensa igualdade não se mostrou real ao não permitir a problematização e o encontro das possíveis soluções para as desigualdades sociais.

A figura do zumbi, conforme Serravalle de Sá (2014, p. 215), parece adequada para falar da questão do consumismo, principalmente quando se pensa na formação das sociedades pós-coloniais no continente americano, em particular, da América Central e Latina. Em outras palavras, a metáfora do zumbi reflete contextos sócio-históricos pós-coloniais nos quais um conjunto específico de relações corporais, de violência e formas degradadas de trabalho fazem parte. O zumbi permanece simbólico das relações desiguais seja no Haiti, em Cuba ou no Brasil, pois para o autor as sociedades pós-escravagistas da América Caribenha e Latina continuam refém das práticas de consumo ditadas pelos países dominantes. Estendendo o significado dos filmes inaugurados por Romero que exploram o tema do consumo irracional corporificado na figura do zumbi, o argumento deste autor é que as relações de dominação se mantêm no século XXI tal como foram no século XX.

A história se repete desde a commodificação dos corpos subalternos para trabalho e sexo, “comidos” por aqueles em posições de poder, passando pela devoração do capital cultural dos países dominados, a exemplo do conhecimento de plantas nativas pelas grandes indústrias farmacêuticas, até o controle das economias nacionais via políticas financeiras que servem para manter e reafirmar a posição dos países dominantes enquanto fonte de conhecimento e poder. Os países periféricos continuam sendo consumidos [...] (SERRAVALLE DE SÁ, 2014, p. 215).

Por esta óptica, portanto, o consumismo simbolizado na figura do zumbi comporta também as relações de desigualdades entre povos detentores de capital e

outras nações que lhes servem como polos de trabalho, diversão ou matéria prima, sendo os mesmos “consumidos” pelo apetite voraz do sistema capitalista.

4.3.4 O simbolismo da toxicomania e outros vícios

Outro aspecto da condição compulsiva do consumo da sociedade pode encontrar-se no uso de psicotrópicos. A toxicomania foi trazida à tona na representatividade discutida visto que, conforme Corso (2013), a dependência química na sua forma mais acentuada reflete a imagem zumbi. Adictos são seres para os quais o mundo se esvaziou de sentido, afinal, só se interessam por sua substância mortífera. “[...] O progresso do vício é uma característica substantivamente significativa do universo social pós-moderno, mas é também um ‘índice negativo’ do real processo da destradicionalização da sociedade”. (GIDDENS, 1997, p. 91).

Em uma das entrevistas realizadas o participante narra uma experiência em que após ir ao cinema com um colega, foram visitar o local conhecido como "Cracolândia" em São Paulo. Nesse local, em suas palavras,

Os caras, eh... cheiravam, sentavam, eram zumbis, era uma coisa... e eu me senti ali meio no *'The WalkingDead'*, totalmente desprotegido. E o meu medo era um cara pegar uma seringa com AIDS alguma coisa e taca em mim, tipo, eu pensei mil coisas que poderiam acontecer ali, uma briga, um assalto de celular ou... ou todos eles virem em cima da gente, porque eu não sei quão alucinada estavam as pessoas. E a minha sensação... e eu passei por eles, sem nenhum deles notar que eu estava lá, essa sensação de passar no meio e nenhum deles notar, foi a sensação de *'The WalkingDead'*. [...] Foi como se eu tivesse pego... as tripas de um morto, passado em mim, estar com o mesmo cheiro e passar do lado e ninguém ver. [...] Ninguém (ênfatisou) notou. E eles passavam, eles encostavam ombro com ombro na gente e não viam. Aquilo me criou fadiga, aquilo me criou... foi o *'The WalkingDead'* real, da vida real. [...] Ele existe. [...] Talvez não esteja no... na sua mesa de jantar, talvez não esteja no... no meu dia a dia, mas ele tem nichos que já existe, como lá. (P 6).

Cabe esclarecer que embora o presente depoimento possa comportar uma visão permeada por preconceito em relação ao contexto em que vivem usuários de crack, o mesmo é válido como expressão de opinião do participante e da analogia que o mesmo faz segundo as sensações provocadas por sua vivência e o tema pesquisado. Fica

evidente na fala o terror causado por se ver diante de um cenário em que seres humanos permanecem com a consciência alterada, local em que a miséria se torna evidente e a ameaça experimentada ao se aproximar desta realidade. A discussão sobre o uso de drogas comporta questões sociais importantes que vão além dos usuários encontrados em crackolândias, visto que, de certa forma, elas estão presentes em todo contexto social.

Birman (1997) refere que é preciso que se diga que o que se entende por difusão e consumo de drogas, não é apenas a existência de drogas pesadas e estimulantes administradas pelo narcotráfico:

Mas, também, a presença avassaladora dos psicofármacos, nas práticas médica e psiquiátrica, se transformando numa sedação generalizada da angústia humana. A resultante desses diferentes processos é a homogeneização das subjetividades, o silenciamento das diferenças. A descrença no projeto iluminista é a condição histórica de possibilidade dessa moral e dessas tecnologias de se defrontarem com a dor. A busca de soluções homogeneizantes e anti-singularizantes são as características maiores desse ideário pós-iluminista (BIRMAN, 1997,p.72).

Ainda, mediante reflexões do autor, as drogas têm um imenso poder de sedução no contexto do mundo desencantado em que se incrementa o mal-estar em virtude da ausência de visões coerentes e consistentes de mundo, capazes de protegerem o sujeito de seu desamparo. Nessa medida elas funcionam como um objeto fetiche, pois oferecem um curto-circuito atraente para o sujeito no seu confronto com a castração, como objeto tampão para regular o desamparo (BIRMAN, 1997, p. 179). A homogeneidade das individualidades é o que se pretende, como projeto político e ético, nessa medicamentação maciça da dor pelas drogas.

A toxicomania se insere no quadro de uma dependência química, ou seja, de um vício. Tal terminologia compareceu em várias falas durante as entrevistas desta pesquisa. Embora utilizada de forma metafórica pelos entrevistados, torna interessante pensar nas razões pelas quais a prática de assistir ao seriado T.W.D. pode ser considerada como “viciante” pelos informantes, sendo esta palavra utilizada ou inferida por eles na medida em que expressam “não conseguirem parar” de assistir:

[,,] Mas, depois eu fui adorando e, assim, é uma coisa que vicia, amei. Muito boa. (P1)

[,,] e aí... só que assim, uma vez que você começa a assistir você não... você fica ali preso e não consegue parar mais. (P 3)

Se mudou? Eu acho que às vezes eh... no começo a gente... eu assistia porque achava bem legal, não que não ache legal, mas é que as vezes a gente fica “putz’ o que é que a gente vai fazer?” “então ah, vamos assistir o seriado” aí, a gente começa assistir, só que a gente não consegue parar porque é muito interessante, entendeu? A gente... “Nossa!’, vamos ver mais um pouco” mas quando a gente está com muito sono “não, vamos ver esse último, vamos ver... vamos ver... ” ((acha graça)) aí, tipo fica mais quando... “ah, hoje a gente não tem muito o que fazer, então vamos assistir”... porque teve uma época que a gente, tinha... estava com coisas para fazer e a gente não conseguia assistir, então a gente atrasou muito episódio. (P 5)

Então, é um vício, porque ele mexe muito com a falta de controle que você não tem de nada. Então, o caos, o imprevisível. E o que eu gosto muito do *'The WalkingDead'* é o seguinte, ele chega no limite da fadiga e depois ele cria uma nova fadiga, ele chega no limite do caos... (P 6)

Cabe o questionamento do por que o sentimento expresso pelos participantes se associa a algo que remete a uma compulsão ou vício, por qual razão pode ser considerado desta forma, que tipo de envolvimento os telespectadores revelam ao se valerem de tal termo? Giddens (1997) insere argumentos interessantes no tocante a tais ideias. Segundo o autor, uma das características da sociedade atual é que ela apresenta a tendência à compulsão. Para o mesmo, o sujeito do universo capitalista foi preparado para repetição de forma compulsiva, ou seja, haveria uma inclinação emocional para a repetição por parte dos indivíduos da modernidade (GIDDENS, 1997).

[...] Embora as conexões necessitem ser expressas com maiores detalhes, assim como em relação a Freud estamos nos referindo aqui a uma *inclinação emocional para a repetição*, que é em grande parte inconsciente ou pouco compreendida pelo indivíduo em questão. O passado continua vivo, mas em vez de ser reconstruído de modo ativo de acordo com a tradição, tende a dominar a ação quase de um modo semicausal. A compulsividade, quando socialmente generalizada, é, na verdade, *tradição sem tradicionalismo*: repetição que se põe no caminho da autonomia, em vez de estimulá-la. Freud falou de obsessão ou compulsão; hoje em dia, falamos mais comumente de vícios. [...]. (GIDDENS, 1997, p. 89 – grifos do autor)

Portanto, o autor considera que tal maneira de agir de forma repetitiva se atrela a ações que visam à repetição por si só, sem expressão de atos que envolvam a reflexão ou a tradição.

Em 1920, Freud escreve um estudo denominado “Além do Princípio do Prazer” onde afirma haver casos de compulsão à repetição em quadros de neuroses traumáticas ou de guerra e com sonhos de repetição nestes indivíduos; sonhos em que se revive a cena em que se originou o trauma, revivendo o susto pertinente ao momento (FREUD, 1996e). Junto de brincadeiras infantis que repetem o desprazeroso e da tendência de pacientes em atuarem suas vivências junto ao analista ao invés de recordá-las, Freud (1996e) observa que “A nível clínico, essa compulsão se manifesta pela repetição por parte do paciente de uma experiência traumática ao invés de simplesmente recordá-la como algo pertencente ao passado [...]” (GARCIA-ROZA, 1996, p.135) A isso Freud denominou “compulsão à repetição”.

Diante dos estímulos traumáticos e excessivos (vivências extremamente penosas), padece certa barreira psíquica que primeiro deveria assimilar os estímulos externos a fim de possibilitar que fossem elaborados, engatando-os no princípio de regulação do prazer-desprazer para proteger o interior do organismo, atenuando seus efeitos nefastos. Para dominar este excesso de energia abruptamente introduzido são feitas tentativas de ligá-las aos demais focos de energia existentes, a fim de obter alívio das mesmas. Antes do princípio de prazer entrar em ação o organismo tenta obter o controle via repetição. Por este motivo, Freud (1996e) diz que os sonhos que revivem traumas são tentativas de restaurar o controle de estímulos. Então, quando em situações traumáticas, a ação de repetir seria a tentativa de controlar a situação, preparando o indivíduo para resistir a traumas futuros, visto que a angústia lhe auxiliaria a se prevenir em situações semelhantes à do trauma anterior.

Após esta digressão, cabe agora retomar pontos importantes para a análise do presente estudo. Volta-se à definição de assistir a um seriado como “viciante”. As considerações de Giddens (1997, p. 89) permitem pensar que a repetição em sua forma compulsiva seria atualmente característica da sociedade. Para o autor, o âmag do espírito capitalista foi sua “urgência motivacional”, desenlaçada das estruturas tradicionais que interligavam esforço e moralidade. Diante do fato de que a ética religiosa (antes repetida, ritualizada) foi descartada, se deve repetir o trabalho, o

consumo, o prazer da lógica hedonista. Aí está a inclinação para a repetição da qual se falou até o presente. Porém, Giddens (1997) destaca que o termo que melhor se enquadra é o de vício. Para o autor, o sujeito moderno pode ser viciado em qualquer coisa; drogas, álcool, café, também em trabalho, exercícios, esporte, cinema, sexo ou amor. Giddens (1997, p. 90) indica que “[...] o vício, antes de ser um fenômeno fisiológico, é um fenômeno social e psicológico”.

Embora neste trabalho se considere que o termo “vício” tenha sido utilizado de maneira metafórica pelos entrevistados, considera-se que a palavra não foi citada ocasionalmente. Ela pode denunciar a banalização do termo diante da prevalência com que se convive com a multiplicação de vícios reais aos mais diversos objetos possíveis (jogos eletrônicos, comida, tóxicos diferentes, sexo, relações interpessoais). Tal expressão indica a tendência à repetição mencionada por Giddens (1997), sendo esta interligada a fatores sociais vigentes, podendo inclusive conforme já referido, se expressar de diferentes formas.

A “compulsão” ou o “vício” (aqui considerado metafórico) de assistir a essa série em especial, porém também presente no ato de “consumir” séries no geral, pode estar atrelado ao conteúdo por ela veiculado, que envolve situações, sem dúvida, traumáticas – caos, falta de recursos à sobrevivência, luta contra mortos-vivos, conflitos entre o próprio grupo e entre grupos rivais, possibilidade da morte, dentre outros. Posto tal raciocínio, lança-se a hipótese de que tal ato possa ser uma forma inconsciente, um primeiro passo na tentativa de assimilar, de elaborar, enfim, de se precaver de situações que suplantam o esperado, ou seja, situações traumáticas. Seria uma forma de se preparar para viver em uma sociedade traumatizante de certa maneira. Retornando à fala do participante P6, vê-se que ele deixa claro que T.W.D. “[...] é um vício, porque ele mexe muito com a falta de controle [...] o caos, o imprevisível. [...] ele chega no limite da fadiga e depois ele cria uma nova fadiga, ele chega no limite do caos...” (P6).

Sobre a iminente possibilidade de que algo ocorra na realidade permeada por situações caóticas, outro participante menciona:

Então, tipo, você já começa a ficar pensando, às vezes eu fico, estou em casa, “se vai ter um ataque zumbi qual é a minha melhor rota de fuga na minha casa e, sei lá, vai estar maior trânsito para sair daqui, como que eu iria fazer”. Então, tipo, eu começo a ficar pensando

muito nisso. E aí, tipo, já trazendo... sei lá, se eu querer falar sobre trazer para a realidade já, já trazendo para a realidade, “ah, beleza..”, eu sei que não vai ter um ataque zumbi, mas tipo, OK, qualquer outra coisa bizarra pode acontecer nesse planeta de fato, se a água de São Paulo acabar, isso é praticamente o apocalipse aqui, entendeu. Então, eu acho que as pessoas, de um modo ou de outro, têm que ficar se preparando para uma coisa bizarra assim, seja da natureza, seja... não sei. (P3)

O depoimento expressa um caso em que as mediações simbólicas dos produtos do entretenimento constituem um modelo de e um modelo para lidar com prováveis (e não tão distantes) situações catastróficas. Considerando o conteúdo expresso no seriado, retoma-se Freud (1996e) quando defende que a representação e a imitação artísticas, embora se dirijam a uma audiência, não poupam os expectadores das mais penosas experiências e, que ao mesmo tempo, podem ser sentidas como prazerosas. De seu ponto de vista, isso comprovaria que, ainda sob a dominância do princípio do prazer, há formas de tornar “o que em si mesmo é desagradável” num tema a ser lembrado e elaborado na mente.

Abrem-se então duas possibilidades. A primeira indicaria que, se valendo da compulsão à repetição e do contexto social descrito por Giddens (1997), se pode ser verdadeiramente viciado em tudo, inclusive seriados, mas é como se fosse uma forma de dominar mentalmente excessos existentes na realidade, pela via da repetição traumática. Uma segunda explicação possível para as narrativas dos sujeitos entrevistados, concorda com aquela hipótese de que o ato “viciante” pode ser uma forma de elaborar mentalmente situações potencialmente traumáticas e ainda assim ligadas ao princípio do prazer, não se enquadrando como um vício literal, porém indicando a frequente aparição e multiplicidade deste na contemporaneidade. De qualquer forma, ambas as possibilidades denunciam a expansão de processos viciantes na sociedade.

4.3.5 O simbolismo do isolamento

Por fim, lembra-se a analogia elencada por Corso (2013) em que o zumbi representaria o isolamento: o mundo inóspito, pós-apocalíptico comporta a sobrevivência de alguns, geralmente de uma família e poucos amigos, o resto é inimigo.

A mensagem ingênua indicaria que o mundo não tem conserto nem esperança; local de perigos, restaria, portanto, seguir vivendo numa pequena comunidade, evitando todos os outros. Como alguns depoentes expressaram:

É, na série e na vida também, toda... todo lugar que você vá sempre tem um grupinho que às vezes não concorda com o pensamento dos outros, né, então em todo lugar tem um grupo. Só que assim... tipo, olhando pela série o que eu acho que todo mundo devia se juntar, porque já está uma calamidade total, então se eles se juntarem eu acho que podia melhorar, entendeu? (P5).

[...] A desigualdade ajuda muito nisso, então cria um grupo – castas –, onde cada um vive do seu lado ali, tentando fazer o seu melhor, mas sem se importar muito com os outros. E como o exemplo vem de cima, quem entre aspas comanda o país, aí fica complicado. Se você tem um exemplo ruim de quem te comanda, você não vai ter como fazer uma coisa diferente disso (P 2).

Nota-se, a partir destas falas, que os participantes observam em seu contexto de vida a organização de agrupamentos que se tornam autocentrados, evidenciando inclusive desigualdades sociais, através da separação entre ricos e pobres.

Admitindo ainda outras possibilidades simbólicas ligadas à figura do zumbi retoma-se Corso (2013) para quem as manifestações de mitos comportam múltiplos significados e seus sucessos demonstram justamente essas camadas de possibilidades. São pensamentos que ainda buscam forma, expressam situações concretas para as quais não há indícios de soluções próximas.

4.3.6 Deparando-se com a realidade: a grande ilusão

Embora em tom repetitivo, observa-se que este sistema, para subsistir, não vê outra possibilidade senão o estímulo constante ao consumo, valendo-se dos contextos midiáticos para tal veiculação. Neste âmbito são formadas as subjetividades, cujas características desembocam em adoeceres, ações e práticas em evidência no âmbito social e de profissionais da área de saúde mental. Negação da morte, culto ao corpo, burocratização, dependência química, violência e luta política são assombrações presentes no cotidiano. Para Serravalle de Sá (2014), pensando além de contextos históricos específicos, há questões centrais subjacentes à maioria das obras que

representam o zumbi. Faminto por carne humana, o zumbi é uma metáfora cultural que está de modo literal e simbólico, intrinsecamente relacionada à canibalização do homem pelo homem.

Quando deixamos de pensar em nossos corpos enquanto consumidores de comida para pensarmos neles enquanto alimento para os outros, ultrapassa-se uma fronteira que diz respeito aos excessos do ser humano em sua capacidade de consumir, diante, se avançarmos esse pensamento, ultrapassa-se a fronteira do próprio conceito de humanidade. O zumbi, esse ícone do horror moderno, é uma constante lembrança de que todos os seres humanos são perecíveis (*memento mori*) e que tentar controlar o destino, seja pela tecnologia ou pela acumulação de riquezas, é uma arrogância e uma ilusão (SERRAVALLE DE SÁ, 2014, p. 218).

Fazendo uso das palavras de um dos entrevistados

[...] Então, para mim contextualizando com... com '*The Walking Dead*', nós sobrevivemos, sim, em uma sociedade perdida, em uma sociedade de zumbis onde nós somos os zumbis. (P 6)

Ressalta-se que de forma diversificada tanto em dados bibliográficos, quanto em entrevistas colhidas foi possível perceber e demonstrar a relação entre as simbologias contidas na figura do zumbi, no seriado *The Walking Dead* e os aspectos da vida do humano ocidental contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do presente estudo foi conhecer sobre quais aspectos da sociedade ocidental contemporânea estariam sendo representados de forma simbolizada no seriado *The Walking Dead*. O objetivo almejado foi o de investigar inter-relações entre os símbolos presentes no seriado *The Walking Dead* e o contexto ocidental contemporâneo através da fala de alguns de seus telespectadores. Deste modo, tanto por pesquisa bibliográfica quanto pela fala dos participantes da pesquisa tornou-se possível alcançar as propostas do estudo.

A fim de atingir o primeiro dos objetivos propostos foi necessário investigar características gerais da organização da sociedade atual, porém não sem antes contextualizar as bases do que hoje se consolidou como seu sistema econômico. Percebeu-se que o sistema capitalista visa o lucro para subsistir, sendo necessário para tal que o consumo cada dia mais se efetive nas práticas dos indivíduos. A visão possibilitada através dos textos enfatizou aspectos pós-tradicionais, reflexivos e dos riscos presentes no contexto, conforme apontado por Giddens (1997). Doravante o caráter “hiperconsumista”, conforme ressaltado por Lipovetsky (2004), trazendo à baila apenas dois dos autores pesquisados, é elemento causador de impacto nas constituições psíquicas, o que se atrela a novas formas de mal-estares em vigor na atualidade. Cita-se, por exemplo, o uso abusivo de substâncias psicoativas (drogas lícitas ou ilícitas), o fortalecimento de discursos radicais religiosos, como menciona Birman (1997), como formas de novos mal-estares. Somado a estes, os quadros de pânico e depressões que se alargam em incidência nos serviços de saúde mental revelam o despreparo do sujeito para lidar com os conflitos internos e externos inerentes à existência. Observou-se a dificuldade em se desenvolver formas criativas de mediar sensações penosas da vida, prevalecendo então a sensação de desamparo no psiquismo do sujeito, fato este verificado no aumento das patologias psíquicas supracitadas.

Como foi possível destacar no estudo de Soares, Krawulski e Coutinho (2007), a contemporaneidade teve intensificadas as múltiplas transformações iniciadas na modernidade, nas esferas sociais, econômicas, tecnológicas e geopolíticas em escala mundial, implicando alterações para os modos de ser dos sujeitos e suas formas de agir na sociedade. O papel da mídia no universo de consumo mostrou-se imprescindível na

manutenção deste sistema e as falas dos participantes da pesquisa apoiaram tal observação. Sua participação se concretiza na vida de praticamente todos e valendo-se dos recursos tecnológicos cujos avanços ocorrem “a toque de caixa” essa (mídia) atua de certa maneira modelando comportamentos. Desta feita compreende-se que a mídia ocupa um papel também na formação das subjetividades. Apesar desta influência midiática nas subjetividades ter sido verificada em literatura e ter vindo à tona na fala dos participantes, Certeau (1994) ressalta que nos fazeres cotidianos os indivíduos se apropriam a seu modo do que lhes é proposto pela elite dominante (via televisão e aqui se considerou equipamentos midiáticos em geral). Seria, portanto um relevante motivo de continuidade de estudos entender tais facetas, ou seja, a influência midiática no comportamento humano e a forma como o ser se comporta diante de tal processo de pretensa influência. Isso se justifica pelas imbricações diretas na constituição subjetiva que se revela nas relações entre os pares e na construção social como um todo.

Outro objetivo do trabalho foi o de interpretar e discutir a significação simbólica do T.W.D. na percepção de alguns de seus telespectadores. Para isso compreender como o conteúdo do seriado T.W.D. é interpretado por alguns indivíduos que o prestigiam tornou-se fundamental e por esta razão suas vozes foram ouvidas. Quanto a tais aspectos as falas revelaram questões relativas à necessidade de união ocasionada pela situação pós-apocalíptica do seriado e à figura de protagonismo e liderança do Rick. A sensação de que o individualismo é evidente nas relações reais e se verifica nos relacionamentos fechados entre grupos foi citada, bem como o importante papel do Rick, líder do grupo no seriado. Em literatura foi possível entender que o perfil da cultura individualista e narcisista estreita as possibilidades de relacionamentos altruístas. Quanto ao papel do Rick, o líder do grupo no seriado, analisou-se tal papel como daquele que media as relações individuais e sociais, o líder se torna fonte de identificação aos indivíduos e grupos, seu papel é tão importante que cada indivíduo projeta nele parte do ideal de eu, ou seja, direcionam através dele ideais a serem alcançados. Motivo de continuidade de novos estudos seria o de entender, na percepção do sujeito contemporâneo, se figuras de liderança (tomando estas em sua função mediadora entre indivíduo e sociedade) estariam ou não enfraquecidas no contexto atual.

Para conhecer a relação que esses apreciadores selecionados estabelecem entre características da sociedade contemporânea e os símbolos da condição humana

presentes na série um dos eixos da entrevista procurou analisar esta interface. Os participantes referiram as sensações de caos iminente que vivenciam em seus cotidianos, visto que estão constantemente expostos a imprevistos como falta d'água, dificuldades com transporte ou mesmo violência.

Na investigação bibliográfica sobre o histórico do mito do zumbi inesperadas informações foram descobertas. Sua origem que remonta à história africana e à religião Vodú praticada no Haiti, bem como o envolvimento de tal religião como força libertadora naquele país mostraram-se dignos de ênfase. Esta relação vista em sua origem traz em si a simbologia da força resistente contra a dominação da elite branca; porém, um processo de alteração ocorreu na forma como a figura do zumbi foi sendo apresentada e tomou fama nas telas, afastando-se de suas raízes.

Em filmes como “Noite dos Mortos Vivos” de George Romero (1968) pode-se verificar o sentido simbólico do personagem zumbi ser afastado de sua origem religiosa e alterado para algo relativo ao contexto social consumista. Porém, a maleabilidade deste personagem, conforme ressaltado por Serravallo de Sá (2014) foi observada considerando-se outros aspectos também relacionados ao tema, como relação com a morte, corpo, envelhecimento, toxicomania e demais vícios, massificação, isolamento, mudanças no contexto de trabalho, dentre outras possibilidades verificadas em literatura e em material coletado nas falas dos entrevistados. Crê-se que o contexto social contemporâneo vem fortalecendo a simbologia descrita por Romero, esboçando nuances diferentes relativas à atualidade, porém ainda em muito ligadas à simbologia trazida neste filme, ou seja, ao consumismo e relações de exploração ligadas ao mesmo, via trabalho de quem produz, sendo desta forma também “consumido” pelo sistema e impelido a consumir objetos “fetiche” como menciona Khel (2004). Seria a canibalização do homem pelo homem ou escravização dos homens ao sistema que eles mesmos mantêm.

Outro aspecto que se evidenciou, embora este não tenha sido muito ressaltado em literatura foi o de que mesmo diante de situações caóticas as motivações, paixões e toda gama de conflitos vivenciados em condições tidas como “normais” acabam abarcando a rotina de quem vive também em situações calamitosas, fatos estes representados nos conflitos vivenciados por Rick, personagem principal de T.W.D. e seus interlocutores. Tais constatações indicam que as relações humanas são pontos

nodais das vidas “humanas”, aspectos constitutivos deste ser, como amor e ódio, por exemplo, sentimentos expressos pelo personagem Rick que o motiva a buscar esposa e filho, a lutar pela vida e a se enfurecer e decepcionar com o melhor amigo com quem a esposa lhe trai.

As falas trazidas pelos entrevistados foram se entrecruzando ao conteúdo bibliográfico pesquisado, indicando que, de maneiras diversas, questões sociais e relativas à condição do homem na contemporaneidade permeiam o imaginário social. Ressalta-se que o material colhido em entrevistas foi sendo trabalhado desde o início dos capítulos, o que garantiu o olhar qualitativo sobre a problemática inicial. Foi possível entender indícios de que haja uma relação entre a simbologia do seriado T.W.D. e a sociedade ocidental contemporânea. As dificuldades que se apresentam no cotidiano contemporâneo como situações de imprevisibilidade que perpassam desde o saneamento básico (falta d’água) à dependência de transporte público ou privado, questões de saúde, violência urbana, entre outros fatores citados, evocam sensações catastróficas de “final dos tempos”.

Relações humanas se mostram afetadas em posturas mais direcionadas ao próprio bem-estar, cada vez mais individualistas, negligenciando-se o fator básico de que é necessário o outro à sobrevivência humana. Destaca-se, além deste, o fato da luta pela sobrevivência tanto do personagem principal quanto dos demais também serem enfatizados nas falas dos entrevistados como algo importante. A simbologia da esperança através da luta pela vida em meio ao caos pode apontar pelo desejo em se desenvolver meios que alterem tal realidade. Através do caminho percorrido tornou-se possível responder ao problema de pesquisa proposto inicialmente.

Percebeu-se, em última instância, que o espaço artístico, ainda que comportando características da cultura de massa, opera mediações das condições e contradições humanas, onde questões contemporâneas que remetem ao caos das grandes cidades (trânsito, desemprego, violência) ou temas como a dor, o envelhecimento e a morte ainda têm vez e voz, mesmo através de produtos de entretenimento, em tom jocoso, sutilmente irônico e bizarro, como em uma paisagem apocalíptica ou através da figura de um zumbi.

Ressalta-se após a construção deste trabalho que a efetivação de práticas interdisciplinares compreende grande desafio. Quando se procura estudar certa área de

saber, a tendência ao buscar o entendimento de um fenômeno, situação ou objeto de estudo priorizando esta via é intrínseco ao observador/pesquisador. Redirecionar o foco do olhar a fim de ampliá-lo em uma proposta interdisciplinar compõe parte de um processo a ser desenvolvido, visto não estar presente na forma como costumeiramente os saberes se articulam ou como as academias articulam os saberes ainda hoje. Desta feita, por vezes incansáveis foi necessário construir, desconstruir ou reconstruir junto dos autores utilizados linhas de raciocínios que permitissem às disciplinas dialogarem entre si. Processo que exigiu lapidação a fim de exibir seu brilho para enfim contribuir e enriquecer o conhecimento buscado com a realização do estudo.

REFERÊNCIAS

ABECHE, R. P. C. Liberalismo / Neoliberalismo: modos de trabalho, modos de subjetivação. In: CANIATO, A. M. P.; ABECHE, R. P. C. (Orgs.). **Psicanálise, Teoria Crítica e Cultura: uma leitura psicopolítica da subjetividade contemporânea**. Maringá: Eduem, 2013, p. 63-75.

ABOIM, S. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 207-232, Jan.-Jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84988/87754>>. Acesso em: 10 Jun. 2015.

ADORNO, T. W. Televisão e formação. In: _____ **Educação e Emancipação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 75 - 96.

AIUB, Monica. Interdisciplinaridade: da origem à atualidade. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 107-116, jan/mar 2006. Disponível em: <http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/34/interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 15 Jan. 2016.

ARAÚJO, M. C. As origens do mito e suas manifestações profanas na sociedade contemporânea. **Kaliope**. São Paulo, ano 7, n. 13, p. 21- 40, Jan. Jul, 2011. Disponível em: < revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/download/7509/5472 >. Acesso em: 12 Fev. 2016.

ARAÚJO SÁ, A. F. História e estudos culturais: o materialismo cultural de Raymond Williams . **Ponta de Lança**, s/l, n.8, p. 37-44, Abr.-Out. 2011. Disponível em: < www.seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/download/3079/2699>. Acesso em: 12 Fev. 2016.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BIRMAN, J. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

BOURDIER, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASILEIRO, B. *The Walking Dead* chegou a 28 milhões de telespectadores em soma de plataformas. **Minha série**, 05 Jun. 2014. Disponível em: <<http://www.minhaserie.com.br/novidades/17287-the-walking-dead-chegou-a-28-milhoes-de-telespectadores-em-soma-de-plataforma>>. Acesso em 03 Jul. 2014.

CANIATO, A. M. P.; RODRIGUES, S. M. Sociedade do consumo e indústria cultural: a subjetividade como mercadoria. In: CANIATO, A. M. P.; ABECHE, R.P. C. (Orgs.). **Psicanálise, Teoria Crítica e Cultura: uma leitura psicopolítica da subjetividade contemporânea**. Maringá: Eduem, 2013, p.143- 157.

CARONE, I. A personalidade autoritária: estudos frankfurtianos sobre o fascismo. **Revista Sociologia em Rede**, v.2, n. 2, 2012, p. 14 – 21.

CAVALCANTI, L. B. A lógica da espera. **A mente do bebê**: o fascinante processo de formação do cérebro e da personalidade, São Paulo, n. 2, p. 6-13, 2006.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARLES, S. O individualismo paradoxal: Introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

CORSO, M. A invasão Zumbi: Zumbi, você ainda vai ser um... na melhor das hipóteses. **Psicanálise na vida cotidiana**. 29 Jun. 2013. Disponível em: <www.marioedianacorso.br>. Acesso em: 04 Jul. 2014.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n.23, Mai. a Ago. 2003, p. 36-61. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 12 Nov. 2015.

COUTINHO, L.G.; GARCIA, C. A. Novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psychê**, v.8, n. 13, São Paulo, Jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100011>. Acesso em: 05 Ago. 2015.

DANA, L. Veja 12 curiosidades sobre a saga *The Walking Dead*. **Super Interessante**. s/d. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/galerias-fotos/veja-12-curiosidades-saga-the-walking-dead-701432.shtml#0>>. Acesso em 24 Jun. 2014.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2013.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESTRELANDO. Quer saber como deve ser lutar contra zumbis de verdade? Série *The Walking Dead* ganhará atração em parque de Orlando. **Notícias. Estrelando**. 15 Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.estrelando.com.br/nota/2016/03/15/quer-saber-como-deve-ser-lutar-contr-zumbis-de-verdade-walking-dead-ganhara-atracao-em-parque-de-orlando-202372>>. Acesso em: 24 Mar. 2016.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e perspectiva. 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____, I. C. A. (Org.) **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FELIPE, F. C. Um estudo sobre a poética e a convergência de mídias na série *The Walking Dead*: análise a partir dos estudos culturais de identidade, mídia e representação do “outro” no mundo globalizado. **RENEFARA. Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia**, v.5, n. 5, p. 96-103, 2014. [S.l.], v. 5, n. 5, p. 96-103, abr. 2014. ISSN 2236-8779. Disponível em:

<<http://www.faculdaDearaguaia.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/192/175>>. Acesso em: 03 Jul. 2014.

FERRAZ, F. C. A tortuosa trajetória do corpo na psicanálise. In: VOLICH, R. M.; RANÑA, W.; FERRAZ, F.C. **Psicossoma IV: corpo, história, pensamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FERREIRA, F. R. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface** (Botucatu) [on line], v. 12, n. 26, p. 471- 483, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000300002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 mai. 2014.

FONSECA, J. M. O vodu no bicentenário da independência haitiana. **Revista Ameríndia**, v. 10, p. 55 -60, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14695>>. Acesso em: 03 Out. 2015.

FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 9, n.4, Fortaleza, CE, dez 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482009000400004&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 jul. 2015.

FREUD, S. O mal estar na civilização. [1930] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. Fetichismo. [1927] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. O ego e o id. [1923] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____. Psicologia de Grupo e a Análise do Ego. [1921] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

_____. Além do princípio do prazer. [1920] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. [1914] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

_____. Totem e tabu. [1913] In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. [1911] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. [1910] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996i.

_____. Cinco lições de psicanálise. [1909] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996j.

_____. A interpretação dos sonhos. [1900] In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996k.

FROES, H.; VIANA, T. C. Resenha: Freud e Lévi-Strauss: influências, contribuições e insuficiências das antropologias dinâmica e estrutural. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 469-470, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722013000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 mar 2016.

FUKS, M. P. Questões teóricas na psicopatologia contemporânea. In: FUCKS, L. B.; FERRAZ, F. C. (Orgs.). **A clínica conta histórias**. São Paulo: Escuta, 2000.

GABLER, N. **Vida: o filme**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. A vida em uma sociedade pós- tradicional. In: LASH, S.; GIDDENS, A.; BECK, U. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997, p.73- 131.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, P. Terra dos mortos: o espaço narrativo no filme de zumbis. 2014. 209 f. Dissertação (Mestrado em Imagem e Som). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

HALL, C. S.; LINDSEY, G.; CAMPBELL, J. B. **Teorias da personalidade**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. Passagem da Modernidade à Pós-Modernidade. In: _____. **Condição Pós-Moderna**. 13 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 1- 25.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2014. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo|sao-paulo|infograficos:-historico>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

ITAÚ CULTURAL. Body Art. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. [20??]. São Paulo. Disponível em :<<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>>. Acesso em 13 jul. 2015.

ITAÚ CULTURAL. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. [20??]. São Paulo: 2015. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

KAES, R. Realidade psíquica e sofrimento nas instituições. In: _____ et. al. **A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991, p.19-58.

KEHL, M. R. A publicidade e o mestre do gozo. **Comunicação, mídia e consumo**. Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 77- 91, nov. 2004.

KORNIS, M. A. A sociedade e cultura nos anos 1950. **FGV CPDDOC**, 2012. Disponível em : <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>>. Acesso em 28 de Mar de 2015.

KUSNETZOFF, J. C. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAPLANTINE, F. **Aprender Etnopsiquiatria**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LIMA, A. A. S. A produção paradoxal do nosso tempo: intensidade e ética. In: FUKS, L. B.; FERRAZ, F. C. (Orgs.). **A Clínica Conta Histórias**. São Paulo: Escuta, 2000.

LIMA, A. F.; LARA JÚNIOR, N.; BATISTA, K. A. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. **Psicologia em estudo**, v. 18, n. 1, Maringá, p. 49-59, Jan.-Mar. 2013. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/pe/v18n1/v18n1a05.pdf>. Acesso em: 15 Set. 2015.

LIMA, V. Cinco séries de zumbis que você deveria assistir. **GeekCafé**. 01 mai. 2014. Disponível em: < <http://geekcafe.blog.br/series/cinco-series-de-zumbi-que-voce-vai-gostar-de-assistir/>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAGALHÃES, A. S.; HENRIQUES, C. R.; FERES-CARNEIRO, T. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. **Paidéia**, ano 16, n. 35, p. 327- 336.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, s/p, São Paulo, Jun. 2002. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072002000100003>. Acesso em: 26 de Mar. 2016.

MANZINI, E. J. Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2, 2004, Bauru. A Pesquisa Qualitativa em Debate. Anais... Bauru: USC, 2004. Disponível em:<<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em 28 Jun. 2014.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MASSAROLO, J. C.; GOMES, P. Um estudo sobre a construção de mundos no cinema de terror: representação das multidões nos filmes de zumbi. **Revista Eco Pós**: revista do programa de pós-graduação da escola de comunicação da UFRJ, dossiê: imaginando o real: novos realismos, v. 15, n. 03, p. 196- 216, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/879/819>. Acesso em 12 set. 2015.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas**: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'água/ Fapesp, 2001.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX**: o espírito do tempo 1: neurose. 5 ed. Rio de Janeiro: forense Universitária, 1981.

NASIO, J. D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

NEWITZ, A. **A history of zombies in America**. 18 nov. 2010. Disponível em : <<http://io9.gizmodo.com/a-history-of-zombies-in-america-5692719>>. Acesso em: 13 mar 2016.

NOBRE, C.; INOCENCIO, L. Estratégias criativas do campo de batalha para o cotidiano: o marketing de guerrilha e o case *The Walking Dead*. In: Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Fortaleza, CE. 3 a 7 set. 2012, p. 1 a 15. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2432-1.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

OLIVEIRA, D. E as tintas criaram vida... aspectos da transposição dos quadrinhos *The Walking Dead* para a série de TV. **Revista Translatio**, n. 6, p. 171 - 179, 2013. Disponível em: < www.seer.ufrgs.br/translatio/article/download/44683/28378>. Acesso em: 10 Mai. 2014.

OLIVEIRA, T. L. Ensino de filosofia sob a perspectiva analítica e continental. **Noesis**: reflexão, filosofia, ciências, história, tecnologia, arte. 23 ago 2013. Disponível em: < <http://estadonoetico.blogspot.com.br/2013/08/ensino-de-filosofia-sob-perspectiva.html>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

ORTIZ, V. F. Capitalismo Zombi. **Estudios Culturales**. Facultad de Filosofia y Letras, UNAN, 29 abr. 2013. Disponível em: <<https://estudioscultura.wordpress.com/2013/04/29/capitalismo-zombi/>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

ORTIZ, R. Cultura e Sociedade. In: _____. **A moderna tradição brasileira**. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 38-76.

PONDÉ, L. F. Finitude como experiência do humano e como experiência contemporânea do sagrado: um esboço da mística da agonia. In: LOPES, R. L. (org.). **O finito e o infinito na experiência humana contemporânea**. Taubaté: GEIC/NIPPC Unitau/CRE/PUC-SP, 2000.

PONTES, A. M. O tabu do incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. **Trilhas**, ano 4, n. 1, p. 7-14, Belém, Jul. 2004. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/.../pontes_artigo.pdf>. Acesso em: 16 Mar. 2016.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **Portal Oficial**. São José dos Campos: s/d. Disponível em: <http://www.sjc.sp.gov.br/secretarias/turismo/dados_gerais.aspx>. Acesso em: 06 de abr. 2014.

PROSPERI, R.; GENTINI, A.M. O Vodun no universo simbólico haitiano. **Universitas Relações Internacionais**. Brasília, v.11, n. 1, p. 73- 81, Jan. a Jun. 2013. Disponível em: <www.publicacoesacademicas.uniceub.br>. Acesso em: 19 Set. 2015.

QUINET, A. **A estranheza da psicanálise**: a escola de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RAMOS, F. J. S.; CAMPOS JÚNIOR, J. L. Minidicionário inglês-português, português-inglês. 2 ed. São Paulo: FTD, 2007.

RANÑA, W. A doença no corpo: efeitos do contemporâneo ou resultado de uma nova leitura. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. S. F. (Orgs.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 75-87.

REIS-FILHO, L.; SUPPIA, A. Dos cânones sagrados às alegorias profanas: a laicização do zumbi no cinema. **MNEME**: revista de humanidades, Rio Grande do Norte, v. 11, n. 29, p. 272-285, Jan.- Jul., 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufrn.br/mneme>>. Acesso em: 03 Out. 2015.

RIBEIRO, L. C.; TUZZO, S. A. Jesús Martin Barbero e seus estudos de mediação na telenovela. **Comunicação e informação**, v. 11, n. 12, p. 39-49, jul. a dez. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/emnuvens.com.br/ci/article/view/29187>>. Acesso em: 08 Set. 2015.

ROTTENBERG, J. Entrevistador: BRANDALISE, C. A busca da felicidade nos deixa depressivos. **Revista Istoé**, São Paulo, ed. 2317, p. 8 - 10, 23 Abr. 2014.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SALES, L.S. O funcionamento do simbólico segundo Lévi-Strauss e sua aplicação, por Lacan, ao sofrimento neurótico. **Revista de Psicoanálisis Y Cultura**, s/p, Jul. 2005. Disponível em: < <http://www.acheronta.org/acheronta21/silveira.htm>>. Acesso em: 26 Mar. 2016.

SANTAELLA, L. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação, mídia e consumo**: Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, v. 1, n. 2, p.139 - 157, nov. 2004.

SAROLDI, N. Notas sobre a indústria cultura e a sociedade excitada. In: V Seminário Internacional: políticas culturais. 2014, Rio de Janeiro. **Artigo**. s/l.

SEDEU, N. G. G. Neurose Obsessiva: Tabu do Contato X Pulsão de Morte. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n. 36, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 jul. 2015.

SEDGWICK, P.; EDGAR, A. (Orgs). **Teoria Cultural de A a Z**: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRAVALLE DE SÁ, D. S. *Memento mori*: o zumbi no gótico americano. **Solettras revista**: Santa Catarina, n. 27, p. 207-219, Jan. 2014. Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/9275>>. Acesso em: 05 Set. 2015.

SILVA, L. A. V. *Barebaking* e a possibilidade de soroconversão. **Cadernos de saúde pública**, v. 25, n. 06, Rio de Janeiro, p. 1381-1389, jun. 2009. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000600020>>. Acesso em 29 Ago. 2015.

SOARES, D. H. P.; KRAWULSKI, E.; COUTINHO, M. C. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. **Psicologia e Sociedade**: Edição Especial 1, v. 19, 29-37, 2007.

STANCK, R. A construção do zumbi moderno em “A noite dos mortos -vivos”. **A escotilha**. 25 mar. 2015. Disponível em: < <http://www.aescotilha.com.br/cinema-tv/espanto/a-construcao-do-zumbi-moderno-em-a-noite-dos-mortos-vivos/>>. Acesso em: 12 set. 2015.

TEIXEIRA, M. R. Porque será que gostamos tanto dos filmes de zumbis? **Cógito**, Salvador, v. 14, p. 12-15, Nov., 2013. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792013000100003>. Acesso em: 03 Fev. 2015.

TELES, D. C. G. O lugar do protagonista na narrativa transmídia. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro Oeste, 2013, Rio Verde. **Artigo**. s/l, Intercom, 2013, p. 1- 13. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0542-1.pdf>>. Acesso em: 06 Jul. 2014.

TOREZAN, Z. C. F.; AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades da contemporaneidade, *Revista Mal Estar e Subjetividade*, v. 11, n. 2, s/p, Fortaleza, 2011. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004>. Acesso em: 26 Mar. 2016.

UNIVERSO ZUMBI. 8 livros de zumbis lançados em 2013. 2014a. Disponível em: <<http://www.universozumbi.com.br/8-livros-de-zumbis-lancados-em-2013/>>. Acesso em 13 de Ago. 2014.

_____. Não Perca está chegando o dia da Zombie Walk. 2014b. Disponível em: <http://www.universozumbi.com.br/nao-perca-esta-chegando-o-dia-da-zombie-walk/>. Acesso em 04 Jul. 2014.

VIANNA, M. C. Se não sei cair, como aprendo a levantar? **Textura**: revista de psicanálise, ano 11, n. 09, p. 35-40, 2012.

WEBB, J.; BYRNAND, S. Some kind of virus: the zombie as body and as trope. **Body and Society**, Los Angeles, London, New Delhi and Singapore: SAGE Publications, v. 14, n. 2, p. 83–98, 2008.

WERNECK, M. M. F. O trabalho do mito: diálogos entre Freud e Lévi-Strauss. **Ciência e Cultura**, v.64, n.1, São Paulo, Jan. 2012. Disponível em:< http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252012000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:12 mar 2016.

WHITE, L. A. Os símbolos e o comportamento humano. in: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Homem e sociedade**. São Paulo: Companhia editora nacional, 1975.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILSON, T.V. Como funcionam os zumbis. **Como tudo funciona**. 2005. Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/zumbis.htm>>. Acesso em 14 de Out. 2015.

ZOMBIE WALK SP, 2016. Disponível em: < <http://zombiewalksp.com>>. Acesso em 09 Mai. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Roteiro para entrevista

A gravação se iniciará com primeiro nome, sexo, idade, cidade, profissão do entrevistado.

Em seguida, será esclarecido que a entrevista será gravada para uso em pesquisa e que a cessão da mesma implica em autorização para uso exclusivo em pesquisa, preservando-se o anonimato do depoente.

1. Solicitar que o depoente fale um pouco a seu respeito.

(o que faz em seu cotidiano, estudo, trabalho, lazer, se sai, com quem sai, etc..., sua relação com TV, cinema e produtos de entretenimento, música...)

2. Solicitar que o depoente exponha quando e como começou a assistir T.W.D., como assiste se com alguém ou só, se comenta em sites. (importa aqui coletar dados sobre idade ou período da vida em que começou a assistir e participar, motivações iniciais e mudanças posteriores).

3. Solicitar que o depoente exponha qual o significado da série para ele. Se esse sempre foi o mesmo, ou mudou durante o tempo.

(importa aqui fazê-lo pensar sobre suas práticas, se acha normal, pessoas veem da mesma forma, entendem ou criticam, se acham haver preconceitos).

4. Solicitar que o depoente exponha o que mais lhe chama atenção no seriado.

5. Solicitar que diga o que o elemento referido como o que mais lhe chama atenção representa (simboliza) a seu ver.

6. Perguntar ao depoente o que pensa de forma geral sobre as características da sociedade nos dias de hoje.

7. Questionar se, em sua opinião, haveria relação entre alguma característica da sociedade e o sentido simbólico descrito pela pessoa em questão anterior. Se sim, pedir que explicita quais.

ANEXOS

ANEXO I- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a) em uma pesquisa que está sendo conduzida por uma aluna do Mestrado em Desenvolvimento Humano, da Universidade de Taubaté (UNITAU). Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: “*THE WALKING DEAD*: Estudo sobre o significado da série e sua relação com a sociedade ocidental contemporânea”.

Pesquisadora Responsável: Camila Nogueira de Sá Boaventura.

Telefone para contato: (12) 991390803, inclusive ligações a cobrar.

Orientador (a) Responsável: Prof. Dr. André Luis da Silva.

Trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, cujo objetivo é conhecer e compreender a simbologia da série T.W.D. e sua possível relação com contemporaneidade. Os dados serão coletados por meio do uso de uma entrevista (semiestruturada), na qual você terá que conversar sobre eixos de um roteiro.

As informações serão gravadas em mídia digital, analisadas pela pesquisadora, que, após transcritas, serão destruídas. Todo material transcrito será guardado por cinco anos. O anonimato será assegurado em todo o processo de pesquisa e de divulgação dos dados e publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. Os entrevistados terão o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. O material em seguida será analisado e essa participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento e compreensão de como se pode pensar o simbólico expressado pelo seriado nas sociedades pós-modernas. Tal proposta contribui posteriormente à construção de propostas de políticas públicas em diversas áreas (cultura, educação, saúde) que visem

fortalecer a subjetivação humana em valores calcados não apenas no que é apregoadado massivamente como forma única de alegria e prazer atualmente, contribuindo inclusive à prevenção de certas formas de sofrimento psíquico prevalentes na atualidade. Os resultados da pesquisa podem ser encontrados em relatório na Biblioteca da UNITAU (Universidade de Taubaté) a partir de dezembro de 2013.

Camila Nogueira de Sá Boaventura _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu,-----RG-----

abaixo assinado, concordo em contribuir com o estudo “*THE WALKING DEAD*:

Estudo sobre o significado da série e sua relação com a sociedade ocidental contemporânea”, como participante. Informo que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora Camila Nogueira de Sá Boaventura sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. E, ainda, foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

São

Paulo:

____/____/____Assinatura:_____201

ANEXO II- Parecer consubstanciado



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: THE WALKING DEAD:

Estudo sobre o significado da série e sua relação com a sociedade ocidental contemporânea

Pesquisador: Camila Nogueira de Sá Boaventura

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 39318314.8.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 913.364

Data da Relatoria: 11/12/2014

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa ainda não está estruturado, pois, no trabalho a ser apresentado só tem a parte introdutória e sumário.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar quais características da sociedade ocidental contemporânea se expressam simbolicamente através da temática exposta na série The Walking Dead para seus telespectadores, ao mesmo tempo participantes de Zombie Walks (caminhadas em que participantes devem ir vestidos de zumbis) e de sites sobre a série (páginas e blogs na internet que reúnem fãs do seriado).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora inicia negando os riscos mas logo em seguida afirma existí-los, apesar de mínimos.

Há benefícios no estudo do comportamento dos telespectadores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora deve entregar o projeto na íntegra.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
 Bairro: Centro CEP: 12.020-040
 UF: SP Município: TAUBATÉ
 Telefone: (12)3635-1233 Fax: (12)3635-1233 E-mail: cepunitau@unitau.br



UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ -
UNITAU



Continuação do Parecer: 913.364

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE não está no formato exigido pelo CONEP e CEP.

Recomendações:

Entregar o TCLE e o projeto de pesquisa em sua íntegra.

O cronograma deve ser refeito.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora já fora comunicada da necessidade da assinatura e complemento do TCLE, porém, não juntou o referido documento.

Situação do Parecer:

Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 12/12/14, analisou o Projeto de Pesquisa acima apresentado, para a aprovação é necessário adequá-lo de acordo com as solicitações apresentadas no parecer do Colegiado. A emissão do parecer final dependerá do atendimento das pendências por parte do Pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa. O não atendimento das pendências em 30 dias configurará desistência da parte do pesquisador da realização do projeto.

TAUBATE, 14 de Dezembro de 2014

Assinado por:
Maria Dolores Alves Cocco
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br